



Universidade de Brasília
Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – FACE
Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGA

**BEM-ESTAR E DESEMPENHO: A INFLUÊNCIA DO
ENDIVIDAMENTO, DOS ESTILOS DE VIDA MATERIALISTA E DE
ANTICONSUMO**

ALVIM SANTANA AGUIAR

Orientadora: Profa. Dra. Amalia Raquel Pérez-Nebra

Dissertação de Mestrado Acadêmico em Administração

Brasília/DF, 27 de fevereiro de 2026.

ALVIM SANTANA AGUIAR

Bem-estar e desempenho: A influência do endividamento, dos estilos de vida materialista e de anticonsumo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Brasília (PPGA/UnB) como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Administração (matrícula 241101062).

Área de Concentração: Estudos Organizacionais e Gestão de Pessoas

Orientadora: Prof.^a Dra. Amalia Raquel Pérez-Nebra

Brasília/DF, 27 de fevereiro de 2026.

ALVIM SANTANA AGUIAR

Bem-estar e desempenho: A influência do endividamento, dos estilos de vida materialista e de anticonsumo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Administração da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Administração.

Dissertação analisada pela Banca Examinadora composta pelos membros:

Prof.^a Dr.^a Amalia Raquel Pérez-Nebra

Presidente (Universidade de Brasília – PPGA/ UnB)

Prof.^a Dr.^a Solange Alfinito

Examinadora Interna (Universidade de Brasília – PPGA/UnB)

Prof.^a Dr.^a Angela Asensio Martínez

Examinadora Externa (Universidad de Zaragoza, Espanha – CFH/UFSC)

Prof. Dr. Rafael Barreiros Porto

Examinador suplente (Universidade de Brasília – PPGA/UnB)

Brasília – DF, 27 de fevereiro de 2026.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e minha avó, Rafaela e Maria das Dores, por tudo. Agradeço por me darem a base, fazerem parte de todos os caminhos que eu trilhei até aqui e além. Obrigada por todo o apoio e o carinho que ajudaram a seguir em diante.

Agradeço aos meus amigos por me darem apoio emocional e ficarem comigo nos momentos felizes e difíceis.

Agradeço à minha orientadora, Amalia Raquel Pérez-Nebra, pelo companheirismo, pela atenção e por me guiar por toda essa trajetória. Nossos caminhos se cruzaram em 2020 por meio de um projeto de pesquisa de iniciação científica, e, desde então, construímos uma relação de aprendizado, que foi muito além do crescimento profissional e que, certamente, não se findará nos limites desta dissertação. Eu me sinto extremamente abençoado por conhecer uma pessoa tão maravilhosa, dedicada e especial e por todo aprendizado que construímos. Sou grato por toda nossa jornada.

Agradeço aos meus colegas da equipe Alfailetrando da CRE do Plano Piloto pela grande ajuda ao responder a minha pesquisa e ajudar na divulgação.

Agradeço à Khristley pela grande ajuda na divulgação da pesquisa, pela disponibilidade em me ajudar a pensar como alcançar mais servidores e no formato da divulgação, além de me ajudar a contatar a equipe de Bem-estar no trabalho e de Programa de Educação Financeira.

Agradeço a todos os servidores e servidoras que responderam à minha pesquisa e puderam me ajudar a entender melhor esse fenômeno.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade de Brasília pelas aulas enriquecedoras que tive ao longo do programa e todas as trocas e diálogos que tive com os professores e os colegas, que me auxiliaram a construir as ideias por trás do meu projeto.

RESUMO

O bem-estar e o desempenho no trabalho são metas da área de gestão de pessoas que apresentam, entre seus preditores, a satisfação de necessidades de valores humanos individuais. A partir do trabalho, o indivíduo consome bens e serviços para suprir suas necessidades e desejos. Os valores por trás desse consumo podem estar alinhados a um estilo de vida materialista ou de anticonsumo, como, por exemplo, a simplicidade voluntária. O materialismo, caracterizado pela importância dada à posse de bens materiais, está associado a maiores níveis de endividamento e de estresse financeiro; o anticonsumo, por outro lado, está relacionado à promoção do bem-estar e à redução do endividamento. Entretanto, embora a função do trabalho seja viabilizar o consumo de bens e serviços, e haja evidências de que a satisfação de necessidades do indivíduo esteja relacionada ao bem-estar, não há evidências sobre o impacto desse consumo na relação com o bem-estar e o desempenho no trabalho. Este estudo buscou analisar a influência do endividamento, do estilo de vida materialista e do estilo de vida de anticonsumo sobre a relação entre bem-estar e desempenho no trabalho, utilizando a perspectiva de Bem-estar e Desempenho Sustentável no Trabalho. Por meio de uma abordagem quantitativa, conduziu-se um *survey* com 251 servidores públicos da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Os resultados, analisados via análise de cluster, fatorial confirmatória, regressão logística multinomial e moderação, confirmaram que a relação entre bem-estar e desempenho se estrutura em quatro grupos distintos: feliz e produtivo (sustentável), infeliz e improdutivo, feliz e improdutivo e infeliz e produtivo. O materialismo, especialmente a crença de que posses trazem felicidade, associou-se positivamente aos grupos não sustentáveis (infeliz e improdutivo; infeliz e produtivo). Já a simplicidade voluntária, em especial o desejo por uma vida simples, mostrou-se como um fator protetor, associando-se positivamente ao grupo sustentável. O endividamento, mensurado de forma objetiva (renda comprometida) e subjetiva (percepção), atuou como moderador, potencializando os efeitos negativos do materialismo e atenuando ligeiramente os efeitos positivos da simplicidade voluntária. Este estudo contribuiu trazendo evidências de que os valores de consumo e a situação financeira pessoal são antecedentes relevantes dos diferentes grupos de bem-estar e desempenho, com implicações para a literatura de gestão de pessoas, para promoção de políticas públicas voltadas à educação financeira e ao consumo consciente e para o treinamento e capacitação dos trabalhadores nas organizações, de modo a fomentar uma vida financeira saudável e um estilo de vida com foco na simplicidade voluntária.

Palavras-chave: Materialismo, Anticonsumo, Endividamento, Bem-estar, Desempenho no trabalho, Sustentabilidade.

ABSTRACT

Well-being and job performance are key objectives in the field of human resource management, and among their predictors is the fulfillment of individual human value needs. Through work, individuals consume goods and services to meet their needs and desires. The values underlying this consumption may align with either a materialistic lifestyle or an anti-consumption lifestyle, such as voluntary simplicity. Materialism, characterized by the importance placed on the possession of material goods, is associated with higher levels of indebtedness and financial stress; anti-consumption, on the other hand, is related to the promotion of well-being and the reduction of indebtedness. However, although the function of work is to enable the consumption of goods and services, and there is evidence that the satisfaction of individual needs is related to well-being, there is no evidence regarding the impact of such consumption on the relationship between well-being and job performance. This study aimed to analyze the influence of indebtedness, materialistic lifestyle, and anti-consumption lifestyle on the relationship between well-being and job performance, using the perspective of Sustainable Well-being and Performance at Work. Through a quantitative approach, a survey was conducted with 251 public servants from the Department of Education of the Federal District. The results, analyzed using cluster analysis, confirmatory factor analysis, multinomial logistic regression, and moderation analysis, confirmed that the relationship between well-being and performance is structured into four distinct groups: happy and productive (sustainable), unhappy and unproductive, happy and unproductive, and unhappy and productive. Materialism, especially the belief that possessions bring happiness, was positively associated with the non-sustainable groups (unhappy and unproductive; unhappy and productive). Voluntary simplicity, particularly the desire for a simple life, emerged as a protective factor, showing a positive association with the sustainable group. Indebtedness, measured both objectively (income committed to debt) and subjectively (perceived indebtedness), acted as a moderator, strengthening the negative effects of materialism and slightly attenuating the positive effects of voluntary simplicity. This study contributes by providing evidence that consumption values and personal financial situation are relevant antecedents of the different well-being and performance groups, with implications for the human resource management literature, for the promotion of public policies aimed at financial education and conscious consumption, and for worker training and development in organizations, in order to foster healthy financial lives and lifestyles focused on voluntary simplicity.

Keywords: Materialism, Anti-consumption, Indebtedness, Well-being, Job performance, Sustainability.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Variáveis Sociodemográficas	31
Tabela 2. Cargas fatoriais da escala de Desempenho no trabalho	34
Tabela 3 . Regressão logística multinomial.....	43
Tabela 4 . Anova não-paramétrica de Kruskal-Wallis	47
Tabela 5 . Comparações múltiplas de Sucesso pelo teste de Dwass-Steel-Critchlow-Fligner	48
Tabela 6 . Comparações múltiplas de Sucesso pelo teste de Dunn	48
Tabela 7 . Comparações múltiplas de Felicidade pelo teste de Dwass-Steel-Critchlow-Fligner	48
Tabela 8 . Comparações múltiplas de Felicidade pelo teste de Dunn	49
Tabela 9 . Estilos de vida moderados por renda comprometida	51
Tabela 10 . Estilos de vida moderados por percepção de endividamento	54
Tabela 11. Confirmação das hipóteses	58
Tabela 12. Cargas fatoriais de bem-estar no trabalho	105
Tabela 13 . Cargas fatoriais de materialismo	106
Tabela 14 . Cargas fatoriais de centralidade.....	108
Tabela 15 . Cargas fatoriais de felicidade	109
Tabela 16 . Cargas fatoriais de materialismo	110
Tabela 17. Correlação das variáveis.....	112

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Relação entre bem-estar e desempenho	14
Figura 2. Modelo teórico	18
Figura 3. Grupos dos clusters de bem-estar e desempenho	41
Figura 4. Grupos de bem-estar e desempenho.....	41
Figura 5. Moderação de renda comprometida em Desejo por uma vida simples.....	52
Figura 6. Moderação de renda comprometida em Felicidade	53
Figura 7. Moderação de endividamento percebido em Desejo por uma vida simples	56
Figura 8. Moderação de endividamento percebido em Felicidade.....	57

LISTA DE ABREVIações

AFC – Análise Fatorial Confirmatória
ANOVA – Análise de Variância
APA – *American Psychological Association*
CFI – *Comparative Fit Index*
CEP/CHS – UnB – Comitê de Ética e Pesquisa/Ciências Humanas e Sociais – Universidade de Brasília
CNC – Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo
DF – Distrito Federal
EAPE – Escola de Formação Continuada dos Profissionais de Educação
EBVM – Escala Brasileira de Valores Materiais
FI – Feliz e Improdutivo (grupo)
FIA – Fundação Instituto de Administração
FP – Feliz e Produtivo (grupo)
HPW – *Happy Productive Worker* (Trabalhador Feliz e Produtivo)
II – Infeliz e Improdutivo (grupo)
IP – Infeliz e Produtivo (grupo)
K-means – Método de Análise de Grupo por Partição
PPGA/UnB – Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Brasília
RMSEA – Root Mean Square Error of Approximation
SEEDF – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TLI – Tucker-Lewis Index
UnB – Universidade de Brasília
 χ^2 – Qui-quadrado (teste estatístico)

1. Introdução.....	11
1.1 Problema e objetivos da pesquisa.....	14
1.2 Justificativa.....	16
2. Referencial Teórico	18
2.1. A relação entre bem-estar no trabalho e desempenho no trabalho	18
2.2. Antecedentes: o caso do dinheiro	21
2.3. A relação com o dinheiro	22
2.3.1. Orientação de consumo	22
2.3.2. O endividamento	27
3. Método	31
3.1. Amostra	31
3.2. Caracterização da amostra.....	31
3.3. Instrumento.....	34
3.4. Procedimentos	37
3.4.1. Procedimento de coleta de dados	37
3.4.2. Cuidados éticos.....	37
3.4.3. Procedimentos de análise dos dados.....	38
4. Resultados	40
4.1. Construção dos grupos de bem-estar e desempenho no trabalho	40
4.2. Os estilos de vida e os grupos	43
4.3. Testes da hipótese alternativa de comparação entre os grupos	47
4.4. O endividamento como moderador	50
5. Discussão.....	60
Referências	67
Apêndice A – Carta de autorização da EAPE	79
Apêndice B – Carta do Comitê de Ética e Pesquisa	81
Apêndice C - Survey	85
Apêndice D - Análise Fatorial Confirmatória das escalas.....	105
Apêndice E – Inspeção descritiva	112

1. Introdução

O trabalho é um aspecto central da qualidade de vida das pessoas, ele garante a subsistência, é fonte de identidade e desenvolvimento psicossocial, e um meio para realizar objetivos de vida (Barros et al., 2018; Borges & Tamayo, 2001; Goulart, 2009; Macarov, 1981; 1987; Romano & Spizzichino, 2012). Dentre os objetivos, a aquisição de bens e serviços pode ser um valor central na vida de um indivíduo (i.e., materialismo) e, sem conhecimento financeiro adequado, esse indivíduo pode optar por endividar-se para acelerar o alcance desses objetivos (Dittmar et al., 2014). No entanto, este valor materialista (ou seu oposto, um valor de anticonsumo, como é o caso da simplicidade voluntária) e o endividamento podem não ser apenas um produto do trabalho, mas impactar nele. Em outras palavras, eles podem ser antecedentes do bem-estar e do desempenho no trabalho. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar como o endividamento e os estilos de vida materialista e de anticonsumo, operacionalizado por simplicidade voluntária, influenciam os diferentes grupos da relação entre bem-estar e desempenho no trabalho.

Nas últimas décadas, a cultura de consumo tem sido amplamente influenciada pelo materialismo, um valor que associa a felicidade e o sucesso à posse de bens materiais (Belk, 1985; Richins & Dawson, 1992). Indivíduos materialistas atribuem grande importância à aquisição de bens e frequentemente utilizam o consumo como meio de alcançar status e satisfação pessoal. No entanto, pesquisas indicam que o materialismo está negativamente associado ao bem-estar subjetivo e positivamente associado ao aumento da ansiedade (Dittmar et al., 2014; Nepomuceno & Laroche, 2015).

Por outro lado, observa-se um crescimento de movimentos que rejeitam essa lógica de consumo excessivo, como a adoção do estilo de vida de simplicidade voluntária. Consumidores adeptos a esse estilo de vida buscam reduzir o consumo de bens materiais, priorizando experiências e valores não materiais, como a sustentabilidade e o crescimento pessoal (Elgin & Mitchell, 1977; Ferraz et al., 2014a; Ferraz et al., 2014b; Iyer & Muncy, 2009). Ele tem sido associado a menores níveis de endividamento, uma vez que esses indivíduos tendem a evitar compras impulsivas e dívidas desnecessárias (Nepomuceno & Laroche, 2015). Além disso, estudos indicam que pessoas que adotam a simplicidade voluntária apresentam níveis mais elevados de bem-estar, pois experimentam menor estresse financeiro e maior satisfação com a vida (Adapa, 2018; Hüttel et al., 2020).

O endividamento tem se tornado um problema global, afetando significativamente a qualidade de vida dos indivíduos. No Brasil, dados da Confederação Nacional do Comércio

de Bens, Serviços e Turismo (2025) apontam que 78,2% das famílias estão endividadas, com 29,5% inadimplentes, o maior pico desde outubro de 2023. Além disso, entre aqueles com dívidas em atraso, 12,5% afirmaram não ter condições de pagar. Em um país que ocupa a 2ª posição entre as nações com maior concentração de renda (Anversa, 2024), a desigualdade de renda agrava o problema do endividamento. Nesse processo, gera-se um estado de tensão mental e emocional decorrente da preocupação com dívidas e dificuldades econômicas (Prawitz et al., 2006), o que afeta diretamente o bem-estar dos indivíduos, reduzindo sua qualidade de vida e impactando sua saúde mental e física (Brown & Kasser, 2005). Em uma sociedade de consumo excessivo, em que o materialismo está presente, níveis elevados de endividamento estão associados ao materialismo (Dittmar et al., 2014; Nepomuceno & Laroche, 2015). Isso ocorre porque indivíduos com forte orientação materialista tendem a gastar além de suas possibilidades, recorrendo ao crédito e ao endividamento para sustentar um padrão de consumo elevado (Pirog & Roberts, 2007; Ponchio & Aranha, 2008; Richins, 2011).

Diante desse cenário, esta pesquisa busca investigar como o materialismo, o estilo de vida simplicidade voluntária e o endividamento influenciam a relação entre bem-estar e desempenho no trabalho, e como o endividamento pode moderar a relação entre estilos de vida e bem-estar-desempenho. Embora a literatura tenha explorado amplamente a relação entre materialismo e bem-estar, como apresentado na meta-análise de Dittmar et al. (2014), em que os autores consolidaram evidências robustas da associação negativa entre materialismo e bem-estar pessoal, demonstrando que os valores materialistas se relacionam sistematicamente com menor satisfação com a vida, maior depressão e ansiedade, além de relacionamentos interpessoais mais frágeis. Ainda permanece uma lacuna sobre como o materialismo pode impactar o bem-estar e o desempenho no trabalho. Da mesma forma, a relação entre simplicidade voluntária e bem-estar tem sido investigada em diferentes contextos, revelando padrões distintos em comparação com estilos de vida materialista, correlacionando-se com menor endividamento e maior equilíbrio nas finanças pessoais (Nepomuceno & Laroche, 2015). Complementarmente, Hüttel et al. (2020) identificaram que a simplicidade voluntária promove bem-estar através de mecanismos não materiais, como maior autonomia, conexão com a natureza e satisfação com o tempo livre, fatores que podem influenciar positivamente a saúde psicológica no ambiente laboral. Contudo, apesar desses avanços, poucos estudos analisam os efeitos diretos da simplicidade voluntária sobre o desempenho no trabalho, deixando uma lacuna na compreensão de como estilos de vida anticonsumo podem impactar o bem-estar e o desempenho no trabalho.

Outra lacuna importante na literatura diz respeito ao impacto do endividamento no desempenho profissional. Enquanto há evidências de que dificuldades financeiras podem afetar a saúde mental e a satisfação no trabalho (Prawitz et al., 2006), ainda são escassas as pesquisas que investigam como esses fatores influenciam o desempenho. Rahim et al. (2020), por exemplo, ao investigar trabalhadores do setor público e de serviços da Malásia, identificaram que trabalhadores financeiramente estressados e materialistas apresentam maior propensão ao presenteísmo, uma manifestação de comportamento contraproducente de desempenho, em que o indivíduo permanece fisicamente presente, mas cognitiva e emocionalmente indisponível para o trabalho ou fisicamente mais lento. Esse estado reduz a motivação, prejudica o foco e compromete o desempenho, mesmo sem a ausência física do trabalhador.

Sobre a relação entre desempenho e bem-estar no trabalho, Pérez-Nebra et al. (2021), em uma revisão sistemática de duas décadas de pesquisas nesta área no Brasil, evidenciam que essa relação é complexa e multifacetada, variando conforme os indicadores utilizados e os contextos organizacionais analisados. Os autores observaram que os resultados empíricos são muitas vezes inconsistentes, com relações positivas, nulas ou mesmo negativas, o que sugere a existência de variáveis moderadoras ou mediadoras que interferem na dinâmica entre esses dois construtos, mas apontam que, no Brasil, diferente de outros contextos, a satisfação com o salário emerge como um marcador diferenciador. Isso reforça a necessidade de explorar fatores adicionais, como o endividamento e o estilo de vida dos trabalhadores, para compreender como se explicam as diferentes combinações que ocorrem na relação entre bem-estar e desempenho.

Para preencher essas lacunas, este estudo adotará a perspectiva de bem-estar e desempenho sustentável no trabalho, proposto por Peiró et al. (2014, 2015, 2019). Diferente do modelo tradicional que associa felicidade à produtividade, essa perspectiva incorpora uma visão mais ampla do bem-estar, considerando tanto aspectos hedônicos quanto eudaimônicos, e do desempenho, considerando suas três dimensões: o desempenho com foco na tarefa, o desempenho contextual e o desempenho contraproducente. Segundo esse modelo, a relação entre bem-estar e desempenho pode se estruturar de diferentes maneiras, resultando em quatro padrões: feliz e produtivo, infeliz e improdutivo, feliz e improdutivo e infeliz e produtivo – sendo que apenas o primeiro é sustentável no longo prazo (Peiró et al., 2019).

A relevância desta pesquisa reside em sua contribuição para a área de gestão de pessoas, ao explorar como fatores externos ao ambiente organizacional – como o consumo e a situação financeira dos indivíduos – impactam a relação entre bem-estar e desempenho.

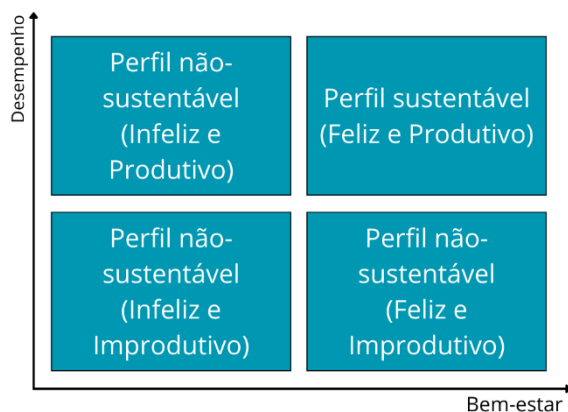
Além disso, ao analisar o papel do materialismo e do anticonsumo no contexto laboral, este estudo pode fornecer *insights* valiosos para o desenvolvimento de práticas organizacionais que promovam um ambiente de trabalho mais sustentável e equilibrado.

1.1 Problema e objetivos da pesquisa

Estudos recentes sobre a relação entre bem-estar e desempenho no trabalho têm revelado que essa interação não é linear, mas se expressa em diferentes padrões ou grupos, que variam de acordo com as condições pessoais e contextuais dos trabalhadores (Peiró et al., 2021; Pérez-Nebra et al., 2021). Assim, Peiró e Ayala (2014), Peiró e Kozusznik (2019), Peiró e Montesa (2021) e Peiró e Tordera (2015) fundamentaram a perspectiva sustentável da relação entre bem-estar e desempenho, propondo a estruturação dessa relação em quatro grupos: (1) alto bem-estar e alto desempenho (feliz e produtivo), o único que é sustentável ao longo do tempo; (2) baixo bem-estar e baixo desempenho (infeliz e improdutivo); (3) baixo bem-estar e alto desempenho (infeliz e produtivo); e (4) alto bem-estar e baixo desempenho (feliz e improdutivo). Esses grupos são apresentados na Figura 1.

Figura 1

Relação entre bem-estar e desempenho



Fonte: Elaboração pelo autor com base nos estudos de Peiró et al. (2014; 2021; 2015)

Além disso, estudos como o de Pérez-Nebra et al. (2021) apontam que os vínculos empíricos entre bem-estar e desempenho variam amplamente, sugerindo que variáveis moderadoras ou mediadoras – de ordem individual, social ou econômica – interferem nesse equilíbrio. Entre os fatores ainda pouco explorados, destaca-se o impacto das condições financeiras dos trabalhadores, como o endividamento e os estilos de vida relacionados ao consumo.

O endividamento excessivo é um fenômeno crescente, especialmente em países como o Brasil, e está associado a altos níveis de estresse financeiro, com implicações negativas para a saúde mental, a satisfação com a vida e o funcionamento no trabalho (Prawitz et al., 2006). A literatura sugere que pessoas endividadas podem apresentar comprometimentos em seus recursos cognitivos e emocionais, resultando em menor engajamento e produtividade (Rahim et al., 2020). Além disso, o materialismo – valor que associa sucesso e felicidade à posse de bens – também tem sido relacionado a menor bem-estar subjetivo e maior propensão ao endividamento (Dittmar et al., 2014; Richins, 2011). Por outro lado, estilos de vida de anticonsumo, como a simplicidade voluntária, tendem a promover maior equilíbrio financeiro, menor estresse e maior bem-estar (Hüttel et al., 2020; Nepomuceno & Laroche, 2015).

Apesar dessas evidências, ainda é escasso o conhecimento sobre como o endividamento e os valores de consumo interferem nos grupos de bem-estar e desempenho no trabalho, especialmente na perspectiva de grupos (Peiró et al., 2019), que considera a sustentabilidade da relação entre bem-estar e desempenho a partir da combinação de aspectos hedônicos, eudaimônicos e produtivos. Nesse sentido, surge a seguinte questão de pesquisa: Qual é a influência do endividamento, do materialismo e da simplicidade voluntária sobre os (quatro) grupos de bem-estar e desempenho?

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar como o endividamento e os estilos de vida materialista e de simplicidade voluntária influenciam os quatro grupos da relação entre bem-estar e desempenho no trabalho. Os objetivos específicos são:

1. Avaliar e validar a escala de Desempenho no trabalho (Koopmans et al., 2014);
2. Verificar se a relação entre bem-estar e desempenho se configura em quatro grupos distintos, conforme Peiró et al. (2014; 2019; 2021);
3. Investigar a relação entre o endividamento e os grupos de bem-estar e desempenho;
4. Investigar a relação entre o materialismo e os grupos de bem-estar e desempenho;
5. Investigar a relação entre a simplicidade voluntária e os grupos de bem-estar e desempenho;
6. Investigar se o endividamento atua como moderador da relação entre materialismo e os grupos de bem-estar e desempenho;
7. Investigar se o endividamento atua como moderador da relação entre simplicidade voluntária e os grupos de bem-estar e desempenho;
8. Investigar a relação entre as variáveis sociodemográficas e os grupos de bem-estar e desempenho.

1. 2 Justificativa

Este estudo justifica-se pela crise de endividamento das famílias brasileiras e pela necessidade de compreender os seus reflexos na esfera laboral. No Brasil, dados recentes indicam que 78,2% das famílias estão endividadas, sendo que 29,5% se encontram em situação de inadimplência (CNC, 2025). Este cenário é agravado por uma das maiores concentrações de renda do mundo, o que amplia a vulnerabilidade econômica e social (Anversa, 2024). O endividamento não representa apenas uma pressão financeira, mas também pode se tornar uma fonte de tensão mental e emocional, impactando diretamente o bem-estar, a saúde física e a qualidade de vida dos indivíduos (Brown & Kasser, 2005; Prawitz et al., 2006).

No contexto das organizações, as repercussões da instabilidade financeira pessoal podem ser substanciais e transcender a esfera privada. Trabalhadores sob estresse financeiro apresentam maior propensão ao presenteísmo — estado em que o colaborador está fisicamente presente, mas cognitiva e emocionalmente indisponível — o que compromete o foco e a produtividade (Rahim et al., 2020). Estima-se que funcionários endividados possam produzir até 15% menos (Cardoso & Brêtas, 2019) e percam, em média, seis horas mensais de trabalho a lidar com questões financeiras (Pati, 2025). Além disso, oito em cada dez profissionais em risco de *burnout* apresentam problemas financeiros como causa principal (Pati, 2025).

Do ponto de vista teórico, esta investigação avança no debate sobre a relação entre bem-estar e desempenho, frequentemente embasado na tese do Trabalhador Feliz e Produtivo (que aponta para uma correlação positiva e forte entre os construtos), ao adotar a perspectiva sustentável de bem-estar e desempenho, integrando as perspectivas hedônica e eudaimônica de bem-estar e as diferentes dimensões de desempenho, além de apontar uma relação complexa entre os construtos. Ainda, esta pesquisa preenche uma lacuna ao analisar como os valores de consumo (materialismo e anticonsumo) e o endividamento interferem na dinâmica entre bem-estar e desempenho. Embora a literatura tenha consolidado a relação negativa entre materialismo e bem-estar pessoal (Dittmar et al., 2014), o conhecimento sobre o seu impacto no desempenho laboral ainda é incipiente (Deckop et al., 2015; Unanue et al., 2017). Ao analisar o materialismo e a simplicidade voluntária não apenas como valores de consumo, mas também como preditores dos grupos de bem-estar e desempenho, moderados pelo endividamento, este trabalho contribui para uma teoria da gestão de pessoas mais holística, que reconhece o indivíduo como um ser integral cujas escolhas de estilo de vida e de consumo impactam diretamente a sustentabilidade no trabalho.

Do ponto de vista social, a pesquisa aborda uma questão sensível da realidade

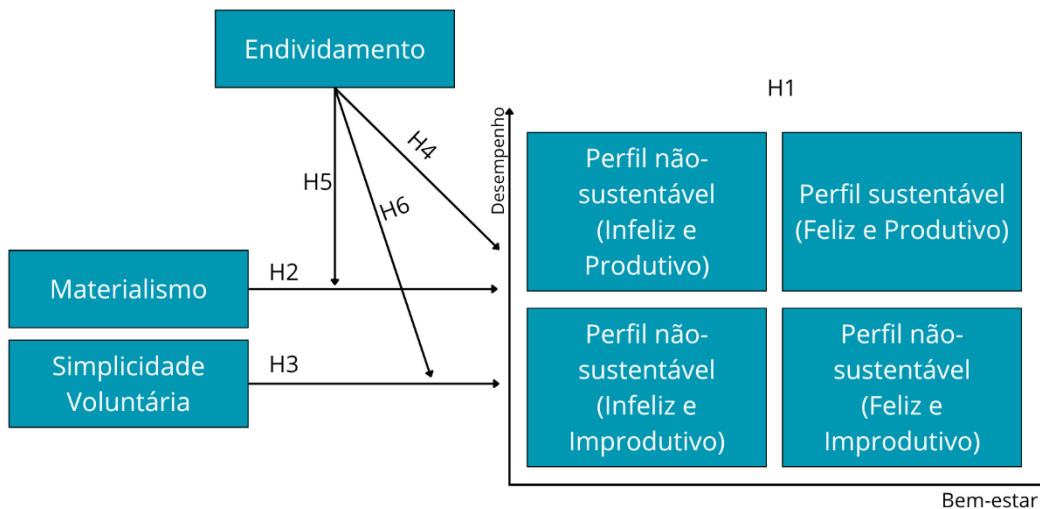
brasileira contemporânea: o endividamento em um contexto de profunda desigualdade de renda. Em uma sociedade que associa o sucesso à posse material, a busca pela inclusão social através do consumo frequentemente pode resultar em ciclos de dívida que comprometem a saúde mental e física das famílias. Este estudo contextualiza o endividamento como um fenômeno psicossocial complexo que não se limita ao ambiente individual e familiar, mas também impacta a vida laboral do indivíduo. Dessa forma, os resultados deste trabalho podem permitir a formulação de políticas públicas e melhores práticas de gestão de pessoas. Por fim, ao identificar os fatores que estabilizam ou desestabilizam a relação entre bem-estar e produtividade, a organização pode desenvolver intervenções direcionadas, como programas de educação financeira e ações voltadas ao consumo consciente (Pereira, 2021). Tais medidas não visam apenas à produtividade imediata, mas à promoção de um ambiente de trabalho saudável e equilibrado, essencial para a saúde do servidor (Peiró et al., 2019).

2. Referencial Teórico

Nesta seção, são apresentadas as abordagens conceituais e metodológicas das variáveis a serem estudadas e os achados de pesquisas empíricas que têm interface com os objetivos do presente estudo e ajudam a sustentar a discussão dos resultados encontrados. A Figura 2 apresenta a relação entre as variáveis a serem testadas no modelo teórico.

Figura 2

Modelo teórico



Fonte: Elaboração pelo autor.

2. 1. A relação entre bem-estar no trabalho e desempenho no trabalho

Antes de entender a relação entre o bem-estar no trabalho e o desempenho, é necessário compreender esses dois conceitos, suas dimensões e como se relacionam entre si. Nos estudos sobre bem-estar, duas perspectivas majoritárias se destacam, com raízes nas discussões filosóficas da Grécia Antiga: a perspectiva hedônica e a eudaimônica (Peiró et al., 2021; Peiró, Montesa, Soreano et al., 2021).

O bem-estar e a felicidade frequentemente se confundem na literatura científica (Paschoal & Tamayo, 2008). Na perspectiva hedônica, o foco está na felicidade dos trabalhadores, definida por experiências de prazer e desprazer e por julgamentos decorrentes desses elementos positivos e negativos (Ryan & Deci, 2001). Assim, podem ser categorizadas como experiências cognitivas ou afetivas, como, por exemplo, a satisfação e as emoções no trabalho.

A segunda perspectiva do bem-estar, a eudaimônica, vai além das experiências de (des)prazer, focando na realização pessoal e nas metas fundamentais de vida, englobando

elementos de autorrealização (Waterman, 1993). Embora sejam perspectivas diferentes, os elementos hedônicos e eudaimônicos integram uma mesma estrutura global de bem-estar e tendem a estar relacionados entre si (Kashdan et al., 2008; Keyes et al., 2002; Linley et al., 2009).

Assim como o bem-estar é um construto multidimensional, o desempenho também é multidimensional, contendo diferentes focos. O foco na tarefa, que consiste no cumprimento das tarefas, o desempenho contextual, que engloba os comportamentos criativos e adaptativos, e o desempenho contraproducente, que são comportamentos contraproducentes, ou seja, prejudicam a organização (Koopmans et al., 2011; Pérez-Nebra et al., 2021).

A relação entre as variáveis de bem-estar e desempenho no trabalho vem sendo debatida na literatura, com visões distintas. De um lado, algumas pesquisas apontam que o bem-estar prediz desempenho, logo trabalhadores com alto bem-estar apresentariam um alto desempenho (Cropanzano & Wright, 2001; Wright et al., 2007; Zelenski et al., 2008). Essa visão é habitualmente chamada de modelo do “trabalhador feliz e produtivo” (*Happy Productive Worker* - HPW). A lógica neste modelo é multifacetada. Primeiramente, parte da ideia de que emoções positivas (mais associadas ao bem-estar hedônico) ampliam o repertório cognitivo e comportamental do indivíduo, tornando-o mais criativo, resiliente e aberto a novas soluções, o que facilitaria um desempenho excepcional (Fredrickson, 2001). Em segundo lugar, o bem-estar está associado a maiores níveis de energia, motivação intrínseca e engajamento, recursos fundamentais para a persistência e a qualidade na execução de tarefas (Bakker & Demerouti, 2008). Por fim, funcionários felizes tendem a cultivar melhores relações sociais no trabalho, promovendo a cooperação e a cidadania organizacional, componentes do desempenho contextual (Podsakoff et al., 2009).

Apesar de essa perspectiva ser usualmente adotada nas pesquisas, alguns estudos vêm apontando limitações nas medidas utilizadas por ela, bem como nas relações entre as variáveis e seus antecedentes (Peiró et al., 2015). Esse modelo foca na visão hedônica de bem-estar, logo, não considera a perspectiva eudaimônica do bem-estar, como o propósito de vida e o crescimento pessoal (Peiró et al., 2021), e engloba apenas o desempenho com foco na tarefa, desconsiderando outros tipos de desempenho, como o contextual e o contraprodutivo (Koopmans et al., 2011). Além disso, a correlação entre esses construtos tem sido questionada, pois a magnitude da relação entre bem-estar e desempenho nem sempre é positiva e moderada/forte (Ayala et al., 2017; Pérez-Nebra, 2021). Em seu trabalho de revisão sistemática, Pérez-Nebra et al. (2021) indicaram que há estudos apontando relações moderadas e positivas, fracas e positivas, nulas ou até mesmo negativas, pois, a depender das dimensões e dos

instrumentos usados para captar esses construtos, diferentes evidências são encontradas. Assim, os autores apontam que o ideal é adotar uma perspectiva mais ampla, enfatizando a sustentabilidade como objetivo desta relação. Esse pensamento é compartilhado por Peiró, et al. (2019), que propõem uma nova perspectiva: o Bem-Estar e Desempenho Sustentável no Trabalho (ou Belasos, *Bienestar y desempeño sostenible en el trabajo*). Assim, o Belasos busca superar essas limitações, incorporando também a perspectiva de bem-estar eudaimônico e os diferentes tipos de desempenho no trabalho (Peiró et al., 2014; 2015; 2019). Além disso, ele busca avançar na compreensão da relação entre as variáveis ao sugerir que a relação entre bem-estar e desempenho não é linear, mas sim estruturada em quatro quadrantes, divididos por padrões antagônicos (alto bem-estar e baixo desempenho; baixo bem-estar e alto desempenho) e por padrões sinérgicos (alto bem-estar e alto desempenho; baixo bem-estar e baixo desempenho). Assim, dentre os quatro grupos, o grupo feliz e produtivo é o grupo esperado e sustentável e os demais grupos não são sustentáveis ao longo do tempo (Peiró et al., 2014; 2015; 2019).

Desta forma, como a maneira que a relação entre bem-estar e desempenho no trabalho se estrutura ainda não é um consenso na literatura, a primeira proposição deste trabalho é que a relação entre bem-estar e desempenho não segue um padrão linear, mas pode ser categorizada em quatro grupos distintos, conforme proposto pela perspectiva de Bem-Estar e Desempenho Sustentável (Peiró et al., 2019). Desses grupos, apenas um (alto bem-estar e alto desempenho) demonstra sustentabilidade a longo prazo, enquanto os demais refletem desequilíbrios que podem levar a consequências negativas tanto para o indivíduo quanto para a organização (alto bem-estar e baixo desempenho; baixo bem-estar e alto desempenho; baixo bem-estar e baixo desempenho). Dentre esses, apenas o primeiro (alto bem-estar e alto desempenho).

Assim, estipula-se a primeira hipótese do trabalho:

Hipótese 1. A relação entre bem-estar e desempenho se estrutura em quatro grupos distintos.

Apesar de o *Belasos* trazer importantes avanços na compreensão da relação entre bem-estar e desempenho no trabalho, a complexidade dessa relação exige uma análise mais aprofundada dos fatores que podem afetar ou explicar os diferentes grupos que emergem a partir dela (Peiró et al., 2021). Identificar variáveis preditoras é essencial não apenas para compreender a dinâmica entre bem-estar e desempenho, mas também para propor estratégias organizacionais e políticas públicas voltadas à promoção de relações mais sustentáveis no ambiente de trabalho. Segundo Peiró et al. (2019), compreender os fatores que explicam os diferentes grupos entre bem-estar e desempenho é um passo fundamental para o

desenvolvimento de intervenções eficazes. Isso é especialmente importante considerando que nem todos os grupos são sustentáveis no longo prazo, exigindo ações estratégicas e preventivas por parte das organizações. Como também destaca Warr (2007), intervenções eficazes em bem-estar no trabalho precisam considerar o contexto ocupacional e os determinantes individuais e sociais que influenciam os estados afetivos e cognitivos dos trabalhadores. Isso é especialmente relevante para os grupos considerados antagônicos, como o trabalhador infeliz-produtivo ou o feliz-improdutivo, cujas trajetórias são insustentáveis a longo prazo e podem levar ao esgotamento, à rotatividade ou à queda de desempenho (Peiró et al., 2019). Desta forma, é fundamental compreender os fatores contextuais, pessoais e sociais que (des) estabilizam essa relação.

2.2. Antecedentes: o caso do dinheiro

O dinheiro é um elemento central nas relações de trabalho e na vida cotidiana, influenciando tanto o bem-estar quanto o desempenho dos indivíduos. No contexto brasileiro, sua percepção e significado são marcados por particularidades culturais e socioeconômicas que diferem das de outros países (Moreira, 2002). Moreira e Tamayo (1999) identificaram nove componentes que capturam a complexidade dessas percepções: Poder, Conflito, Prazer, Progresso, Cultura, Desapego, Sofrimento, Desigualdade e Estabilidade. Esses componentes revelam como o dinheiro é visto não apenas como um recurso instrumental, mas também como um símbolo carregado de significados sociais, emocionais e culturais.

Estudos comparativos regionais no Brasil revelam como essas percepções variam conforme contextos econômicos e históricos. A região Norte, por exemplo, tende a associar o dinheiro à Estabilidade, enquanto no Nordeste há ênfase em Conflito e Desapego. Já no Sudeste, ele é fortemente relacionado ao Poder e à Desigualdade (Moreira, 2002). Essas diferenças regionais indicam que o significado do dinheiro está enraizado em experiências coletivas e na estrutura socioeconômica local. A persistente disparidade de renda no país, aliada a elevados níveis de endividamento, acentua a centralidade do dinheiro no cotidiano e reforça sua associação com sentimentos como ansiedade, sofrimento e insegurança (Moreira & Tamayo, 1999).

Apesar dessa relevância, o dinheiro raramente é o foco da literatura organizacional. As teorias clássicas sobre satisfação e desempenho frequentemente priorizam os atributos intrínsecos do trabalho, como autonomia, reconhecimento e propósito, relegando o dinheiro a uma função meramente instrumental. Assim, reduz-se a visão que o dinheiro desempenha como mediador de relações sociais, de acesso a oportunidades e de validação pessoal. O dinheiro

permeia todas as esferas da vida, afetando desde decisões familiares até interações interpessoais no ambiente de trabalho (Moreira & Tamayo, 1999).

Diener e Seligman (2004), ao proporem uma economia baseada no bem-estar, argumentam que políticas públicas e análises organizacionais precisam ir além dos indicadores monetários tradicionais, como o PIB ou a renda individual, para considerar diretamente os elementos subjetivos do bem-estar. Embora reconheçam que o dinheiro desempenha papel fundamental na redução da miséria e na garantia de condições básicas, os autores mostram que, a partir de determinado ponto, mais dinheiro não implica necessariamente mais felicidade ou maior desempenho. O bem-estar, nesse sentido, estaria mais associado à qualidade dos relacionamentos, ao senso de propósito, à segurança emocional e à saúde mental do que à renda.

Essa visão amplia a compreensão dos efeitos do dinheiro nos âmbitos social e individual, pois o dinheiro não apenas reflete o valor de mercado de um trabalho, mas também comunica reconhecimento, status e pertencimento (Richins, 2009). Em contextos de escassez ou de alta desigualdade, como no Brasil, sua ausência é sentida não apenas como limitação material, mas também como exclusão simbólica. Assim, a busca por bem-estar e desempenho sustentáveis deve incorporar tanto os atributos objetivos do trabalho (remuneração, estabilidade, condições físicas) quanto as percepções subjetivas desses atributos, moldadas por experiências passadas, referências culturais e comparações sociais, podendo se materializar por meio dos estilos de vida.

Assim, o dinheiro, no contexto brasileiro, é um fenômeno multifacetado, cujo significado varia conforme as regiões e as condições socioeconômicas. Sua relação com o bem-estar e o desempenho pode ser mediada por percepções culturais, contextuais e emocionais, que devem ser consideradas tanto na formulação de políticas públicas quanto na gestão de pessoas. Como propõem Diener e Seligman (2004), uma abordagem centrada no bem-estar exige que o dinheiro seja visto não apenas como fim, mas como meio para o florescimento humano e organizacional.

2.3. A relação com o dinheiro

2.3.1. Orientação de consumo

O dinheiro representa uma variedade de símbolos, os quais refletem as experiências dos indivíduos sob os diversos contextos sociais, históricos e culturais (Fernández, 2000; Furnham, 2014; Zelizer, 1989). As pesquisas sobre os significados do dinheiro e a percepção do indivíduo em relação ao dinheiro ganharam maior expressividade a partir da década de 1980 (Barros et al., 2018; Moreira, 2002; Távora, 2003).

No contexto brasileiro, Moreira e Tamayo (1999) e Moreira (2002) compreenderam o significado do dinheiro como um fenômeno multidimensional, influenciado por fatores que variam do nível individual ao macrossocial. A partir de um estudo empírico, identificaram-se nove componentes, situados nos polos de análise positivo (progresso, cultura, estabilidade, prazer) e negativo (desigualdade, desapego, conflito, sofrimento), sendo um desses componentes, o "poder", apresentando características de ambos, representando simultaneamente prestígio e dominação sociais.

Pesquisas baseadas nesse modelo têm demonstrado variações na percepção dos significados do dinheiro, segundo diferentes categorias ocupacionais ou grupos de participantes. Assim, segundo Lunardi (2012), estudantes associaram generosidade ao dinheiro, além dos nove componentes de Moreira e Tamayo (1999). Em outro estudo com estudantes, o dinheiro, percebido como felicidade, mostrou-se determinante no processo de escolha profissional (Oliveira, 2010). Trabalhadores de transporte público atribuíram maior ênfase ao altruísmo e à desigualdade (Távora, 2003), enquanto que, para operários da construção civil, a transcendência (associada à espiritualidade, como um meio de ajudar as pessoas) assumiu o primeiro nível em ordem de importância, seguido por conflito, altruísmo, desigualdade, prazer e sofrimento (Barros et al., 2018). Ainda, com uma amostra de operários da construção civil, Barros et al. (2018) encontraram diferenças na percepção dos significados do dinheiro entre dois momentos econômicos distintos: crescimento e retração.

Assim, percebe-se que o dinheiro, em sua essência, transcende a mera função de meio de troca econômica, assumindo um papel multifacetado e simbólico nas interações sociais (Giló & Bonfatti, 2022). Logo, o dinheiro não apenas representa necessidades materiais, mas também aspirações, valores e questões inconscientes que moldam o comportamento individual e coletivo (Magaldi Filho, 2004), fazendo parte de um sistema de valores humanos.

O valor atribuído ao dinheiro varia entre os indivíduos e as culturas, podendo influenciar a visão de mundo do indivíduo e, assim, influenciar seu comportamento financeiro e seu bem-estar psicológico. Decisões ruins ou o excesso de dívidas podem gerar estresse financeiro, afetando negativamente a saúde mental e o bem-estar geral (APA, 2022; Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, 2023). Essas decisões financeiras são frequentemente moldadas por fatores psicológicos e vieses cognitivos, e não apenas por um raciocínio estritamente lógico (Kahneman & Tversky, 1979; Thaler & Sunstein, 2021), e um desses fatores é o significado do dinheiro para o indivíduo, assim como o estilo de vida que ele adota.

Nesse contexto, o materialismo emerge como uma orientação de consumo que atribui

grande importância à posse e à aquisição de bens materiais como caminho para a felicidade e o sucesso (Burroughs, 2007). A literatura tem consistentemente demonstrado uma relação inversa entre o materialismo e o bem-estar psicológico (Kasser, 2002; Kasser & Ryan, 1993; Richins & Dawson, 1992). Indivíduos com altos níveis de materialismo tendem a apresentar menor satisfação com a vida, maior ansiedade e depressão, e menor autoestima (Kasser & Ryan, 1993; Richins & Dawson, 1992). A busca incessante por bens materiais pode levar a um ciclo de consumo insatisfatório, em que a felicidade é constantemente adiada para a próxima aquisição, resultando em um vazio existencial e problemas psicológicos (Kasser, 2002). O materialismo pode ser uma armadilha que condiciona a felicidade e a aceitação social à posse de bens, prejudicando a vida e a saúde mental (Kasser & Ryan, 1993; Richins & Dawson, 1992).

Apesar de a literatura mostrar associações negativas sobre a relação entre materialismo e bem-estar (Dittmar et al., 2014; Nepomuceno & Laroche, 2015; Prawitz et al., 2006), ainda estão incipientes os estudos sobre o impacto dele na relação com bem-estar e desempenho. Embora se possa inferir que o menor bem-estar associado ao materialismo possa, indiretamente, afetar o desempenho, a natureza e a extensão dessa influência, bem como os mecanismos subjacentes, permanecem pouco explorados. Estudos como o de Deckop et al. (2015) e Unanue et al. (2017) indicam que o materialismo no trabalho está associado a resultados menos positivos, como menor satisfação no trabalho, engajamento reduzido, e maior *burnout* e intenções de rotatividade. No entanto, a compreensão dos mecanismos pelos quais o materialismo afeta o desempenho de forma mais direta, além de sua relação com o bem-estar, ainda é limitada. Além disso, a investigação sobre como o materialismo afeta o desempenho profissional de forma independente do bem-estar também carece de aprofundamento empírico.

Desta forma, esta pesquisa estipula a seguinte hipótese:

Hipótese 2. O materialismo está associado negativamente ao grupo feliz e produtivo e positivamente aos grupos não sustentáveis, assim esta hipótese se divide de acordo com os fatores que compõem o materialismo:

H2. A. A centralidade está associada negativamente ao grupo Feliz e Produtivo e positivamente ao grupo Infeliz e Produtivo;

H2. B. A felicidade está associada negativamente ao grupo Feliz e Produtivo e positivamente aos grupos Infeliz e Produtivo e Infeliz e Improdutivo;

H2. C. O sucesso está associado negativamente ao grupo Feliz e Produtivo e positivamente aos grupos Infeliz e Produtivo e Infeliz e Improdutivo.

Em contrapartida ao materialismo, estilos de vida de anticonsumo, como a simplicidade voluntária, representam orientações que priorizam valores não materiais e a redução voluntária

da aquisição, do uso e do descarte de bens comoditizados (Ferraz et al., 2014a; 2014b; Lee et al., 2011). O anticonsumo pode se manifestar por meio de distintos estilos de vida (Hogg et al., 2009; Iyer & Muncy, 2009), os quais refletem diferentes motivações para a redução do consumo de produtos comoditizados.

Assim, o anticonsumo engloba desde atividades políticas, sociais e de consumo protagonizadas por movimentos informais e individualistas, como os simplificadores voluntários, até movimentos organizados de larga escala, como os protestos antiglobalização (Ferraz et al., 2014b). A pesquisa sobre o anticonsumo usualmente investiga tanto as razões pelas quais o consumidor falha em comprar ou consumir quanto os motivos que o levam a optar deliberadamente pelo não consumo (Gould et al., 1997).

Entre as diversas abordagens sobre o anticonsumo, destacam-se aquelas relacionadas à resistência do consumidor (Fournier, 1998; Silva et al., 2011), aos movimentos contraculturais (Zavestoski, 2002; Diniz, 2008), ao consumo ético (Shaw & Newholm, 2002), ao não consumo (Hogg, 1998; Stammerjohan & Webster, 2002) e aos movimentos antimarcas (Hollenbeck & Zinkhan, 2010; Albuquerque et al., 2010).

Ao refletir sobre as motivações para o anticonsumo, Iyer e Muncy (2009) as categorizam em quatro perfis de anticonsumidores: os consumidores que estão preocupados com o impacto global do consumo; os que optam pela simplicidade voluntária; os que atuam como proativos e/ou ativistas de mercado; e os consumidores antifíéis.

A simplicidade voluntária, em particular, é um estilo de vida escolhido e alicerçado em ideias e práticas de uma vida mais consciente, mais humana e solidária, e de menor impacto sobre o planeta (Elgin & Mitchell, 1977; Ferraz et al., 2014a; Ferraz et al., 2014b; Iyer & Muncy, 2009). A simplicidade voluntária é um estilo de vida de baixo consumo, responsabilidade ecológica e autossuficiência, promovendo, assim, a noção de consumo consciente (Miller & Gregan-Paxton, 2006; Shama, 1985). Ela promove os valores da frugalidade material, o florescimento intelectual e a consciência da dimensão humana na ordem universal (Elgin, 1981). Para Elgin e Mitchell (1977), cinco valores básicos estão no centro da simplicidade voluntária: Simplicidade material (padrões de consumo orientados ao não-consumo); Autodeterminação (desejo de possuir maior controle sobre seu destino pessoal); Consciência ecológica (reconhecimento da interdependência entre pessoas e recursos); Escala humana (desejos por tecnologia e instituições de menor escala – “*small is beautiful*”), e Crescimento pessoal (desejo de explorar e desenvolver a “vida interior”).

A adoção de um estilo de vida de anticonsumo tem sido associada a um maior bem-estar subjetivo e satisfação com a vida (Adapa, 2018; Assadourian, 2010; Bekin et al., 2005; Bolton

& Alba, 2011; Ferraz et al., 2014a; Hüttel et al., 2020; Johnston & Burton, 2003; Shama, 1985). Ao reduzir o foco na aquisição de bens materiais, os indivíduos podem direcionar sua energia e recursos para experiências, relacionamentos e desenvolvimento pessoal, assim, mudando o foco do consumo de bens para o consumo de experiências e o desenvolvimento de relacionamentos pessoais.

Tal como o materialismo, apesar de a literatura apontar uma relação positiva entre simplicidade voluntária e o bem-estar (e.g., Adapa, 2018; Ferraz et al., 2014a; Hüttel et al., 2020), há uma lacuna na compreensão de como o estilo de vida impacta diretamente a relação entre bem-estar e desempenho no trabalho e dos mecanismos pelos quais a simplicidade voluntária poderia influenciar o desempenho profissional. No entanto, é plausível presumir que indivíduos com uma orientação antimaterialista podem se engajar mais em tarefas que consideram intrinsecamente significativas, apresentando maior motivação intrínseca e criatividade. Além disso, a valorização do equilíbrio entre vida pessoal e profissional, uma característica comum entre aqueles que adotam a simplicidade voluntária, pode levar a uma redução do estresse, maior resiliência e, conseqüentemente, a um desempenho mais sustentável e eficaz a longo prazo. Essas são áreas que demandam maior investigação empírica para consolidar a compreensão de como a orientação de consumo pode influenciar o desempenho no ambiente de trabalho.

Desta forma, esta pesquisa estipula as seguintes hipóteses:

Hipótese 3. A simplicidade voluntária está associada positivamente ao grupo feliz e produtivo e negativamente aos grupos não sustentáveis, assim esta hipótese se divide de acordo com os fatores que o compõem:

H3. A. O desejo por uma vida simples está associado positivamente ao grupo Feliz e Produtivo e negativamente aos grupos Infeliz e Produtivo, Infeliz e Improdutivo e Feliz e Improdutivo;

H3. B. A autossuficiência está associada positivamente ao grupo Feliz e Produtivo e negativamente ao grupo Feliz e Improdutivo;

H3. C. A ponderação no ato de comprar está associada positivamente ao grupo Feliz e Produtivo e negativamente ao grupo Feliz e Improdutivo e Infeliz e Improdutivo.

Dessa forma, embora haja evidências de associações entre bem-estar e materialismo, e entre bem-estar e estilos de vida de anticonsumo, a investigação sobre como esses estilos de vida se correlacionam com o desempenho organizacional e como podem afetar a relação entre bem-estar é incipiente. Assim, é crucial explorar se e como a priorização de valores (não) materialistas, a redução do consumo excessivo (ou sua centralidade) e a busca por um estilo de

vida mais equilibrado podem impactar a produtividade e o bem-estar dos indivíduos no ambiente de trabalho.

2.3.2. O endividamento

A questão do endividamento, particularmente no Brasil, está intrinsecamente ligada à persistente e acentuada disparidade de renda. De acordo com o ranking do *Global Wealth Report* de 2024, o país está na 2ª posição entre as nações com maior concentração de renda, em que a diferença entre os estratos mais ricos e os mais pobres é alarmante (Anversa, 2024). A estrutura socioeconômica brasileira, historicamente marcada por profunda desigualdade de renda (Anversa, 2024; Meireles et al., 2021; Souza, 2018; Suplicy, 2000), cria um terreno fértil para a problemática do endividamento. A concentração de renda limita o acesso a consumo digno, levando famílias a recorrerem ao crédito não apenas para suplementar a renda insuficiente (Antoniazzi et al., 2019), mas também para buscar inclusão social simbólica por meio do consumo (Ponchio & Aranha, 2008). Essa dinâmica é agravada pela expansão do crédito sem mecanismos adequados de educação financeira (Gehlen et al., 2024; Silva, 2020), resultando em ciclos de endividamento que perpetuam a vulnerabilidade econômica.

O endividamento pode ser definido como o estado de obrigação financeira no qual um indivíduo ou família se encontra, decorrente da aquisição de empréstimos, financiamentos ou outras formas de crédito que excedam sua capacidade imediata de pagamento (Prawitz et al., 2006). Muito além de um simples indicador contábil, o endividamento é um fenômeno psicossocial complexo, intrinsecamente ligado à cultura do consumo, onde bens materiais assumem valor simbólico de status, identidade e sucesso (Belk, 1985; Dittmar et al., 2014). Não se trata apenas da quantidade de dinheiro devido, mas também da capacidade de gerenciar essas obrigações e do impacto que elas exercem sobre a vida do indivíduo. O sobre-endividamento, por sua vez, ocorre quando a capacidade de pagamento de uma pessoa ou família é superada pelo volume de suas dívidas, levando a uma situação de insolvência e estresse financeiro crônico (Greenberg, 1980).

No contexto contemporâneo, o endividamento é um fato inerente à sociedade de consumo (Bauman, 2007), em que o acesso a produtos e serviços muitas vezes se dá por meio do crédito. A atitude em relação ao endividamento é influenciada por diversos fatores, incluindo a educação financeira, o gerenciamento financeiro pessoal e o significado atribuído ao dinheiro (Silva, 2020; Vieira et al., 2016). A compreensão desses aspectos é crucial para analisar as razões pelas quais indivíduos contratam e utilizam o crédito de maneira que possa resultar em dificuldades financeiras (Buffon, 2020).

Embora a questão monetária permeie a relação de trabalho – afinal, o trabalho é, em sua essência, uma troca de esforço por remuneração –, a literatura tradicional em Gestão de Pessoas tem focado predominantemente nos aspectos formais da remuneração, não se atentando aos desdobramentos subjetivos e comportamentais da gestão dessa remuneração por parte do empregado. Assim, a remuneração é reconhecida como a recompensa fundamental pelo trabalho (Armstrong & Murlis, 2007), um fator de atração, retenção e motivação de talentos (Ireland et al., 2009; Van Herpen et al., 2005) e um mecanismo para promover a satisfação e o desempenho (Cropanzano & Mitchell, 2005; Rahim et al., 2020). Ainda, Mafini (2016) e Vosloo et al. (2014) apontam relações significativas entre remuneração e bem-estar, enquanto a insatisfação remuneratória é frequentemente associada ao baixo desempenho, ao absenteísmo e ao *turnover* (Mutuma & Manase, 2013; Nilsson, 2010). Inclusive, a remuneração é apontada como uma variável que pode impactar na escolha de carreira e no desempenho (Arcidiacono et al., 2008; Rahim et al., 2020; Vega et al., 2021). Em contextos de privação material, aumentos de renda produzem ganhos substanciais na qualidade de vida, possibilitando o atendimento de necessidades básicas, porém, após certo patamar, o poder explicativo da renda diminui devido à lei dos rendimentos decrescentes e à adaptação hedônica (Howell & Howell, 2008; Layard, 2005; Wolbring et al., 2013). Contudo, como demonstrado por Diener e Seligman (2004), para além de um patamar de renda que garanta segurança e conforto básicos, os ganhos adicionais em bem-estar são marginalmente decrescentes. Isto ocorre devido à adaptação hedônica e ao papel central que fatores não materiais – como relações sociais de qualidade, autonomia, engajamento em atividades significativas e um senso de propósito – passam a desempenhar na promoção de um bem-estar duradouro.

Assim, observa-se que o endividamento poderia acelerar o impacto negativo nos fatores psicológicos, sendo não apenas uma pressão econômica, mas uma possível fonte de estresse psicológico, que pode comprometer dimensões importantes do bem-estar eudaimônico, como autonomia, domínio sobre o ambiente e crescimento pessoal, e do bem-estar subjetivo (hedônico), dificultando a realização e a consonância com valores e metas de vida (Ryff, 1989; Tay et al., 2017; Waterman, 1993). Trabalhadores endividados podem experimentar sentimentos de fracasso, impotência ou vergonha (Tay et al., 2017), fragilizando seu senso de propósito e reduzindo a motivação intrínseca para o trabalho. Essa perda de sentido pode contribuir para a queda do bem-estar e do desempenho, levando ao grupo infeliz-improdutivo. Primeiro, o endividamento compromete a segurança básica, mantendo o indivíduo em um estado constante de vulnerabilidade e ameaça. Segundo, consome recursos cognitivos e emocionais que poderiam ser direcionados para a construção de relacionamentos positivos e o

engajamento em atividades gratificantes, tanto no trabalho quanto na vida pessoal. Terceiro, o endividamento pode reduzir a sensação de autonomia e o senso de controle sobre a própria vida (reduzindo o *locus de controle interno*), gerando sentimento de impotência e fracasso (Tay et al., 2017). Este estado é diametralmente oposto ao de *flow* e engajamento, elementos centrais para a satisfação com o trabalho. A insatisfação com a remuneração pode levar a comportamentos contraproducentes (Nilsson, 2010; Rahim et al., 2020; Veja et al., 2021), mas a raiz desses problemas pode residir em questões de endividamento pessoal que extrapolam o escopo da simples insatisfação salarial, ou seja, as consequências do que o trabalhador faz com sua renda e, mais especificamente, as implicações de quando essa renda é insuficiente, levando ao endividamento. Portanto, o endividamento pode afetar as condições psicológicas, mesmo que a renda *per se* seja aparentemente suficiente. Desta forma, esta pesquisa estipula a seguinte hipótese:

Hipótese 4. O endividamento está associado negativamente ao grupo feliz e produtivo e positivamente aos grupos Infeliz e Produtivo, Infeliz e Improdutivo e Feliz e Improdutivo;

Funcionários com problemas financeiros frequentemente perdem a motivação e apresentam baixo engajamento em suas funções, de acordo com a *FIA Employee Experience*, pesquisa conduzida pela Fundação Instituto de Administração (Pereira, 2021). O estresse financeiro afeta os recursos cognitivos e motivacionais, dificultando a concentração e a tomada de decisão (Prawitz et al., 2006). Um estudo global da consultoria *Mercer* revelou que profissionais perdem, em média, seis horas de trabalho por mês para lidar com questões financeiras (Pati, 2025). Além disso, o relatório *Global Talent Trends* mostra que há uma relação próxima entre *burnout* e falta de dinheiro, apontando que oito em cada dez profissionais mapeados com risco de transtorno de esgotamento profissional têm, como principal causa, problemas financeiros ligados a dívidas (Pati, 2025). O survey anual “The Employer's Guide to Financial Wellbeing 2018-19”, feito no Reino Unido, com cerca de dez mil trabalhadores, indica que funcionários endividados podem produzir até 15% menos (Cardoso & Brêtas, 2019). Garman et al. (1996) apontaram que funcionários com problemas financeiros apresentavam um menor desempenho e que os custos da produtividade reduzida dos funcionários por causa de comportamentos financeiros ruins eram substanciais. Desta forma, observou-se que o impacto do endividamento no desempenho profissional aparenta ser significativo.

O endividamento pode atuar como uma ruminação mental constante, consumindo atenção e capacidade mental, o que dificulta a concentração, a tomada de decisão eficaz e a resolução criativa de problemas (Prawitz et al., 2006). Esse esgotamento cognitivo se manifesta claramente no presenteísmo – o estado em que o empregado está fisicamente presente, mas

mentalmente ausente e improdutivo (Koopmans et al., 2002). Além disso, o endividamento pode afetar a qualidade e as horas de sono do trabalhador, o que afeta a produtividade e a concentração no dia seguinte, com base no *Survey The Employer's Guide to Financial Wellbeing 2018-19*.

Estas evidências em conjunto sugerem que o endividamento opera como um moderador na relação entre valores materialistas e não materialistas com bem-estar e desempenho. Para indivíduos com valores materialistas em que a dívida é baixa ou nula, a relação provavelmente será positiva, visto que a pessoa está alcançando seus objetivos; já para os materialistas com altas dívidas, esta relação tende a se inverter. Por outro lado, aqueles que comungam valores de simplicidade voluntária e estão endividados, provavelmente esta relação se inverte, visto que seus objetivos de vida simples não estão coerentes com seu padrão de consumo, gerando uma relação inversa.

Desta forma, esta pesquisa estipula as seguintes hipóteses:

Hipótese 5. O endividamento modera a relação entre os fatores de materialismo e os grupos de bem-estar e desempenho, potencializando a relação entre esses fatores e os grupos não sustentáveis (Infeliz e Produtivo, Infeliz e Improdutivo e Feliz e Improdutivo);

Hipótese 6. O endividamento modera a relação entre simplicidade voluntária e os grupos de bem-estar e desempenho, reduzindo o efeito da relação entre esses fatores e o grupo sustentável.

Por fim, o presente estudo se propõe a contribuir com a literatura ao investigar como o endividamento, o materialismo e a simplicidade voluntária influenciam os diferentes grupos da relação entre bem-estar e desempenho no trabalho. Para tanto, adota a perspectiva do Bem-Estar e Desempenho Sustentável (Peiró et al., 2019), que permite captar a complexidade e os padrões antagônicos dessa relação. Ainda, explora o papel moderador do endividamento, testando se este intensifica os efeitos negativos do materialismo e atenua os efeitos positivos da simplicidade voluntária. Para responder a esses objetivos, o estudo segue com um desenho metodológico quantitativo, descrito a seguir na próxima seção.

3. Método

No presente capítulo, são abordados os aspectos metodológicos da pesquisa, em consonância com os objetivos estabelecidos. Trata-se de uma pesquisa de campo, de natureza descritiva e explicativa, de abordagem quantitativa e recorte transversal, com o uso de questionários para a coleta de dados.

3.1. Amostra

Em relação à amostra, tomou-se como público-alvo servidores públicos da Secretaria de Educação do Distrito Federal, por se tratar de indivíduos, conforme aponta Pérez-Nebra (2016), com maiores chances de endividamento. Para calcular o tamanho amostral, utilizou-se o *software G*power* (Faul et al., 2007), com um nível de confiança 95%, e assim se estimou um mínimo de 220 participantes. Como critério de inclusão, foram incluídos os participantes que eram servidores públicos efetivos (que são os servidores de carreira) ou temporários, ou seja, que estão em regime de contratação temporária. Para o critério de exclusão, excluíram-se os participantes que não completaram o questionário.

3.2. Caracterização da amostra

Foram coletadas 255 respostas de servidores da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Após a exclusão de questionários incompletos, restaram 251 questionários válidos para compor a amostra, sendo a maior parte do gênero feminino (80,3%) com alto nível de instrução, dado que 62,5% possuem pós-graduação *lato sensu*. A maior parte dos respondentes é casada ou possui união estável (66,5%) e é servidor efetivo da SEEDF (85,26%). Em média, os respondentes possuem 45 anos, uma renda familiar de R\$ 8 mil com uma média de 3 dependentes e não possuem reservas financeiras. Ao perguntar a percepção de nível de endividamento do respondente, 50,6% respondeu que não tinha problemas financeiros (22,7%) ou possuía alguma dívida (27,9%), porém, ao perguntar quantos por cento da renda estava comprometida, 66,4% da amostra tinha mais de 70% da renda comprometida, indicando um alto nível de endividamento. A Tabela 1 apresenta os dados sociodemográficos da amostra estudada.

Tabela 1

Variáveis Sociodemográficas

	Frequência	%		Frequência	%
	a			a	
Gêneros:			Qual seu estado civil?		
Masculino	48	19,3%	Solteiro(a)	45	17,9%

	Frequênci a	%		Frequênci a	%
Feminino	200	80,3%	Casado (a)/ União Estável	167	66,5%
Não-binário	1	0,40%	Divorciado(a)	36	14,3%
Qual a sua escolaridade?			Viúvo(a)	3	1,2%
Ensino Médio Completo	2	0,80%	Quantas pessoas dependem dessa renda, morando ou não com você?		
Ensino Superior Completo	22	17,50%	1	27	10,8%
Especialização	157	62,5%	2	56	22,3%
Mestrado	50	19,9%	3	60	23,9%
Doutorado	20	8%	4	65	25,9%
Qual é sua renda familiar líquida mensal?			5	23	9,2%
De 3.000 a 4.000	10	4,0%	6	11	4,4%
De 4.000 a 5.000	9	3,6%	7	4	1,6%
De 5.000 a 6.000	32	12,7%	8	4	1,6%
De 6.000 a 7.000	24	9,6%	9	1	0,4%
De 7.000 a 8.000	31	12,4%	Tipo de vínculo funcional		
De 8.000 a 9.000	22	8,8%	Efetivo	214	85,26%
De 9.000 a 10.000	25	10,0%	Temporário	8	3,2%
De 10.000 a 11.000	18	7,2%	Omissos	29	11,54%
De 11.000 a 12.000	12	4,8%	Qual é a sua idade:		
De 12.000 a 13.000	10	4,0%	[26,40)	63	23,9%
De 13.000 a 14.000	7	2,8%	[40,47)	72	22,3%
De 14.000 a 15.000	4	1,6%	[47,51)	56	28,7%
De 15.000 a 16.000	5	2,0%	[51,65]	60	23,9%
De 16.000 a 17.000	7	2,8%	Você se considera uma pessoa endividada?		
De 17.000 a 18.000	3	1,2%	Sem problemas financeiros;	57	22,7%
De 18.000 a 19.000	5	2,0%	Com alguma dívida;	70	27,9%
De 19.000 a 20.000	8	3,2%	Com alguns problemas financeiros;	41	16,3%
20.000 ou mais	19	7,6%	Endividada;	33	13,1%
Quantas pessoas moram com você?			Superendividada.	50	19,9%
1	27	10,8%	Quantos por cento da sua renda está comprometida?		
2	93	37,1%	(Exemplo de gastos: aluguel, plano de saúde, cartão de crédito, escola...)		
3	66	26,3%	0-10%	6	2,4%
4	44	17,5%	10%-20%	6	2,4%

	Frequênci a	%		Frequênci a	%	
	5	13	5,2%	20%-30%	13	5,2%
	6	5	2,0%	40%-50%	16	6,4%
	7	1	0,4%	50%-60%	20	8,0%
	8	2	0,8%	60%-70%	22	8,8%
Você dispõe de reserva financeira?				70%-80%	39	15,5%
Não possui reserva financeira.	143	57,0%		80%-90%	44	17,5%
Sim, menos de 1 mês de remuneração.	65	25,9%		90%-100%	51	20,3%
Sim, mais de 1 mês de remuneração.	43	17,1%		Eu gasto mais do que eu ganho (logo, mais de 100%).	34	13,5%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao se construir as faixas de idade, optou-se por dividi-las pelos quartis. Logo, o primeiro quartil foi até 39,5 anos, o segundo quartil foi até 46 anos, o terceiro quartil foi até 50 anos e o valor máximo foi de 65 anos. Contudo, para a análise, as idades foram utilizadas nominalmente, ou seja, a idade informada pelo participante. Em relação ao gênero, verificou-se que havia apenas um indivíduo não-binário na amostra, assim optou-se por colocar como *missing value* para assegurar a robustez das análises estatísticas, uma vez que categorias com frequência ínfima podem gerar estimativas instáveis e dificultar a interpretação dos resultados. O mesmo foi realizado com a categoria Escolaridade, pois, na categoria de formação nível de Ensino Médio, havia apenas dois indivíduos; e com a categoria Estado civil, pois havia apenas 3 indivíduos viúvos.

Para realizar a análise das variáveis sociodemográficas, as variáveis categóricas foram convertidas em variáveis numéricas. Por exemplo, a variável Gênero possui três categorias: Homem, Mulher e Não-binário, que foram convertidas respectivamente em 1, 2 e 3. O mesmo foi realizado com as demais variáveis.

Ao analisar se havia diferença no endividamento entre os grupos de bem-estar e desempenho, verificou-se pelo teste paramétrico de Kruskal-Wallis que há diferença significativa estatisticamente da percepção de endividamento entre os grupos Feliz e Produtivo e Infeliz e Improdutivo ($X^2 = 8,17$, $gl = 3$, $p = 0,043$) e não houve diferença estatística da renda comprometida. Assim, um indivíduo que se auto percebe como endividado tem mais chances de estar no grupo Infeliz e Improdutivo do que no grupo Feliz e Produtivo, de acordo com o teste de comparações múltiplas de Dwass-Steel-Critchlow-Fligner ($W = 3,66$, $p = 0,047$).

Por fim, verifica-se que grande parte da amostra está endividada (66,8%) e

aproximadamente 49% dos respondentes reconhecem seu endividamento. No próximo capítulo, serão apresentados os resultados das análises explorando a relação entre os estilos de vida e o endividamento, tanto o endividamento percebido quanto o endividamento mensurado objetivamente, que podem impactar na relação entre bem-estar e desempenho.

3.3. Instrumento

O questionário, além de contar com perguntas sociodemográficas (idade, gênero, renda familiar, entre outros), com uma pergunta sobre a percepção do nível de endividamento e outra sobre o percentual da renda que está comprometida por dívidas, foi composto pelas seguintes escalas, totalizando 77 itens:

Bem-Estar no Trabalho. Escala de Bem-Estar no Trabalho (Paschoal & Tamayo, 2008). Esta escala é composta por três fatores: afeto positivo (9 itens); afeto negativo (12 itens); realização com o trabalho (9 itens). Os itens são apresentados em formato tipo Likert, com cinco opções de resposta. Enquanto os fatores de afeto positivo e negativo variam de 1 (nem um pouco) a 5 (extremamente), o fator de realização no trabalho varia de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). Essa escala demonstrou boa validade estrutural em diversos estudos (e.g., Paschoal et al., 2022; Sant’anna et al., 2012; Soraggi & Paschoal, 2011). No apêndice D, é apresentado o detalhamento da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) desta escala. Em relação ao ajuste do modelo, a razão do χ^2 ficou em 2,17 ($\chi^2 = 161$; $g.l. = 74$; $p < 0,001$), com *CFI*, *TLI* e *SRMR* satisfatórios (0,96; 0,95 e 0,06 respectivamente) e *RMSEA* razoável (0,07; *I.C.* = 0,05 - 0,08).

Desempenho no trabalho. Escala de Desempenho Individual no Trabalho (Koopmans et al., 2014). Essa escala possui 18 itens englobando três fatores: desempenho de tarefa (5 itens), desempenho contextual (8 itens) e comportamento de trabalho contraproducente (5 itens). Os itens são apresentados em formato tipo Likert variando de 0 (raramente) a 4 (sempre). Esse questionário demonstrou uma boa validade estrutural em diversos estudos (e.g., Koopmans et al., 2013; Koopmans et al., 2014a; Koopmans et al., 2014b; Ramos-Villagrasa et al., 2019). Contudo, ainda se faz necessário a adaptação dessa escala e a verificação da sua validade no contexto brasileiro. Dessa forma, foi realizada a AFC da escala.

A Tabela 2 apresenta as cargas fatoriais da escala de Desempenho no trabalho (Koopmans et al., 2014) para cada fator.

Tabela 2

Cargas fatoriais da escala de Desempenho no trabalho

Fator	Indicador	Estimativas	Z	p
Desempenho com foco na tarefa	Consegui planejar meu trabalho de maneira que o trabalho fosse concluído no prazo.	0.605	13.52	<.001
	Foquei nos resultados que tinha que alcançar no meu trabalho.	0.668	15.45	<.001
	Sou capaz de separar os problemas principais dos secundários no trabalho.	0.561	10.80	<.001
	Consegui realizar meu trabalho adequadamente, com um mínimo de tempo e esforço.	0.619	9.95	<.001
	Eu planejei meu trabalho de maneira eficiente.	0.608	13.55	<.001
Desempenho contextual	Eu comecei novas tarefas por minha própria iniciativa, quando concluí minhas antigas tarefas.	0.482	7.74	<.001
	Eu assumi tarefas de trabalho desafiadoras, quando disponíveis.	0.584	9.03	<.001
	Eu me esforço em manter atualizado meu conhecimento sobre o trabalho.	0.710	17.84	<.001
	Eu me esforço em manter atualizadas minhas habilidades sobre o trabalho.	0.693	18.74	<.001
	Eu proponho soluções criativas para novos problemas.	0.387	7.64	<.001
	Eu assumi responsabilidades extras.	0.417	5.44	<.001
	Eu continuamente busco novos desafios em meu trabalho.	0.623	9.07	<.001
	Eu ativamente participei de reuniões e discussões.	0.401	6.42	<.001
Desempenho contraproducente	Eu reclamei de assuntos sem importância no trabalho.	0.664	8.58	<.001
	Fiz com que pequenos problemas no trabalho se tornassem maiores do que eram.	0.840	12.52	<.001

Fator	Indicador	Estimativas	Z	p
	Concentrei-me em aspectos negativos de uma situação de trabalho, ao invés de focar nos aspectos positivos.	0.784	11.22	<.001
	Falei com pessoas de fora da organização sobre os aspectos negativos do meu trabalho.	0.490	5.70	<.001

Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação ao ajuste do modelo, a razão do χ^2 ficou em 4,14 ($\chi^2 = 480$; *g.l.* = 116; $p < 0,001$), com *CFI* e *TLI* moderados (0,80 e 0,77, respectivamente) e *RMSEA* frágil (0,112; *I.C.* = 0,102 - 0,112). Em relação à validação interna dos fatores, o fator desempenho com foco na tarefa apresentou um índice de confiabilidade alfa de Cronbach de 0,84 e ômega de McDonald de 0,85. O fator desempenho contraproducente apresentou um índice de confiabilidade alfa de Cronbach de 0,80 e ômega de McDonald de 0,83. O fator desempenho contextual apresentou um índice de confiabilidade alfa de Cronbach de 0,83 e ômega de McDonald de 0,85. Ao analisar os itens do fator desempenho contextual, verificou-se que alguns apresentaram carga moderada/alta e alguns apresentaram uma carga fraca, indicando que podem não representar bem este fator. Como a AFC satura diferente, isso indica que se deveria dividir este fator, corroborando o debate na literatura de que, no contexto brasileiro, existe um quarto fator de desempenho: o desempenho adaptativo (Bendassolli, 2017; Pulakos et al., 2000). Ademais, observa-se que a escala de Desempenho no Trabalho apresentou um ajuste aceitável.

Endividamento. Itens sobre as finanças pessoais (nível de endividamento no geral e de comprometimento da renda, uso de orçamento, renda familiar, número de dependentes, se tem reserva financeira).

Materialismo. Escala de Materialismo de Richins (2004), adaptada por Garcia (2009), pois ela é a tradução que se comporta melhor no contexto brasileiro (Nepomuceno & Laroche, 2014). Essa escala possui 17 itens, com escalas Likert de 1 (discordo fortemente) a 5 (concordo fortemente), englobando as três dimensões de materialismo: Centralidade (7 itens), Sucesso (4 itens) e Felicidade (6 itens). Essa escala demonstrou uma boa validade estrutural em diversos estudos (Chan & Prendergast, 2007; Dittmar et al., 2014; Ferraz et al., 2014a; Ferraz et al., 2014b; Garcia, 2009; Nepomuceno & Laroche, 2014; Ponchio et al., 2007). A AFC desta escala está descrita no Apêndice D. Em relação ao ajuste do modelo, a razão do χ^2 ficou em 3,98 ($\chi^2 = 462$; *g.l.* = 116; $p < 0,001$), com *CFI* e *TLI* moderados (0,763 e 0,722, respectivamente) e *RSMR* e *RMSEA* fracos (0,09 e 0,109; *I.C.* = 0,099 - 0,120, respectivamente), apresentando

um ajuste razoável.

Simplicidade Voluntária. Escala adaptada de Iwata (1999, 2006), contendo 9 itens, em escala Likert de 1 (discordo fortemente) a 5 (concordo fortemente), englobando três fatores: desejo por uma vida simples (3 itens), autossuficiência (3 itens) e ponderação no ato de comprar (3 itens). Ela demonstrou boa validade estrutural em diversos estudos (Ferraz et al., 2014a; Ferraz et al., 2014b; Iwata, 2006; Jain et al., 2023; Kang et al., 2021; Nepomuceno & Laroche, 2014). No apêndice D, é apresentado o detalhamento da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) desta escala. Em relação ao ajuste do modelo, a razão do χ^2 ficou em 2,36 ($\chi^2 = 56,6$; *g.l.* = 24; $p < 0,001$), com *CFI*, *TLI* e *RSMR* satisfatórios (0,96, 0,95 e 0,05, respectivamente) e *RMSEA* razoável (0,074; *I.C.* = 0,049 - 0,099).

3.4. Procedimentos

3.4.1. Procedimento de coleta de dados

Todos os itens foram organizados em um questionário *online* na plataforma Google Forms. Na página inicial havia o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), no qual se explicavam o objetivo da pesquisa, o prazo estimado de resposta e o público de interesse. Foi garantida a confidencialidade do participante, bem como o uso das respostas apenas para fins acadêmicos. Foi informado que os dados seriam analisados de forma conjunta, sem qualquer individualização. Após a construção do instrumento de coleta e a emissão dos pareceres do Comitê de Ética e da Escola de Formação Continuada (EAPE), iniciou-se a coleta de dados, realizada entre julho e dezembro de 2025. Para a divulgação do instrumento *on-line*, foi enviado um despacho via Sistema Eletrônico e Informação para cada Coordenação Regional de Ensino do Distrito Federal, de modo que divulgassem entre seus servidores e encaminhassem às escolas da sua regional, buscando, assim, o maior alcance possível. Além disso, foi enviado e-mail convidando cada escola do Distrito Federal para responder ao questionário e compartilhar com seus servidores, e o instrumento foi compartilhado nos grupos de *WhatsApp* dos diretores e vice-diretores do Distrito Federal.

3.4.2. Cuidados éticos

Essa pesquisa foi aprovada pela Escola de Formação Continuada dos Profissionais de Educação (EAPE), por meio do Memorando nº 50/2025, conforme apêndice A, e pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP/CHS – UnB), pelo parecer 7.508.376, conforme apêndice B.

3.4.3. Procedimentos de análise dos dados

Para a análise, os dados coletados foram preparados e padronizados em uma planilha de *Microsoft Excel* na versão 2012, e, em seguida, foram migrados para o software de análise estatística *Jamovi*, onde foram realizadas as análises descritivas, com a identificação do tamanho da amostra, média, desvio padrão e coeficiente de variação, a análise *K-means* de *cluster* com os fatores de bem-estar e desempenho, para testar a Hipótese 1, referente aos quatro grupos de bem-estar e desempenho, uma regressão logística multinomial para testar as Hipóteses 2, 3 e 4, e outra regressão logística multinomial com moderação do endividamento percebido e percentual da renda comprometida para testar as Hipóteses 5 e 6.

A fim de avaliar a confiabilidade das escalas, procedeu-se à Análise Fatorial Confirmatória (AFC) por meio do software *Jamovi*. A AFC é a técnica apropriada para testar hipóteses *a priori* sobre a estrutura de um instrumento, avaliando até que ponto um modelo teórico predito se ajusta aos dados observados (Brown, 2015). Assim, estimaram-se os fatores latentes das escalas de bem-estar no trabalho (Paschoal & Tamayo, 2008), de desempenho no trabalho (Koopmans et al., 2014), de materialismo (Garcia, 2009) e de simplicidade voluntária (Iwata, 2006). Para o tratamento de dados ausentes e estimação dos parâmetros, foi empregado o método de Máxima Verossimilhança Completa, que utiliza toda a informação disponível de cada participante para estimar os parâmetros do modelo, sem necessidade de exclusão de casos ou imputação arbitrária (Enders & Bandalos, 2001). A avaliação do ajuste do modelo foi baseada em múltiplos índices, seguindo as recomendações contemporâneas que sugerem o uso de um conjunto complementar de indicadores (Hu & Bentler, 1999; Kline, 2016), como *Comparative Fit Index* (CFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI), *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), *Standardized Root Mean Residual* (SRMR) e o teste do Qui-quadrado (χ^2). Ainda, a consistência interna do instrumento foi verificada por meio da análise da consistência interna (Alfa de Cronbach e Ômega de McDonald) dos construtos.

Após a AFC, os *scores* fatoriais foram calculados com base nas médias aritméticas das respostas, considerando a inversão dos itens de algumas escalas (e.g., da escala de materialismo), a fim de formar a base para as análises de regressão. Inicialmente, realizou-se a análise descritiva e as correlações de Pearson entre as variáveis, apresentadas no Apêndice E. Depois, para testar a Hipótese 1, realizou-se o agrupamento dos colaboradores por meio da técnica de análise *K-means de cluster*, com o uso da ferramenta *Jamovi*, a partir dos construtos de bem-estar e desempenho no trabalho. Construiu-se o indicador de desempenho a partir da média dos fatores desempenho com foco na tarefa, desempenho contextual e desempenho contraproducente (após a inversão deste fator). Com base no modelo proposto por Carneiro e

Bastos (2023), a partir do predomínio de afetos positivos sobre afetos negativos, tem-se uma nova dimensão de afetos, chamado de Bem-estar afetivo (calculado por meio da seguinte fórmula: $\{\text{Afetos positivos} - \text{Afetos negativos} + 6\}/2$). Após, é calculado o indicador de bem-estar por meio da média do Bem-estar afetivo e Realização pessoal.

Para testar as Hipóteses 2 e 3 do modelo, realizou-se a análise de regressão logística multinomial, visando mensurar o poder preditivo das variáveis independentes sobre a variável critério (Field, 2018; Hair et al., 2009). O endividamento foi mensurado de maneira subjetiva, por meio do item de múltipla escolha “Você se considera uma pessoa endividada?”, com as seguintes respostas possíveis: “sem problemas financeiros”, “com alguma dívida”, “com alguns problemas financeiros”, “endividada” e “superendividada”, e de maneira objetiva, por meio do item de múltipla escolha “Quanto por cento da sua renda está comprometida? (Exemplo de gastos: aluguel, plano de saúde, cartão de crédito, escola...)”, com as seguintes alternativas “0-10%”, “10%-20%”, “20%-30%”, “40%-50%”, “50%-60%”, “60%-70%”, “70%-80%”, “80%-90%”, “90%-100%”, “Eu gasto mais do que eu ganho (logo, mais de 100%).” Esses itens foram convertidos em números de 1 a 5 para o primeiro e de 1 a 10 para o segundo. Depois, realizou-se a regressão logística multinomial com a moderação desses itens de endividamento. Por fim, com o objetivo de se entender melhor a relação entre os estilos de vida e os grupos, aplicou-se a Análise de Variância (ANOVA) para comparar as médias entre os grupos e os estilos de vida, identificando diferenças estatisticamente significativas (Field, 2018).

4. Resultados

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da análise de *Kmeans* grupo, da regressão logística multinomial com e sem moderação para testar as hipóteses, bem como os resultados de uma regressão logística não-paramétrica e os testes *t-student* para aprofundar o entendimento da relação entre os estilos de vida e os grupos de bem-estar e desempenho no trabalho. No apêndice E, está descrita a correlação das variáveis.

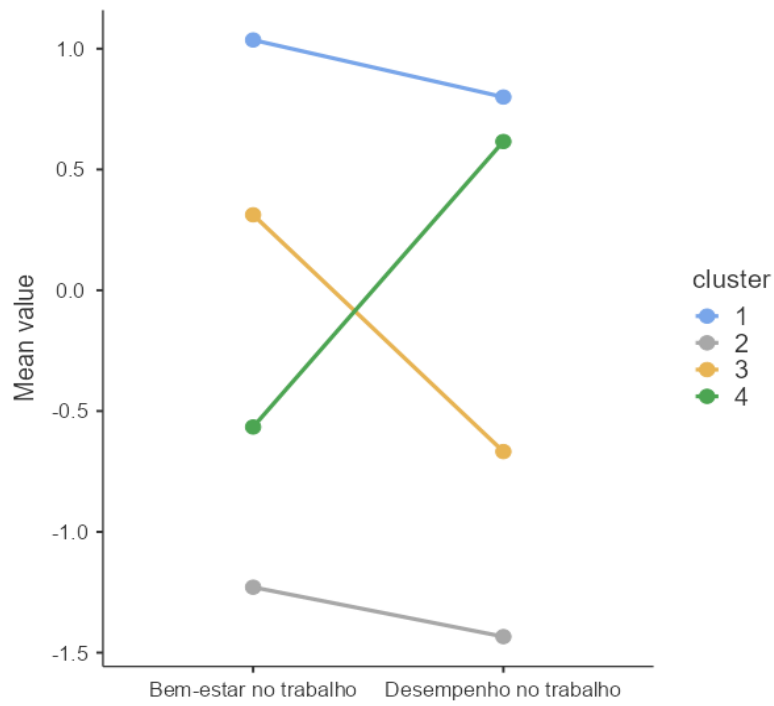
4.1. Construção dos grupos de bem-estar e desempenho no trabalho

Como discutido na revisão da literatura, a estrutura da relação entre bem-estar e desempenho no trabalho ainda não é consensual. Assim, a primeira hipótese deste trabalho é que essa relação entre bem-estar e desempenho não segue um padrão linear, em que o acréscimo no bem-estar não necessariamente levará a um acréscimo no desempenho, mas essa relação se mostra complexa, podendo produzir padrões antagônicos. Dessa forma, conforme a perspectiva do Bem-estar e Desempenho Sustentável desenvolvida por Peiró e colaboradores (2014; 2015; 2019; 2021), essa relação seria categorizada em quatro grupos distintos, em que apenas o grupo com alto bem-estar e alto desempenho demonstraria sustentabilidade no longo prazo. Os demais grupos seriam as demais combinações entre bem-estar e desempenho: o grupo de trabalhadores com alto bem-estar e baixo desempenho; o grupo com baixo bem-estar e alto desempenho; e o grupo com baixo bem-estar e baixo desempenho. Esses grupos refletem desequilíbrios que podem acarretar consequências negativas tanto para o indivíduo quanto para a organização.

Para testar a Hipótese 1 (a relação entre bem-estar e desempenho se estrutura em quatro grupos distintos), realizou-se uma análise de *grupos K-means* com base nos construtos de bem-estar e desempenho.

Figura 3

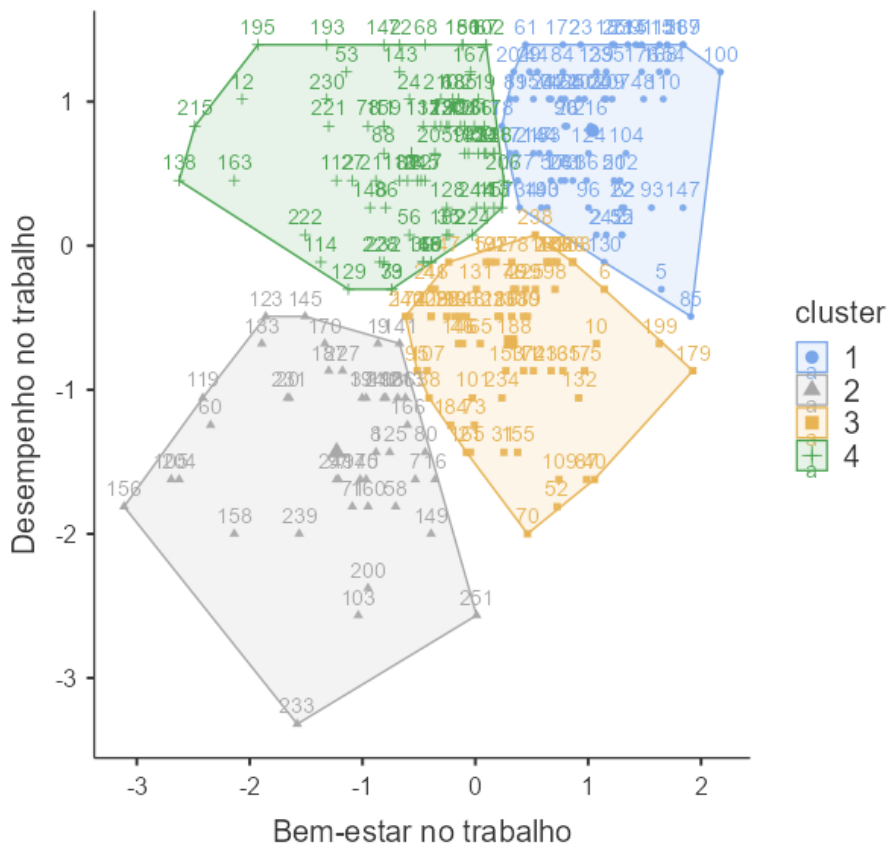
Grupos dos clusters de bem-estar e desempenho



Fonte: elaborado pelo autor com o uso do Jamovi.

Figura 4

Grupos de bem-estar e desempenho



Fonte: elaborado pelo autor com o uso do Jamovi.

Nota: o *cluster* 1 se refere ao grupo 1 (FP), o *cluster* 2 se refere ao grupo 2 (II), o *cluster* 3 se refere ao grupo 3 (FI) e o *cluster* 4 se refere ao grupo 4 (IP).

As Figuras 3 e 4 ilustram o resultado da análise de cluster confirmando a Hipótese 1. Observa-se, em ambos os gráficos, nitidamente a existência de 4 grupos distintos decorrentes da combinação entre bem-estar e desempenho. Nota-se que o Grupo 1 representa o grupo de trabalhadores com alto bem-estar e alto desempenho ou grupo Feliz e Produtivo (FP), que é o grupo sustentável a longo prazo, e, nesta amostra, 70 indivíduos se encontram neste grupo. O Grupo 2 representa o grupo de trabalhadores com baixo bem-estar e baixo desempenho, ou seja, o grupo Infeliz e Improdutivo (II) e, nesta amostra, 41 indivíduos se encontram neste grupo. O Grupo 3 representa o grupo de trabalhadores com baixo desempenho e alto bem-estar, ou grupo Feliz e Improdutivo (FI), e, nesta amostra, 65 indivíduos se encontram neste grupo. O Grupo 4 representa o grupo de trabalhadores com alto desempenho e baixo bem-estar, ou grupo Infeliz e Produtivo (IP), e, nesta amostra, 75 indivíduos se encontram neste grupo. Os grupos FP e II são considerados grupos sinérgicos, dado que seguem a lógica predominante na literatura - HPW- (Cropanzano & Wright, 2001; Wright et al., 2007; Zelenski et al., 2008), em que o trabalhador é feliz e produtivo ou é infeliz e improdutivo. Já os grupos FI e IP são considerados grupos antagônicos, pois desafiam a lógica tradicional do HPW ao apresentarem grupos de

trabalhadores que, apesar de terem uma variável com valor alto, apresentam a outra variável com valor baixo. Em relação ao número de indivíduos em cada grupo, é importante notar que o quantitativo identificado demonstra grupos balanceados, permitindo as análises posteriores entre grupos.

Na próxima seção, serão testadas a Hipótese 2, que se refere ao estilo de vida materialista como preditor dos grupos não sustentáveis de bem-estar e desempenho, e a Hipótese 3, que se refere ao estilo de vida da simplicidade voluntária como preditor dos grupos sustentáveis de bem-estar e desempenho.

4.2. Os estilos de vida e os grupos

Como observado na seção anterior, a relação entre bem-estar e desempenho é complexa e exige uma análise aprofundada dos fatores que podem afetar ou explicar os diferentes grupos que emergem dessa relação (Peiró et al., 2021). Desta forma, este trabalho propôs analisar os estilos de vida como preditores dos grupos de bem-estar e desempenho, por meio de regressão logística multinomial. A Tabela 3 apresenta a regressão logística multinomial com os fatores de materialismo e simplicidade voluntária, assim como com as variáveis sociodemográficas para controle: idade, gênero, escolaridade, estado civil, o número de pessoas que moram com o indivíduo e o número de pessoas que são dependentes da renda familiar.

Tabela 3

Regressão logística multinomial

Grupos	Preditor	Estimativas	Erro-padrão	Z	p
2 - 1	Intercepto	4.106	2.801	1.466	.143
	Gênero	-0.097	0.492	-	.843
				0.198	
	Escolaridade	-0.361	0.287	-	.208
				1.260	
	Estado civil	-0.346	0.370	-	.349
				0.938	
	Quantas pessoas moram com você?	-0.082	0.249	-	.741
				0.330	
	Quantas pessoas dependem dessa renda, morando ou não com você?	0.130	0.209	0.621	.534

Tabela 3*Regressão logística multinomial*

Grupos	Preditor	Estimativas	Erro-padrão	Z	p
	Idade	0.017	0.028	0.589	.556
	Sucesso	0.222	0.279	0.796	.426
	Centralidade*	-0.908	0.426	- 2.130	.033
	Felicidade*	0.763	0.299	2.555	.011
	Ponderação no ato de comprar	-0.500	0.297	- 1.674	.094
	Desejo por uma vida simples*	-0.767	0.303	- 2.530	.011
	Autossuficiência	0.150	0.219	0.686	.493
3 - 1	Intercepto	4.496	2.473	1.818	.069
	Gênero*	0.998	0.509	1.960	.050
	Escolaridade*	-0.526	0.263	- 2.000	.045
	Estado civil	-0.050	0.312	- 0.159	.874
	Quantas pessoas moram com você?	0.104	0.231	0.451	.652
	Quantas pessoas dependem dessa renda, morando ou não com você?	-0.02724	0.1909	- 0.143	.887
	Idade	0.00531	0.0236	0.225	.822
	Sucesso	-0.22948	0.2526	- 0.909	.364
	Centralidade*	-0.82345	0.3777	- 2.180	.029
	Felicidade	0.36352	0.2662	1.366	.172
	Ponderação no ato de comprar	-0.317	0.266	- 1.194	.232

Tabela 3*Regressão logística multinomial*

Grupos	Preditor	Estimativas	Erro-padrão	Z	p
4 - 1	Desejo por uma vida simples*	-0.673	0.264	- 2.546	.011
	Autossuficiência	-0.007	0.189	- 0.039	.969
	Intercepto	-0.176	2.447	- 0.072	.943
	Gênero	0.616	0.469	1.314	.189
	Escolaridade	-0.117	0.238	- 0.489	.625
	Estado civil	0.135	0.305	0.444	.657
	Quantas pessoas moram com você?	0.015	0.214	0.072	.942
	Quantas pessoas dependem dessa renda, morando ou não com você?	0.122	0.177	0.685	.493
	Idade	0.016	0.024	0.665	.506
	Sucesso	-0.428	0.244	- 1.759	.079
	Centralidade	-0.455	0.378	- 1.205	.228
	Felicidade*	0.914	0.258	3.549	<.001
	Ponderação no ato de comprar	-0.043	0.268	- 0.159	.873
	Desejo por uma vida simples*	-0.659	0.259	- 2.541	.011
Autossuficiência	0.031	0.187	0.167	.867	

Nota: os preditores significativos estão marcados com asterisco (*).

Fonte: elaborado pelo autor com o uso do Jamovi.

Em relação ao ajuste do modelo, a razão do χ^2 foi de 2,55 ($\chi^2 = 45,9$; *g.l.* = 18; $p < 0,001$), com um R^2 de McFadden de 0,0911. Assim, o modelo está bem adequado e explica 9,11% da

variabilidade dos dados.

A Tabela 3 demonstra quais construtos estão mais associados ao grupo de referência (Grupo 1 - FP) ou ao grupo comparativo 2, 3 ou 4. Na comparação entre o grupo 3 (FI) e o grupo 1 (FP), observa-se que possuir maior nível de escolaridade está mais associado ao grupo 1 (FP) e ser mulher aumenta as chances de pertencer ao grupo 3 (FI) em relação ao grupo de referência (FP). E, ao comparar as variáveis sociodemográficas entre os grupos 2 (II) e 1 (FP) e os grupos 4 (IP) e 1 (FP), observou-se que nenhuma variável se mostrou significativa.

Ao verificar os fatores dos estilos de vida na comparação entre o grupo de referência e o grupo 2, observa-se que o indivíduo materialista que possui um *score* alto em Felicidade tem mais chances de estar no grupo 2 (II) do que no grupo 1, enquanto que o indivíduo que possui mais desejo por uma vida simples tem mais chances de estar no grupo sustentável do que no grupo 2 (II). Contudo, observou-se que o indivíduo que toma como valor a Centralidade aparenta ter mais propensão a estar no grupo de referência do que no grupo 2 (II).

Ao verificar os fatores dos estilos de vida na comparação entre o grupo de referência e o grupo 3, observou-se que o indivíduo com desejo por uma vida simples tem mais chances de estar no grupo sustentável do que no grupo 3 (FI). Contudo, observou-se que o indivíduo que toma como valor a Centralidade aparenta ter mais propensão a estar no grupo de referência do que no grupo 3 (FI).

Por fim, ao verificar os fatores dos estilos de vida na comparação entre o grupo de referência e o grupo 4, percebe-se que o indivíduo materialista que possui um *score* alto em Felicidade tem mais chances de estar no grupo 4 (IP) do que no grupo 1 (FP), enquanto que o indivíduo que possui mais desejo por uma vida simples tem mais chances de estar no grupo sustentável do que no grupo 4 (IP).

Desta forma, a partir dos dados encontrados, pôde-se confirmar as hipóteses 2. B (A felicidade está associada negativamente ao grupo Feliz e Produtivo e positivamente aos grupos Infeliz e Produtivo e Infeliz e Improdutivo) e 3. A (O desejo por uma vida simples está associado positivamente ao grupo Feliz e Produtivo e negativamente aos grupos Infeliz e Produtivo, Infeliz e Improdutivo e Feliz e Improdutivo).

Contudo, apesar da postulação da hipótese 2. A (A centralidade está associada negativamente ao grupo Feliz e Produtivo e positivamente ao grupo Infeliz e Produtivo), esse fator apareceu como um fator aparentemente mais associado ao grupo sustentável, porém, na Tabela 15 (Apêndice E), ele se mostrou correlacionado negativamente com esses construtos. Assim, surge uma nova hipótese alternativa: a Centralidade está associada positivamente ao grupo sustentável Feliz e Produtivo. Para verificar se a Centralidade poderia realmente

diferenciar os grupos 2 e 3 em relação ao grupo, foi realizado o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis que será mostrado a seguir.

4.3. Testes da hipótese alternativa de comparação entre os grupos

Para analisar diferenças nos escores de materialismo entre os quatro grupos de trabalhadores (felizes-produtivos, infelizes-improdutivos, felizes-improdutivos e infelizes-produtivos), pretendia-se realizar uma Análise de Variância (ANOVA). Todavia, considerando a natureza ordinal das escalas e possíveis violações dos pressupostos paramétricos de normalidade e homocedasticidade (Field, 2018), optou-se pela abordagem não paramétrica equivalente: o teste de Kruskal-Wallis (Kruskal & Wallis, 1952). Após a identificação de diferenças globais significativas, procedeu-se a análises *post-hoc* utilizando dois métodos complementares: o teste de Dwass-Steel-Critchlow-Fligner (Dwass, 1960; Steel, 1960) e o teste de Dunn com correção de Bonferroni (Dunn, 1964). Essa dupla abordagem permite tanto detectar diferenças sutis quanto garantir robustez contra falsos positivos, identificando especificamente quais pares de grupos diferem nas dimensões de materialismo como fonte de felicidade e sucesso. A Tabela 4 apresenta os valores de Kruskal-Wallis para cada fator do constructo materialismo.

Tabela 4

Anova não-paramétrica de Kruskal-Wallis

	χ^2	Gl	P	ϵ^2
Centralidade	2.10	3	.552	0.00840
Sucesso	8.64	3	.034	0.03457
Felicidade	17.13	3	<.001	0.06852

Fonte: elaborado pelo autor com o uso do Jamovi.

A partir da Tabela 4, observa-se que os fatores Sucesso e Felicidade se mostraram significativos, porém não foram encontradas diferenças significativas entre os 4 grupos no que se refere à Centralidade. Dessa forma, a hipótese alternativa de que a Centralidade está associada positivamente ao grupo sustentável Feliz e Produtivo foi rejeitada.

A Tabela 5 mostra as comparações múltiplas de Sucesso pelo teste de Dwass-Steel-Critchlow-Fligner (Dwass, 1960; Steel, 1960), e a Tabela 6 mostra essas comparações por meio do teste de Dunn com correção de Bonferroni (Dunn, 1964).

Tabela 5*Comparações múltiplas de Sucesso pelo teste de Dwass-Steel-Critchlow-Fligner*

		W	P
1	2	2.834	.187
1	3	-1.316	.789
1	4	-0.484	.986
2	3	-3.953	.027
2	4	-3.408	.075
3	4	1.078	.872

Fonte: elaborado pelo autor com o uso do Jamovi.

Tabela 6*Comparações múltiplas de Sucesso pelo teste de Dunn*

		Z	P(nãoaj)	P(Bonferroni)
1	2	-2.039	.041	.248
1	3	0.978	.328	1.000
1	4	0.319	.750	1.000
2	3	2.856	.004	.026
2	4	2.338	.019	.116
3	4	-0.682	.495	1.000

Fonte: elaborado pelo autor com o uso do Jamovi.

As comparações múltiplas indicaram que o Grupo 2 difere significativamente do Grupo 3 ($p = .027$ no teste DSCF; $p = .026$ com correção de Bonferroni).

A seguir, a Tabela 7 mostra as comparações múltiplas de Felicidade pelo teste de Dwass-Steel-Critchlow-Fligner (Dwass, 1960; Steel, 1960), e a Tabela 8 mostra essas comparações por meio do teste de Dunn com correção de Bonferroni (Dunn, 1964).

Tabela 7*Comparações múltiplas de Felicidade pelo teste de Dwass-Steel-Critchlow-Fligner*

		W	P
1	2	4.85	.003

Tabela 7*Comparações múltiplas de Felicidade pelo teste de Dwass-Steel-Critchlow-Fligner*

		W	P
1	3	2.09	.453
1	4	4.41	.010
2	3	-3.72	.042
2	4	-1.37	.769
3	4	2.54	.277

Fonte: elaborado pelo autor com o uso do Jamovi.

Tabela 8*Comparações múltiplas de Felicidade pelo teste de Dunn*

		Z	P(nãoaj)	P(Bonferroni)
1	2	-3.620	<.001	.002
1	3	-1.308	.191	1.000
1	4	-3.152	.002	.010
2	3	2.440	.015	.088
2	4	0.968	.333	1.000
3	4	-1.762	.078	.469

Fonte: elaborado pelo autor com o uso do Jamovi.

As comparações múltiplas revelaram que, com o fator Felicidade, o Grupo 1 difere significativamente dos Grupos 2 ($p = .002$) e 4 ($p = .010$) após correção de Bonferroni e por meio do teste de Dwass-Steel-Critchlow-Fligner.

Desta forma, pode-se verificar que, de fato, a hipótese 2. B é confirmada, que postula que um indivíduo com alta crença no fator Felicidade tem mais chances de estar no grupo Infeliz e Improdutivo do que no grupo sustentável (Feliz e Produtivo) ou de estar no grupo Infeliz e Produtivo do que no grupo sustentável.

Além disso, verifica-se que, apesar de a regressão logística multinomial apontar que a Centralidade está mais vinculada ao grupo 1 do que ao 3 e está mais vinculada ao grupo 1 comparada ao 2, observa-se que não existe diferença estatística entre nenhum grupo. Sendo

assim, a hipótese alternativa não foi confirmada.

Portanto, esclarecido o achado anteriormente na regressão logística multinomial e verificando a não confirmação da hipótese alternativa, a próxima seção busca verificar as Hipóteses 5 e 6, que se referem à variável endividamento como moderadora da relação entre os estilos de vida e os quatro grupos de bem-estar e desempenho.

4.4. O endividamento como moderador

Esta seção testa as Hipóteses 5 e 6 deste estudo, que propõem que o endividamento atua como variável moderadora nas relações entre os estilos de vida (materialismo e simplicidade voluntária) e os diferentes grupos da relação entre bem-estar e desempenho no trabalho. Especificamente, a Hipótese 5 postula que o endividamento potencializa a associação entre o materialismo e os grupos considerados não sustentáveis (Infeliz e Produtivo; Infeliz e Improdutivo; Feliz e Improdutivo), alinhando-se à perspectiva de que a pressão financeira pode exacerbar os efeitos negativos de valores materialistas (Dittmar et al., 2014). Por sua vez, a Hipótese 6 sugere que o endividamento enfraquece a influência protetora da simplicidade voluntária sobre o grupo sustentável (Feliz e Produtivo), pressupondo que o estresse da dívida compromete os recursos psicológicos necessários para manter um estilo de vida consciente e seu impacto positivo (Flitch et al., 2011; Sweet et al., 2013).

Para testar esses pressupostos de moderação, conduziram-se análises de regressão logística multinomial com moderação, método adequado para variáveis dependentes categóricas com mais de duas categorias não ordinais (Hosmer et al., 2013). A fim de captar as nuances conceituais distintas do construto, foram estimados dois conjuntos de modelos paralelos, operacionalizando o endividamento tanto como uma medida objetiva (percentual da renda comprometida com dívidas) quanto subjetiva (percepção de endividamento), o que possibilita uma compreensão abrangente do fenômeno (Keese, 2012). Em cada conjunto, os termos de interação, ou seja, o produto, entre os fatores de estilo de vida e a medida de endividamento foram inseridos de forma incremental após os efeitos principais, permitindo isolar e testar estatisticamente o efeito moderador (Hayes, 2018).

A Tabela 9 apresenta os resultados do modelo de moderação, usando o endividamento objetivo (renda comprometida) como variável moderadora. O endividamento objetivo foi operacionalizado de acordo com as porcentagens da renda comprometida (por exemplo, a resposta “0-10%” foi considerada como 1 e “10%-20%” foi considerada como 2).

Tabela 9*Estilos de vida moderados por renda comprometida*

Grupo	Preditor	Estimativas	Erro-padrão	Z	P
2 - 1	Intercepto	-0.93195	0.6923	- 1.3462	.178
	Renda comprometida * Desejo por uma vida simples	- 0.07577*	0.0343	- 2.2059	.027
	Renda comprometida * Felicidade	0.11407*	0.0363	3.1438	.002
	Renda comprometida * Sucesso	0.02079	0.0334	0.6217	.534
	Renda comprometida * Centralidade	-0.03884	0.0364	- 1.0662	.286
	Renda comprometida * Ponderação no ato de comprar	0.00318	0.0307	0.1037	.917
	Renda comprometida * Autossuficiência	0.01043	0.0285	0.3667	.714
3 - 1	Intercepto	0.63399	0.5270	1.2029	.229
	Renda comprometida * Desejo por uma vida simples	- 0.06765*	0.0321	- 2.1059	.035
	Renda comprometida * Felicidade	0.06826*	0.0330	2.0661	.039
	Renda comprometida * Sucesso	-0.04734	0.0322	- 1.4689	.142
	Renda comprometida * Centralidade	-0.00741	0.0313	- 0.2369	.813
	Renda comprometida * Ponderação no ato de comprar	0.00985	0.0284	0.3466	.729
	Renda comprometida * Autossuficiência	0.01343	0.0254	0.5287	.597
4 - 1	Intercepto	-0.13203	0.5572	- 0.2369	.813
	Renda comprometida * Desejo por uma vida simples	- 0.06509*	0.0303	- 2.1455	.032

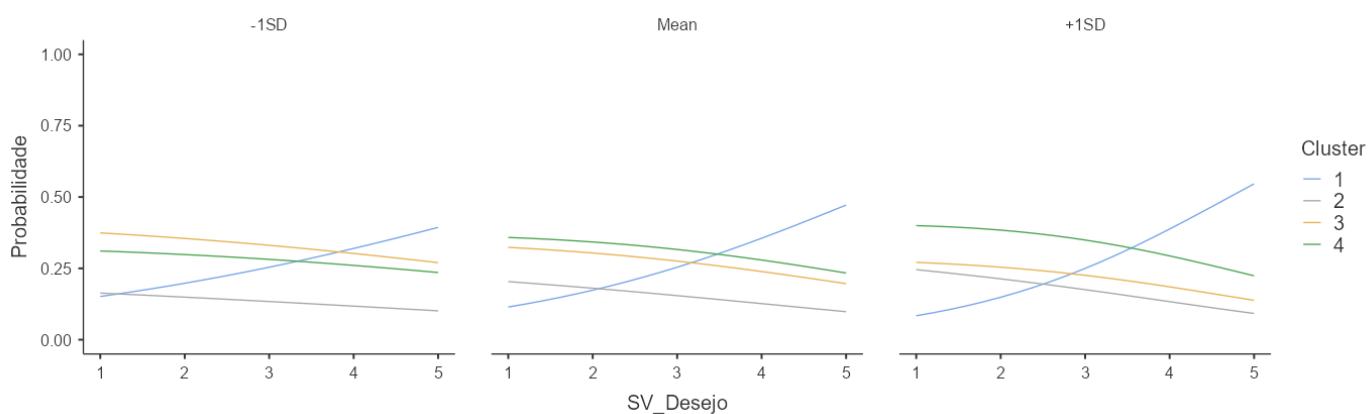
Tabela 9*Estilos de vida moderados por renda comprometida*

Grupo	Preditor	Estimativas	Erro-padrão	Z	P
	Renda comprometida * Felicidade	0.10900*	0.0317	3.4338	<.001
	Renda comprometida * Sucesso	-0.04918	0.0303	-1.6217	.105
	Renda comprometida * Centralidade	-0.01427	0.0306	-0.4657	.641
	Renda comprometida * Ponderação no ato de comprar	0.02792	0.0270	1.0344	.301
	Renda comprometida * Autossuficiência	4.60e-4	0.0243	0.0189	.985

Nota: os preditores significativos estão com asterisco (*).

Fonte: elaborada pelo autor com o uso do Jamovi.

A partir desses resultados, é interessante notar que a moderação de renda comprometida na relação entre Desejo por uma vida simples e na relação entre Felicidade são significativas na comparação de todos os grupos. Para ilustrar essa moderação, a Figura 5 apresenta as médias marginais estimadas do fator Desejo por uma vida simples na média +/- 1 desvio padrão.

Figura 5*Moderação de renda comprometida em Desejo por uma vida simples*

Fonte: elaborada pelo autor com o uso do Jamovi.

Nota: o cluster 1 se refere ao grupo FP, o cluster 2 se refere ao grupo II, o cluster 3 se refere ao grupo FI, o cluster 4 se refere ao grupo IP.

A partir dos resultados da regressão logística multinomial com moderação ilustrados nos gráficos da Figura 5, pode-se verificar que o fator Desejo por uma vida simples exerce

efeitos positivos sobre o grupo sustentável de bem-estar e desempenho, aumentando a probabilidade de o indivíduo estar neste grupo (Feliz e Produtivo) e reduzindo a probabilidade de estar nos grupos não sustentáveis. Contudo, o papel moderador do endividamento objetivo apresenta nuances específicas a cada grupo, oferecendo suporte parcial à Hipótese 6.

Para os grupos Infeliz e Improdutivo (grupo 2), Feliz e Improdutivo (grupo 3) e Infeliz e Produtivo (grupo 4), são coerentes com a hipótese: o endividamento atua como um fator de enfraquecimento, reduzindo a magnitude do efeito protetor do desejo por simplicidade. Quando a renda comprometida atinge níveis elevados (+1 desvio padrão), a capacidade da simplicidade voluntária de reduzir a probabilidade deste grupo é significativamente atenuada em comparação com contextos de baixo endividamento (-1 desvio padrão).

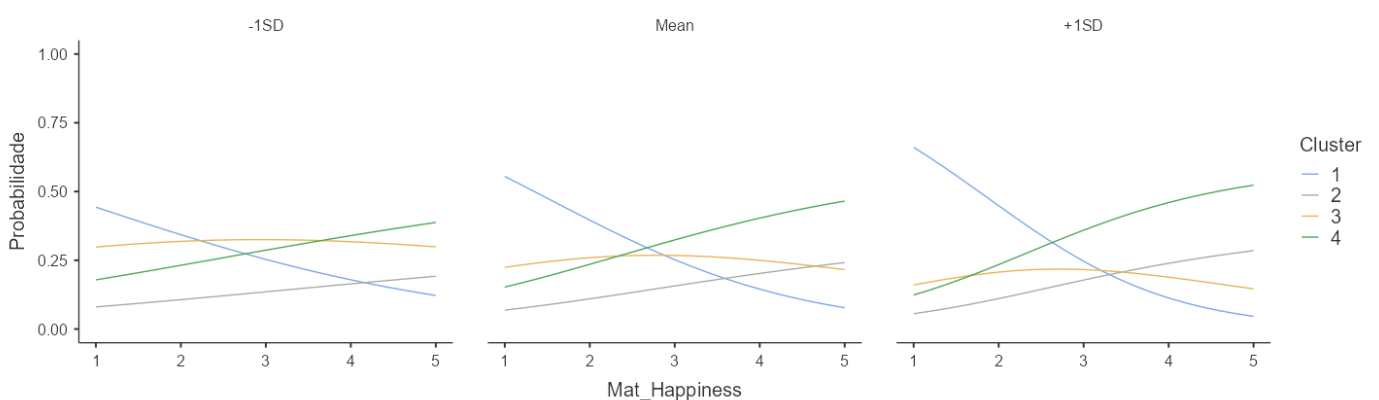
Contudo, para o Grupo 1 (Feliz e Produtivo), o Desejo por uma vida simples mantém uma relação positiva, estável e em uma crescente com a probabilidade de pertencimento a este grupo sustentável. Assim, conforme aumenta a adesão a valores de simplicidade voluntária, cresce a probabilidade de os indivíduos reportarem altos níveis simultâneos de bem-estar e desempenho. Desta forma, este efeito não é significativamente alterado pelo nível de endividamento objetivo, como evidenciado pelo gráfico, apesar dos diferentes níveis de renda comprometida (-1 desvio padrão, média e +1 desvio padrão).

Estes resultados sugerem que a relação entre o fator Desejo por uma vida simples e os grupos laborais é moderada pelo endividamento objetivo. Assim, apesar de ser um fator protetor em relação aos grupos não sustentáveis, o efeito desse fator no grupo sustentável não foi afetado mesmo em altos níveis de endividamento objetivo. Contudo, o efeito desse fator nos grupos não sustentáveis pode ser reduzido em altos níveis de endividamento objetivo.

A seguir, a Figura 6 apresenta o gráfico da moderação do fator Felicidade com desvio padrão de +/- 1 de renda comprometida.

Figura 6

Moderação de renda comprometida em Felicidade



Fonte: elaborada pelo autor com o uso do Jamovi.

Nota: o cluster 1 se refere ao grupo FP, o cluster 2 se refere ao grupo II, o cluster 3 se refere ao grupo FI, o cluster 4 se refere ao grupo IP.

A partir dos resultados da regressão logística multinomial com moderação ilustrados nos gráficos da Figura 6, pode-se verificar que há um efeito principal robusto e negativo do fator Felicidade sobre o grupo sustentável (Feliz e Produtivo), cuja probabilidade decresce acentuadamente e é incrementada ao alto nível de endividamento.

Ao analisar o grupo Infeliz e Improdutivo (grupo 2) e o grupo Infeliz e Produtivo (grupo 4), a Hipótese 5 é confirmada, pois a renda comprometida atua como um amplificador, potencializando a associação já positiva entre materialismo e a probabilidade destes grupos disfuncionais. Contudo, é curioso notar que, com o aumento no endividamento objetivo, observa-se uma queda na probabilidade de estar no grupo Feliz e Improdutivo, assim o endividamento atenua a relação positiva com o materialismo, atuando de forma contrária ao previsto. Uma interpretação possível é que a restrição financeira imposta pela dívida inibe a tradução comportamental da crença materialista (o consumo), mitigando, assim, sua associação com uma felicidade desconectada da produtividade.

Em síntese, a interação entre a crença de que posses trazem felicidade e a realidade do endividamento aumenta a probabilidade de um indivíduo estar no grupo Infeliz e Improdutivo e Infeliz e Produtivo, oferecendo suporte qualificado à Hipótese 5.

A seguir, a Tabela 10 apresenta os resultados do modelo de moderação, com o endividamento subjetivo (percepção de endividamento) como variável moderadora.

Tabela 10

Estilos de vida moderados por percepção de endividamento

Grupo	Preditor	Estimativas	Erro-padrão	Z	p
2 - 1	Intercepto	-1.3193	0.5496	-2.4003	.016
	Percepção de endividamento * Centralidade	-0.0243	0.0938	-0.2589	.796
	Percepção de endividamento * Sucesso	0.0337	0.0855	0.3948	.693
	Percepção de endividamento * Felicidade	0.2273*	0.0998	2.2778	.023

Tabela 10*Estilos de vida moderados por percepção de endividamento*

Grupo	Preditor	Estimativas	Erro-padrão	Z	p
3 - 1	Percepção de endividamento * Ponderação no ato de comprar	0.0590	0.0804	0.7341	.463
	Percepção de endividamento * Desejo por uma vida simples	-0.1937*	0.0920	-2.1052	.035
	Percepção de endividamento * Autossuficiência	-0.0139	0.0761	-0.1830	.855
	Intercepto	-0.1299	0.4102	-0.3166	.752
	Percepção de endividamento * Centralidade	0.0340	0.0778	0.4373	.662
	Percepção de endividamento * Sucesso	-0.0642	0.0790	-0.8133	.416
	Percepção de endividamento * Felicidade	0.0982	0.0898	1.0935	.274
	Percepção de endividamento * Ponderação no ato de comprar	0.0658	0.0699	0.9413	.347
4 - 1	Percepção de endividamento * Desejo por uma vida simples	-0.1387	0.0839	-1.6531	.098
	Percepção de endividamento * Autossuficiência	0.0276	0.0648	0.4267	.670
	Intercepto	-0.2744	0.4084	-0.6719	.502
	Percepção de endividamento * Centralidade	-0.0221	0.0759	-0.2908	.771
	Percepção de endividamento * Sucesso	-0.0814	0.0735	-1.1075	.268
	Percepção de endividamento * Felicidade	0.2325*	0.0853	2.7269	.006
	Percepção de endividamento * Ponderação no ato de comprar	0.0729	0.0660	1.1044	.269

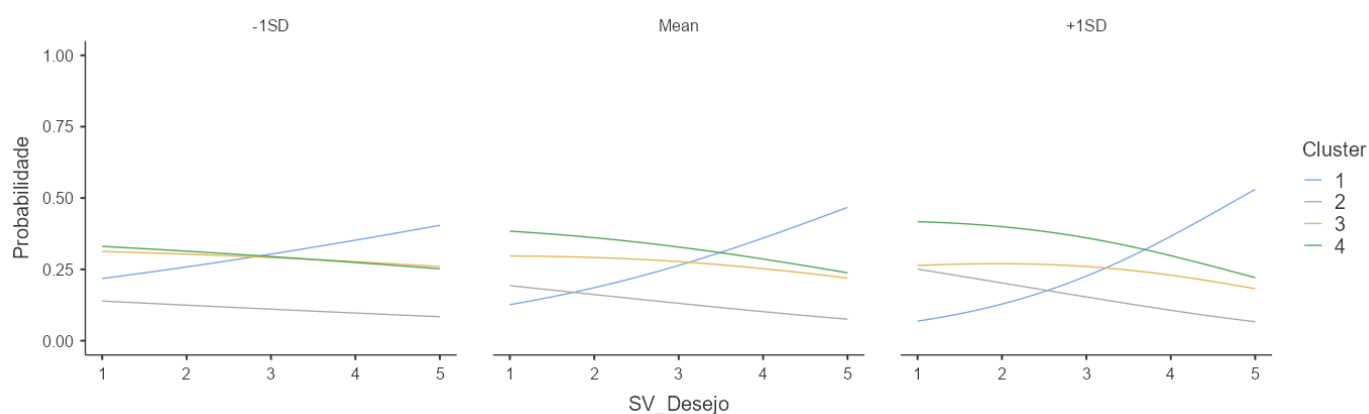
Tabela 10*Estilos de vida moderados por percepção de endividamento*

Grupo	Preditor	Estimativas	Erro-padrão	Z	p
	Percepção de endividamento * Desejo por uma vida simples	-0.1539*	0.0784	-1.9625	.050
	Percepção de endividamento * Autossuficiência	-6.66e-4	0.0621	-0.0107	.991

Nota: os preditores significativos estão marcados com asterisco (*).

Fonte: elaborada pelo autor com o uso do Jamovi.

Ao observar os resultados da Tabela 10, deve-se notar que a moderação de renda comprometida na relação entre Felicidade é significativa na comparação entre os grupos 2 (II) e 1 (FP) e 4 (IP) e 1 (FP); na relação entre Desejo por uma vida simples, a comparação entre os grupos 2 (II) e 1 (FP) e 4 (IP) e 1 (FP) foi significativa. Para ilustrar essa moderação, a Figura 7 apresenta as médias marginais estimadas do fator Desejo por uma vida simples na média desvio padrão de +/- 1 da percepção de endividamento.

Figura 7*Moderação de endividamento percebido em Desejo por uma vida simples*

Fonte: elaborada pelo autor com o uso do Jamovi.

Nota: o cluster 1 se refere ao grupo FP, o cluster 2 se refere ao grupo II, o cluster 3 se refere ao grupo FI, o cluster 4 se refere ao grupo IP.

Ao analisar a Figura 7, pode-se observar que o fator Desejo por uma vida simples exerce efeitos positivos sobre o grupo sustentável de bem-estar e desempenho, aumentando a

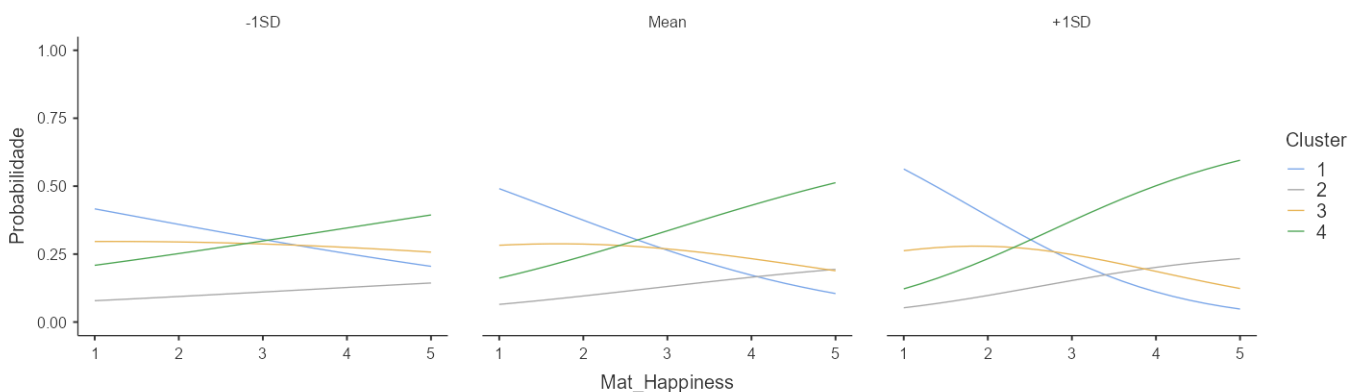
probabilidade de o indivíduo estar neste grupo (Feliz e Produtivo) e reduzindo a probabilidade de estar nos grupos não sustentáveis (Feliz e Improdutivo, Infeliz e Produtivo e Infeliz e Improdutivo). Contudo, o papel moderador da percepção de endividamento (uma maneira de verificar a dimensão subjetiva do endividamento) apresenta especificidades para cada grupo, oferecendo suporte à Hipótese 6.

Para os grupos Infeliz e Improdutivo (grupo 2), Feliz e Improdutivo (grupo 3) e Infeliz e Produtivo (grupo 4), o efeito protetor de Desejo por uma vida simples é observável, porém a moderação da percepção de endividamento é menos pronunciada do que se observou na Figura 5, em que a relação era moderada pela renda comprometida. Para o grupo 2 (Infeliz e Improdutivo), o efeito protetor de Desejo por uma vida simples se mantém, com uma atenuação apenas marginal quando a percepção de endividamento é alta. Para os grupos 3 (Feliz e Improdutivo) e 4 (Infeliz e Produtivo), a relação negativa entre desejo por simplicidade e a probabilidade dos grupos mostra-se praticamente sem moderação pela percepção de dívida, com as curvas para diferentes níveis do moderador apresentando trajetórias praticamente paralelas. Por fim, para o Grupo 1 (Feliz e Produtivo), tal como observado na moderação pela renda comprometida, o Desejo por uma vida simples mantém uma relação positiva, estável e em uma crescente com a probabilidade de pertencimento a este grupo sustentável. Assim, conforme aumenta a adesão a valores de simplicidade voluntária, cresce a probabilidade de os indivíduos reportarem altos níveis simultâneos de bem-estar e desempenho.

A seguir, a Figura 8 apresenta o gráfico da moderação do fator Felicidade com desvio padrão de +/- 1 de renda comprometida.

Figura 8

Moderação de endividamento percebido em Felicidade



Fonte: elaborada pelo autor com o uso do Jamovi.

Nota: o cluster 1 se refere ao grupo FP, o cluster 2 se refere ao grupo II, o cluster 3 se refere ao grupo FI, o cluster 4 se refere ao grupo IP.

Os resultados da análise de moderação utilizando a percepção subjetiva de endividamento como moderador na relação entre a crença materialista de que posses trazem felicidade e os grupos revelaram um padrão claro e direcional, oferecendo suporte à Hipótese 5. O gráfico de médias marginais, apresentado na Figura 8, demonstra que a autopercepção como endividado atua como um amplificador dos efeitos do materialismo.

No grupo 1 (Feliz e Produtivo), nota-se, inicialmente, o principal efeito negativo de Felicidade, em que os níveis mais altos dessa crença reduzem drasticamente a probabilidade de pertencer ao grupo sustentável, e esse efeito foi intensificado pela percepção de endividamento. Desta forma, indivíduos que combinavam altos *scores* em Felicidade com uma elevada percepção de endividamento (+1DP) apresentaram a menor probabilidade estimada de pertencimento a este grupo.

Para os grupos 2 (Infeliz e Improdutivo) e 4 (Infeliz e Produtivo), observa-se que as curvas são crescentes, ilustrando a associação positiva e crescente entre o fator Felicidade e a probabilidade destes grupos disfuncionais. Na moderação, verificou-se que essas curvas tiveram um aumento, dado o aumento na percepção de endividamento (+ 1 desvio padrão). Assim, um indivíduo que toma a Felicidade materialista como crença e se percebe como endividado tem maior probabilidade de estar nos grupos 2 e 4. Dessa forma, esses achados corroboram a hipótese 5. Contudo, não houve confirmação total desta hipótese, pois, ao analisar as variações da probabilidade de se estar no grupo 3, pode-se verificar que não é possível identificar um efeito de moderação significativo, o que é evidenciado pela sobreposição quase completa das linhas de diferentes níveis de percepção de endividamento (-1 desvio padrão, média e +1 desvio padrão).

Portanto, observa-se que tanto o endividamento objetivo (renda comprometida) quanto a percepção subjetiva de endividamento confirmaram seu papel como um moderador entre o materialismo (por meio do fator Felicidade) e os grupos, oferecendo suporte à Hipótese 5.

Tabela 11

Confirmação das hipóteses

Hipóteses	Proposição	Confirmado?
H1	Bem-estar e desempenho se estruturam em quatro grupos.	Confirmado.
H2	Materialismo está associado positivamente com grupos não sustentáveis e negativamente com o grupo FP.	Parcialmente confirmado.
H2.A	Centralidade está associada negativamente com FP e positivamente com IP.	Não foi confirmado.

H2.B	Felicidade está associada negativamente com FP e positivamente com IP e II.	Confirmado.
H2.C	Sucesso está associado negativamente com FP e positivamente com IP e II.	Não foi confirmado.
H3	Simplicidade voluntária está associada positivamente com o grupo FP e negativamente com os grupos não sustentáveis.	Parcialmente confirmado.
H3.A	Desejo por uma vida simples está associado positivamente ao grupo FP e negativamente aos grupos FI, II e IP.	Confirmado.
H3.B	A autossuficiência está associada positivamente ao grupo FP e negativamente ao grupo FI.	Não foi confirmado.
H3.C	A ponderação no ato de comprar está associada positivamente ao grupo FP e negativamente ao grupo FI e II.	Não foi confirmado.
H4	Endividamento está associado positivamente com grupos não sustentáveis e negativamente com o grupo FP.	Confirmado.
H5	Endividamento modera a relação de Materialismo e os grupos.	Confirmado.
H6	Endividamento modera a relação de Simplicidade Voluntária e os grupos.	Confirmado.

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

5. Discussão

O presente estudo teve como objetivo geral analisar como o endividamento e os estilos de vida materialista e de simplicidade voluntária influenciam os diferentes grupos da relação entre bem-estar e desempenho no trabalho. A partir de uma amostra de 251 servidores públicos da Secretaria de Educação do Distrito Federal, os resultados indicaram que a relação entre bem-estar e desempenho é complexa e demonstraram o papel dos estilos de vida e do endividamento na configuração dos grupos de bem-estar e desempenho.

Inicialmente, é necessário discutir a qualidade psicométrica dos instrumentos utilizados, uma vez que a robustez dos achados depende diretamente da adequação das medidas. A Análise Fatorial Confirmatória (AFC) demonstrou um bom ajuste psicométrico para as escalas utilizadas, ainda que com níveis diferenciados de ajuste.

A escala de Materialismo (Richins, 2004, adaptado por Garcia, 2009) apresentou ajuste moderado, com índices de consistência interna aceitáveis (α entre 0,74 e 0,81). O ajuste moderado pode refletir desafios inerentes à mensuração de um construto complexo e culturalmente sensível, especialmente considerando-se as particularidades do contexto brasileiro, em que os significados atribuídos ao dinheiro e aos bens materiais são marcados por profundas desigualdades sociais (Moreira & Tamayo, 1999; Moreira, 2002). Em relação à escala de Simplicidade Voluntária (Iwata, 2006), também se verificou um bom ajuste, com destaque para os fatores Ponderação no Ato de Comprar ($\alpha=0,87$) e Autossuficiência ($\alpha=0,81$). O fator Desejo por uma Vida Simples, embora tenha apresentado consistência mais moderada ($\alpha=0,63$), manteve-se dentro dos parâmetros aceitáveis para pesquisas exploratórias (Field, 2018), especialmente considerando-se a complexidade e a natureza multifacetada do construto. Estes achados replicam e estendem as evidências de validade da escala para o contexto brasileiro, originalmente reportadas por Ferraz et al. (2014a, 2014b).

A escala de Bem-Estar no Trabalho (Paschoal & Tamayo, 2008) apresentou um bom ajuste, com cargas fatoriais robustas e boa consistência interna. Este resultado corrobora a adequação da escala para o contexto brasileiro e reforça a pertinência de se considerar tanto os aspectos hedônicos (afetos positivos e negativos) quanto eudaimônicos (realização pessoal) do bem-estar no trabalho, conforme preconizado pela literatura (Paschoal & Tamayo, 2008; Peiró et al., 2014; Pérez-Nebra et al., 2021). Por último, a escala de Desempenho no Trabalho (Koopmans et al., 2014) apresentou ajuste moderado, com boa consistência interna para todos os fatores (α entre 0,80 e 0,84). Contudo, dentre os itens do fator Desempenho contextual, verificou-se que alguns possuíam uma carga fraca, o que sugere que eles não representam bem o fator vinculado. Esses resultados corroboram o debate na literatura

brasileira de Gestão de Pessoas sobre a existência de um quarto fator de desempenho: o desempenho adaptativo (Bendassolli, 2017; Pulakos et al., 2000). Assim, pontuados os resultados da AFC das escalas e verificado o ajuste psicométrico, pôde-se proceder à análise da relação dos construtos.

Primeiramente, a relação entre bem-estar e desempenho confirmou-se como multifacetada e não-linear, estruturando-se em quatro grupos distintos conforme proposto pela perspectiva de Bem-Estar e Desempenho Sustentável (Peiró et al., 2019). Assim, confirmou-se a Hipótese 1. A identificação dos grupos feliz e produtivo (FP), infeliz e improdutivo (II), feliz e improdutivo (FI) e infeliz e produtivo (IP) corrobora a visão de que a associação positiva tradicionalmente esperada entre bem-estar e desempenho não se verifica de forma universal, exigindo uma compreensão mais ampla que considere combinações antagônicas (Peiró et al., 2014; Peiró et al., 2019; Pérez-Nebra et al., 2021). Ainda, deve-se pontuar que, na amostra deste estudo, o quantitativo de indivíduos se demonstrou estar balanceado, o que permitiu que as análises fossem realizadas.

Em relação aos estilos de vida, os resultados confirmaram parcialmente a hipótese 2. O materialismo, especialmente na dimensão da Felicidade (crença de que posses materiais trazem felicidade), mostrou-se associado a grupos não sustentáveis. Indivíduos com altos *scores* nessa dimensão apresentaram maior probabilidade de pertencer aos grupos infeliz e improdutivo (II) e infeliz e produtivo (IP), confirmando a hipótese H2.B. Este resultado alinha-se às pesquisas realizadas na área que associam o materialismo a menor bem-estar subjetivo, maior ansiedade, depressão e menor satisfação com a vida (Dittmar *et al.*, 2014; Kasser & Ryan, 1993; Richins & Dawson, 1992). A extensão desta relação para o domínio do desempenho representa uma contribuição do presente estudo. Uma possível explicação é de que a ruminação e a insatisfação geradas pela busca incessante por bens materiais, que é frequentemente frustrada pela realidade financeira, consomem recursos cognitivos e emocionais que seriam direcionados às tarefas profissionais (Kahneman, 2011; Garman et al., 2004). Assim, no grupo II, essa drenagem de recursos resulta em improdutividade, ao passo que também causa uma queda no bem-estar. No grupo IP, a produtividade é mantida, mas à custa de um esforço compensatório que exaure o indivíduo, reduzindo a realização no trabalho e afetos positivos e aumentando os afetos negativos.

A simplicidade voluntária, particularmente o Desejo por uma vida simples, emergiu como um fator protetor, associando-se positivamente ao grupo sustentável (FP) e negativamente aos grupos não sustentáveis (II, FI, IP), confirmando a Hipótese H3.A. Este resultado ressalta que valores de anticonsumo, focados em crescimento pessoal e redução do

consumo material (Elgin & Mitchell, 1977; Ferraz et al., 2014a), podem promover não apenas o bem-estar pessoal, mas também uma relação mais equilibrada e produtiva com o trabalho. Uma possível explicação para essa associação reside na menor dependência de recompensas externas característica deste estilo de vida. Indivíduos que adotam a simplicidade voluntária talvez tendem a pautar suas escolhas por valores intrínsecos, como autonomia, crescimento pessoal e relações significativas, o que os tornariam menos suscetíveis às flutuações da satisfação no trabalho baseadas em incentivos materiais ou reconhecimento externo. Contudo, é possível que se estabeleça um ciclo: a orientação para uma vida simples não apresenta demandas e expectativas materiais, o que poderia gerar menos estresse e maior leveza no cotidiano; esse estado, por sua vez, retroalimenta a orientação por motivações intrínsecas da tarefa, o que incrementaria desempenho. Em outras palavras, pessoas que adotam o estilo de vida simplicidade voluntário de seriam motivadas intrinsecamente ao encontrar no suficiente as condições para seu bem-estar e desempenho, e essa orientação para o suficiente as protegeria de estressores externos.

A análise das variáveis sociodemográficas na predição dos grupos de bem-estar e desempenho apontou que gênero e escolaridade foram significativas para distinguir o grupo 3 (FI) e o grupo 1 (FP). A variável gênero emergiu como preditora significativa, com mulheres apresentando maior probabilidade de estar no grupo feliz, porém improdutivo (FI) em comparação ao grupo sustentável (FP). Contudo, deve-se notar que cerca de 80% da amostra é do gênero feminino, o que pode enviesar esse resultado. A variável escolaridade também se mostrou como uma preditora significativa, com indivíduos com maior escolaridade apresentando maior probabilidade de estar no grupo referência (FP) do que no grupo 3 (FI). Uma possível explicação é que indivíduos com maior escolaridade podem dispor de maiores recursos cognitivos e competências para organizar o trabalho, estabelecer prioridades e gerenciar o tempo de forma eficiente, permitindo-lhes canalizar seu bem-estar afetivo em produtividade concreta (Ng & Feldman, 2009). Além disso, a escolaridade mais elevada frequentemente está associada a cargos de maior autonomia e complexidade, que podem oferecer mais oportunidades para que a satisfação se traduza em desempenho visível e mensurável.

O endividamento revelou-se uma variável com efeitos diretos e moderadores. Tanto a medida objetiva (percentual de renda comprometida) quanto a subjetiva (percepção de endividamento) mostraram-se associadas negativamente ao bem-estar e ao desempenho no trabalho, confirmando a Hipótese H4. Também, o endividamento atuou como moderador nas relações entre estilos de vida e grupos laborais, oferecendo suporte às hipóteses H5 e H6. Mais

especificamente, o endividamento potencializou os efeitos negativos do materialismo (H5): indivíduos que associam felicidade a posses materiais e que se encontram altamente endividados apresentam probabilidade ainda maior de pertencer aos grupos infeliz e improdutivo (II) e infeliz e produtivo (IP). Esse resultado sugere que a pressão financeira da dívida exacerba a frustração e o estresse decorrentes da incapacidade de realizar aspirações materialistas, pois pode comprometer a concentração, a tomada de decisão e a energia disponível para o trabalho, impactando negativamente tanto o bem-estar quanto o desempenho.

O endividamento também atenuou o efeito protetor da simplicidade voluntária (H6), embora de forma menos pronunciada. Enquanto o desejo por uma vida simples permaneceu como um preditor positivo do grupo sustentável independentemente do nível de dívida, sua capacidade de reduzir a probabilidade dos grupos não sustentáveis mostrou-se ligeiramente enfraquecida em contextos de alto endividamento. Isso indica que o endividamento pode comprometer os recursos psicológicos necessários para manter um estilo de vida consciente e seus benefícios associados.

5.1. Contribuições teóricas

Este estudo oferece contribuições substantivas para a literatura em gestão de pessoas e comportamento organizacional. Primeiramente, ao testar empiricamente a estrutura de grupos proposta por Peiró et al. (2019) no contexto brasileiro e identificar preditores significativos, a pesquisa valida e enriquece essa perspectiva teórica, fornecendo evidências sobre as variáveis preditoras das diferentes combinações de bem-estar e desempenho. Além disso, a investigação conecta construtos tradicionalmente estudados em campos distintos – comportamento do consumidor (materialismo e anticonsumo), finanças pessoais (endividamento) e psicologia organizacional (bem-estar e desempenho no trabalho). Essa integração responde a chamados por uma visão mais holística do trabalhador (Diener & Seligman, 2004), reconhecendo que escolhas e circunstâncias de vida fora do trabalho impactam profundamente a experiência laboral.

A pesquisa também avança na compreensão do endividamento não apenas como um indicador econômico, mas também como um fenômeno psicossocial (Prawitz et al., 2006), com repercussões diretas no funcionamento organizacional. A confirmação de seu papel moderador oferece um mecanismo explicativo mais refinado para a relação entre valores pessoais e resultados laborais. Por fim, este estudo traz evidências empíricas sobre um problema sensível da realidade nacional: a interseção entre desigualdade de renda, cultura

materialista e endividamento familiar (Anversa, 2024; CNC, 2025); e seus reflexos na esfera do trabalho público, um setor tradicionalmente considerado estável.

5.2. Contribuições práticas

Os resultados desta pesquisa têm implicações relevantes para organizações, gestores e formuladores de políticas públicas. Primeiramente, as organizações, especialmente as do setor público, devem considerar a implementação de programas de educação financeira e de apoio ao equilíbrio das finanças pessoais. Tais iniciativas vão além de um benefício social: constituem um investimento em produtividade, na redução do presenteísmo e na promoção da saúde mental no trabalho (Garman et al., 1996; Pati, 2025). Além disso, a associação positiva entre simplicidade voluntária e o grupo sustentável sugere que campanhas e iniciativas que promovam valores de consumo consciente, frugalidade e realização não-material podem gerar benefícios organizacionais. Sendo assim, *workshops* sobre minimalismo, o estilo de vida Simplicidade Voluntária, sustentabilidade e qualidade de vida podem ser incorporados a programas de desenvolvimento de carreira e de qualidade de vida no trabalho. Na Secretaria de Educação do Distrito Federal, existe o Programa de Educação Financeira vinculado ao Departamento de Qualidade de Vida no Trabalho. Assim, o autor deste estudo entrou em contato com este departamento e está aguardando o retorno para dar um retorno à organização e buscar promover uma reformulação do programa e promover formações com os servidores, de modo a incentivá-los a adotarem um estilo de vida mais simples, além de sensibilizá-los quanto ao impacto do endividamento no bem-estar e instrumentalizá-los com conhecimentos financeiros.

Ao trazer a perspectiva sustentável de bem-estar e desempenho, esta pesquisa incita os gestores a utilizar a lógica dos grupos para diagnosticar o clima organizacional e desenvolver intervenções direcionadas. Ao reconhecer que pode haver colaboradores produtivos, mas infelizes (grupo IP), ou felizes, mas pouco produtivos (grupo FI), pode-se realizar ações mais específicas, que podem incluir desde redesenho de cargos até programas de mentoria e saúde psicológica.

Por fim, os achados reforçam a necessidade de políticas públicas que abordem de forma integrada o endividamento das famílias, reconhecendo seu impacto transversal na saúde, nas relações familiares e na produtividade do trabalho. Ações coordenadas entre ministérios da Economia, Saúde e Trabalho podem ser mais eficazes do que iniciativas isoladas.

5.3. Limitações e Agenda Futura

Apesar dos avanços relatados, este estudo apresenta limitações que devem ser reconhecidas e apontam caminhos para pesquisas futuras. O primeiro ponto é a natureza transversal da coleta de dados, que impede inferências causais definitivas. Assim, recomenda-se que sejam realizados estudos longitudinais para examinar como os grupos de bem-estar e desempenho se desenvolvem e se transformam ao longo do tempo, sob a influência de mudanças nos estilos de vida e na situação financeira. Outra limitação é que a pesquisa focou em servidores públicos da educação do Distrito Federal, o que limita a generalização dos resultados. Assim, replicações com amostras de outros setores (privado e terceiro setor), de regiões do país e de categorias profissionais são necessárias para verificar a robustez dos achados. Além disso, observou-se uma alta concentração do gênero feminino na amostra, que, apesar de ser maioria na profissão docente, pode limitar a generalização. Também, verificou-se que a escala de Desempenho no trabalho (Koopmans et al., 2014) apresentou itens com cargas fatoriais fracas, o que pode impactar na análise dos fatores de desempenho. Escala de Materialismo (Richins, 2004, adaptada por Garcia, 2009). Por último, houve baixa adesão ao questionário, com apenas 251 respostas, o que pode limitar a generalização e a interpretação do fenômeno. Uma possível explicação é o fenômeno de “survey fatigue”, em que as pessoas estão menos dispostas a responder questionários online, seja pela percepção de baixa repercussão prática e retorno das pesquisas ou simplesmente porque estão cansados.

Futuros estudos podem incluir outras variáveis de preditoras relevantes, ou de controle, como personalidade (e.g., conscienciosidade, neuroticismo), autocontrole, significado do dinheiro, suporte social e características do trabalho (e.g., autonomia, demandas), assim como outros possíveis mediadores como ruminação mental ou o conflito trabalho-família.

Desta forma, esta dissertação demonstrou que o caminho para um trabalhador feliz e produtivo, em uma perspectiva sustentável, passa, inevitavelmente, pela esfera do consumo e das finanças pessoais. Em um contexto social marcado pela pressão consumista e pela vulnerabilidade financeira, as organizações não podem mais ignorar que o salário não termina no contracheque; ele se desdobra em escolhas de consumo, hábitos financeiros, que impactam não só a vida pessoal do colaborador, mas também a organização.

Assim, os achados desta pesquisa avançam no debate da literatura. Primeiramente, ao apresentar que a relação bem-estar-desempenho se estrutura em quatro grupos distintos, incluindo os grupos antagônicos feliz-improdutivo e infeliz-produtivo, o estudo valida e operacionaliza a perspectiva de bem-estar e desempenho sustentável (Peiró et al., 2019) em um contexto brasileiro. Também, esta pesquisa mostra que o impacto dos valores de consumo

(materialismo/simplicidade voluntária) ultrapassa a esfera individual, afetando bem-estar e desempenho nas organizações. E os problemas de endividamento não permanecem apenas no ambiente familiar/privado, mas também afetam as organizações. Ainda, ao integrar os estilos de vida materialista e de anticonsumo, que representam valores de consumo, e as finanças pessoais (endividamento) com desfechos organizacionais, o estudo oferece um modelo empírico testado que abre caminho para pesquisas interdisciplinares sobre como a gestão da vida financeira e os valores de consumo atravessam as fronteiras individuais, impactando o trabalho. Por fim, os achados não apenas enriquecem a compreensão dos antecedentes extraorganizacionais do trabalho, mas posicionam o endividamento como uma variável moderada entre os valores de consumo e os grupos de bem-estar e desempenho.

Referências

- Adapa, S. (2018). Factors influencing consumption and anti-consumption of recycled water: Evidence from Australia. *Journal of Cleaner Production*, 201, 624-635. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2018.08.083>
- Albuquerque, F., Bellini, C., Pereira, R., & Mota, F. (2010). Motivações para o ciberativismo anticonsumo em comunidades virtuais antimarca. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 9(1-2), 64-74. Recuperado de <https://periodicos.fgv.br/rbpg/article/view/78832>
- Antoniuzzi, E. A., Lopes, E. M., Novak, M. A. L., & Soares, S. (2019). Renda, endividamento e inadimplência: uma análise brasileira no período de 2010 a 2016. *OIDLES Observatorio Iberoamericano Del Desarrollo Local Y La Economía Social*, 13(27). Recuperado a partir de <https://www.desarrolloyeconomiasocial.com/index.php/oidles/article/view/903>
- Anversa, L. (2024, 11 de julho). Concentração de renda no Brasil aumenta 17% em 15 anos. *Exame*. Disponível em: <https://exame.com/economia/concentracao-de-renda-no-brasil-aumenta-17-em-15-anos-veja-ranking/>
- APA. (2022). Stress in America 2022: A National Mental Health Crisis. American Psychological Association.
- Arcidiacono, P., Hotz, V. J., Maurel, A., & Romano, T. (2020). Ex ante returns and occupational choice. *Journal of Political Economy*, 128(12), 4475-4522.
- Armstrong, M., & Murlis, H. (2007). *Reward management: A handbook of remuneration strategy and practice*. Kogan Page Publishers.
- Assadourian, E. (2010). Transforming Cultures: From Consumerism to Sustainability. *Journal of Macromarketing*, 30(2), 186-191. <https://doi.org/10.1177/0276146710361932>
- Ayala, Y., Peiró, J. M., Tordera, N., Lorente, L., & Yeves, J. (2017). Job Satisfaction and Innovative Performance in Young Spanish Employees: Testing New Patterns in the Happy-Productive Worker Thesis—A Discriminant Study. *Journal of Happiness Studies*, 18(5), 1377–1401. <https://doi.org/10.1007/s10902-016-9778-1>
- Bakker, A. B., & Demerouti, E. (2008). Towards a model of work engagement. *The Career Development International*, 13(3), 209–223. <https://doi.org/10.1108/13620430810870476>
- Bailey, C., Madden, A., Alfes, K., Shantz, A., & Soane, E. (2017). The mismanaged soul: Existential labor and the erosion of meaningful work. *Human Resource Management Review*, 27(3), 416-430. <https://doi.org/10.1016/j.hrmr.2016.11.001>
- Bauman, Z. (2007). *Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Zahar.
- Belk, R. W. (1985). Materialism: Trait Aspects of Living in the Material World. *Journal of Consumer Research*, 12 (3): 265–280. <https://doi.org/10.1086/208515>

- Bendassolli, P. F. (2017). Desempenho no trabalho: Revisão da literatura. *Psicologia Argumento*, 30(68). <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.5895>
- Bolton, L.E. & Alba, J.W. (2012), When less is more: Consumer aversion to unused utility. *Journal of Consumer Psychology*, 22: 369-383. <https://doi.org/10.1016/j.jcps.2011.09.002>
- Brown, T. A. (2015). *Confirmatory factor analysis for applied research* (2ª ed.). Guilford Press.
- Brown, K., & Kasser, T. (2005). Are psychological and ecological wellbeing compatible? The role of values, mindfulness, and lifestyle. *Social Indicators Research*, 74, 349–368. doi:10.1007/s11205-004-8207-8
- Buffon, G. (2020). A influência do significado do dinheiro na atitude ao endividamento dos acadêmicos dos cursos de Administração. *Caderno De Administração*, 14(1). Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/caadm/article/view/45202>
- Burroughs, J. E. (2007). Materialism. In R. W. Belk (Ed.), *Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing* (pp. 235-249). Edward Elgar Publishing.
- Cardoso, L. & Brêtas, P. (2019, 04 de agosto). Funcionário endividado produz 15% menos no trabalho. *Extra Globo*. Disponível em: <https://extra.globo.com/economia-e-financas/funcionario-endividado-produz-15-menos-no-trabalho-diz-pesquisa-23851436.html>
- Carneiro, L. L. & Bastos, A. V. B. (2023). Escala de bienestar en el trabajo (EBET): compilación de evidencia empírica de diferentes estrategias de interpretación. *Quaderns De Psicologia*, 25(1), e1729. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1729>
- Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas e Serviço de Proteção ao Crédito. (2023). *Inadimplência e Saúde Mental*. Brasil
- Confederação Nacional do Comércio de Bens Serviços e Turismo. (2025) *Pesquisa de endividamento e inadimplência do consumidor*. Brasil.
- Cropanzano, R., & Mitchell, M. S. (2005). *Social exchange theory: An interdisciplinary review*. *Journal of Management*, 31(6), 874–900. <https://doi.org/10.1177/0149206305279602>
- Cropanzano, R., & Wright, T. A. (2001). When a "happy" worker is really a "productive" worker: A review and further refinement of the happy-productive worker thesis. *Consulting Psychology Journal: Practice and Research*, 53(3), 182–199. <https://doi.org/10.1037/1061-4087.53.3.182>
- Deckop, J. R., Giacalone, R. A., & Jurkiewicz, C. L. (2015). Materialism and workplace behaviors: Does wanting more result in less? *Social Indicators Research*, 121(3), 655-672. <https://doi.org/10.1007/s11205-014-0661-3>
- Diener, E., & Seligman, M. E. P. (2004). Beyond money: Toward an economy of well-being. *Psychological Science in the Public Interest*, 5(1), 1–31. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1111/j.0963-7214.2004.00501001.x>

- Diniz, J. R. (2008). Culture jamming—ativismo e contra-hegemonia. *Caligrama, São Paulo*, 4(1). <https://doi.org/10.11606/issn.1808-0820.cali.2008.68127>
- Dittmar H., Bond R., Hurst M. & Kasser T. (2014). The Relationship Between Materialism and Personal Well-Being: A Meta-Analysis. *Journal of personality and social psychology*. 107. 879-924. [10.1037/a0037409](https://doi.org/10.1037/a0037409).
- Dunn, O. J. (1964). Multiple comparisons using rank sums. *Technometrics*, 6(3), 241–252. <https://doi.org/10.1080/00401706.1964.10490181>
- Dwass, M. (1960). Some k-sample rank-order tests. In I. Olkin, S. G. Ghurye, W. Hoeffding, W. G. Madow, & H. B. Mann (Eds.), *Contributions to probability and statistics* (pp. 198–202). Stanford University Press.
- Elgin, D. (1981). *Voluntary Simplicity: Toward a Way of Life That Is Outwardly Simple, Inwardly Rich*. William Morrow.
- Elgin, D.; Mitchell; A. (1977) *Voluntary Simplicity*. The Co-Evolution Quarterly. Sumeer.
- Enders, C. K., & Bandalos, D. L. (2001). The relative performance of full information maximum likelihood estimation for missing data in structural equation models. *Structural Equation Modeling*, 8(3), 430-457. https://doi.org/10.1207/S15328007SEM0803_5
- Faul, F., Erdfelder, E., Lang, A.-G., & Buchner, A. (2007). G*Power 3: Um programa flexível de análise de poder estatístico para as ciências sociais, comportamentais e biomédicas. *Behavior Research Methods*, 39, 175-191. [10.3758/bf03193146](https://doi.org/10.3758/bf03193146)
- Ferraz, S. B., Rebouças, S. M. D. P., Nogami, V. K. C., & Quezado, I. (2014a). Menos é mais? Um estudo sobre materialismo e anticonsumo. *Revista Pretexto*, 15(4), 83-99. <https://doi.org/10.21714/pretexto.v15i4.2299>
- Ferraz, S. B., Rebouças, S. M. D. P., Queiroz, G. C., & Rocha, D. de C. (2014b). Ser ou não ter, eis a questão: um estudo sobre materialismo e estilo de vida. *Revista De Administração Da UFSM*, 7, 23–42. <https://doi.org/10.5902/1983465912801>
- Ferreira, A. (2008). *Educação Financeira: Uma Abordagem Psicológica*. Editora Atlas.
- Field, A. (2018). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics* (5th ed.). Sage.
- Fitch, C., Hamilton, S., Bassett, P., & Davey, R. (2011). The relationship between personal debt and mental health: a systematic review. *Mental Health Review Journal*, 16(4), 153-166. <https://doi.org/10.1108/13619321111202313>
- Fournier, S. (1998). Consumers and their brands: Developing relationship theory in consumer research. *Journal of consumer research*, 24(4), 343-373. <https://doi.org/10.1086/209515>
- Fredrickson B. L. (2001). The role of positive emotions in positive psychology. The broaden-and-build theory of positive emotions. *The American psychologist*, 56(3), 218–226. <https://doi.org/10.1037//0003-066x.56.3.218>

- Gadelha S., F.T. (2017). Os efeitos do estresse financeiro no ambiente de trabalho brasileiro [Dissertação de Mestrado não publicado], Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/18466?show=full>
- Garcia, P. A. O. (2009) Escala Brasileira de Valores Materiais – EBVM – Elaboração e validação de uma escala para materialismo como valor de consumo. Tese (mestrado) da Universidade de Brasília, Brasília – DF.
- Garman, E. T., Leech, I. E., & Grable, J. E. (1996). *The negative impact of employee poor personal financial behaviors on employers*. *Financial Counseling and Planning*, 7(1).
- Gehlen, L. K., Bach, T. M., Seefeld, V., & Walter, S. A. (2024). Relação entre educação financeira, renda e endividamento familiar em Estados do Brasil: Relationship between financial education, income, and family indebtedness in Brazilian states. *Ciências Sociais Aplicadas em Revista*, 28(48), 80-99. <https://doi.org/10.48075/csar.v28i48.33506>
- Giló, K. M. da S.; Bonfatti, P. F. (2022). É tudo sobre dinheiro: os aspectos psicológicos do dinheiro na perspectiva da psicologia junguiana. *Cadernos de Psicologia*. 4(8) pp. 346-370. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br>
- Goulart, P. M. (2009). O significado do trabalho: delimitações teóricas (1955-2006). *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12(1), 47-55. Recuperado em 08 de setembro de 2025, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172009000100005&lng=pt&tlng=pt.
- Gould, S. J., Houston, F. S., & Mundt, J. (1997). Failing to Try to Consume: A Reversal of the Usual Consumer Research Perspective. *Advances in consumer research*, 24(1). ISSN: 0098-9258
- Greenberg, M. S. A. (1980). *Theory of Indebtedness*. USA: Springer.
- Hogg, M. K. (1998). Anti-constellations: exploring the impact of negation on consumption. *Journal of Marketing Management*, 14(1-3), 133-158. <https://doi.org/10.1362/026725798784959354>
- Hogg, M. K., Banister, E. N., & Stephenson, C. A. (2009). Mapping symbolic (anti-) consumption. *Journal of Business Research*, 62(2), 148-159. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2008.01.022>
- Hollenbeck, C. R., & Zinkhan, G. M. (2010). Anti-brand communities, negotiation of brand meaning, and the learning process: The case of Wal-Mart. *Consumption, Markets and Culture*, 13(3), 325-345. <https://doi.org/10.1080/10253861003787056>
- Howell R.T., Howell C.J. (2008). The relation of economic status to subjective well-being in developing countries: a meta-analysis. *Psychol Bull*. 134(4), pp. 536-60. doi: 10.1037/0033-2909.134.4.536.
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure

- analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 6(1), 1-55. <https://doi.org/10.1080/10705519909540118>
- Hüttel, A., Balderjahn, I., Hoffmann, S. (2020) Welfare Beyond Consumption: The Benefits of Having Less, *Ecological Economics*, 176, <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2020.106719>.
- Iwata, O. (1999). Perceptual and Behavioral Correlates of Voluntary Simplicity Lifestyles. *Social Behavior and Personality: an international journal*. 27. 379-386. [10.2224/sbp.1999.27.4.379](https://doi.org/10.2224/sbp.1999.27.4.379).
- Iwata, O. (2006). An Evaluation of Consumerism and Lifestyle as Correlates of a Voluntary Simplicity Lifestyle. *Social Behavior & Personality: An International Journal* 34(5): 557–556. [10.2224/sbp.2006.34.5.557](https://doi.org/10.2224/sbp.2006.34.5.557)
- Iyer, R., & Muncy, J. A. (2009). Purpose and object of anti-consumption. *Journal of Business Research*, 62(2), 160-168. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2008.01.023>
- Jain, V. K., Gupta, A., & Verma, H. (2023). Goodbye materialism: exploring antecedents of minimalism and its impact on millennials well-being. *Environment, development and sustainability*, 1–27. Advance online publication. <https://doi.org/10.1007/s10668-023-03437-0>
- Johnston, T. C. & Burton, J. B. (2003). Voluntary Simplicity: Definitions and Dimensions. *Academy of Marketing Studies Journal*, 7, (1).
- Judge, T. A., & Kammeyer-Mueller, J. D. (2012). Job attitudes. *Annual Review of Psychology*, 63, 341-367. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-120710-100511>
- Jung, H. S., & Yoon, H. H. (2015). The impact of employees' positive psychological capital on job satisfaction and organizational citizenship behaviors in the hotel. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 27(6), 1135–1156. <https://doi.org/10.1108/IJCHM-01-2014-0019>
- Kahneman, D., & Tversky, A. (1979). Prospect Theory: An Analysis of Decision under Risk. *Econometrica*, 47(2), 263-291. <https://doi.org/10.2307/1914185>
- Kang, J., Martinez, J. M. C. & Johnson, C. (2021). Minimalism as a sustainable lifestyle: Its behavioral representations and contributions to emotional well-being. *Sustainable Production and Consumption* 27, 802-813. <https://doi.org/10.1016/j.spc.2021.02.001>
- Kashdan, T. B., Biswas-Diener, R., & King, L. A. (2008). Reconsidering happiness: the costs of distinguishing between hedonics and eudaimonia. *The Journal of Positive Psychology*, 3(4), 219–233. <https://doi.org/10.1080/17439760802303044>
- Kasser, T. (2002). *The High Price of Materialism*. MIT Press.
- Kasser, T., & Ryan, R. M. (1993). A dark side of the American dream: Correlates of financial success as a central life aspiration. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65(2), 410-422. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022->

- Keese, M. (2012). Who feels constrained by high debt burdens? Subjective vs. objective measures of household debt. *Journal of Economic Psychology*, 33(1), 125-141. <https://doi.org/10.1016/j.joep.2011.08.002>
- Keyes, C. L. M., Shmotkin, D., & Ryff, C. D. (2002). Optimizing well-being: The empirical encounter of two traditions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(6), 1007–1022. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.82.6.1007>
- Kline, R. B. (2016). *Principles and practice of structural equation modeling* (4^a ed.). Guilford Press.
- Koopmans L., Bernaards C. M., Hildebrandt V. H., van Buuren S., van der Beek A. J., de Vet H. C. W. (2013). Development of an individual work performance questionnaire. *Int J Product Perform Manag.* 2013, 62 (1): 6-28. DOI: 10.1108/17410401311285273.
- Koopmans L., Bernaards C. M., Hildebrandt V. H., Van Buuren S., Van der Beek A. J., De Vet H. C. W. (2014b). Improving the individual work performance questionnaire using rasch analysis. *Journal of Applied Measurement.* 15 (2): 160-175. DOI: 10.1136/oemed-2013-101717.51
- Koopmans, L., Bernaards, C. M., Hildebrandt, V. H., De Vet, H. C. W., & Van Der Beek, A. J. (2014a). Construct validity of the individual work performance questionnaire. *Journal of Occupational and Environmental Medicine*, 56(3), 331–337. <https://doi.org/10.1097/JOM.0000000000000113>
- Koopmans, L., Bernaards, C. M., Hildebrandt, V. H., Schaufeli, W. B., de Vet Henrica, C. W., & van der Beek, A. J. (2011). Conceptual Frameworks of Individual Work Performance: A Systematic Review. *Journal of Occupational and Environmental Medicine*, 53(8). DOI: 10.1097/JOM.0b013e318226a763
- Koopmans, C., Pelletier, K. R., Murray, J. F., Sharda, C. E., Berger, M. L., Turpin, R. S., ... & Bendel, T. (2002). Stanford presenteeism scale: health status and employee productivity. *Journal of occupational and environmental medicine*, 44(1), 14-20. DOI: 10.1097/00043764-200201000-00004
- Kruskal, W. H., & Wallis, W. A. (1952). Use of ranks in one-criterion variance analysis. *Journal of the American Statistical Association*, 47(260), 583–621. <https://doi.org/10.1080/01621459.1952.10483441>
- Layard, R. (2005). *Happiness: Lessons from a new science*. Penguin Press.
- Lea, S. E. G., Webley, P., Walter's, C. (1995). Psychological factors in consumer debt: money management, economic socialization, and credit use. *Journal of Economic Psychology*, 16, p. 681-701. [https://psycnet.apa.org/doi/10.1016/0167-4870\(95\)00013-4](https://psycnet.apa.org/doi/10.1016/0167-4870(95)00013-4)
- Lee, M., Roux, D., Cherrier, H., & Cova, B. (2011). Anti-consumption and consumer resistance: concepts, concerns, conflicts and convergence. *European Journal of Marketing*, 45(11-12). <https://doi.org/10.1108/ejm.2011.00745kaa.001>

- Lima Trindade, L., Brutti Righi, M., & Mendes Vieira, K. (2012). De onde vem o endividamento feminino? Construção e validação de um modelo PLS-PM. *Revista Eletrônica De Administração*, 18(3), 718–746. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/read/article/view/35451>
- Linley, P. A., Maltby, J., Wood, A. M., Osborne, G., & Hurling, R. (2009). Measuring happiness: The higher order factor structure of subjective and psychological well-being measures. *Personality and Individual Differences*, 47(8), 878–884. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.07.010>
- Mafini, C. (2016). The contribution of organisational climate to employee well-being. *Journal of Applied Business Research*, 32(4), 1157. <https://doi.org/10.19030/jabr.v32i4.9728>
- Meireles, D. C., Faria, W. R., & de Lima, A. V. (2021). Desigualdade de renda familiar *per capita*: uma análise por fontes (2001 E 2015). *Pesquisa & Debate Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política*, 33(1 (59)).
- Miller, S., & Gregan-Paxton, J. (2006). Community and Connectivity: Examining the Motives Underlying the Adoption of a Lifestyle of Voluntary Simplicity. *Advances in consumer research*, 33(1). ISSN: 0098-9258
- Moreira, A. da S.. (2002). Dinheiro no Brasil: um estudo comparativo do significado do dinheiro entre as regiões geográficas brasileiras. *Estudos De Psicologia (natal)*, 7(2), 379–387. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200019>
- Moreira, A. S. (2000) Valores e dinheiros: um estudo transcultural da relação entre prioridades de valores e significado do dinheiro para indivíduos. Tese de doutorado não-publicada, Universidade de Brasília, Brasília.
- Moreira, A., & Tamayo, Á.. (1999). Escala de significado do dinheiro: desenvolvimento e validação. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 15(2), 93–105. <https://doi.org/10.1590/S0102-37721999000200002>
- Moura, A. G. (2005). Impacto dos Diferentes Níveis de Materialismo na Atitude ao Endividamento e no Nível de Dívida para Financiamento do Consumo nas Famílias de Baixa Renda do Município de São Paulo. 174 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo.
- Mutuma, Y., & Manase, G. W. (2013). An evaluation of remuneration scheme in relation to staff turnover in Kenyan private universities: A case study of the Kenya Methodist University. *Journal of Poverty, Investment and Development*, 2(1), 12-24. ISSN 2422-8397
- Nepomuceno, M. V. (2012) “Anti-consumption”: The lifestyles of the disciplined materialists. 149. f. Tese (Doutorado em Filosofia – Administração) – John Molson School of Business. Concordia University Montreal.
- Nepomuceno, M. V., & Laroche, M. (2015). The impact of materialism and anticonsumption lifestyles on personal debt and account balances. *Journal of Business Research*, 68(3), 654-664. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2014.08.006>

- Nguyen, D. L., Nguyen, T. N. T., & Nguyen, T. M. (2024). Flow, job performance and psychological wellbeing: the role of psychological ownership and trust in the ICT work place. *Global Knowledge, Memory and Communication*. <https://doi.org/10.1108/GKMC-06-2024-0324>
- Nilsson, J. (2010). What's the problem? local officials' conceptions of weaknesses in their municipalities' crisis management capabilities. *Journal of Contingencies and Crisis Management*, 18(2), 83-95. <https://doi.org/10.1111/j.1468-5973.2010.00607.x>
- Oliveira, J. C. V. (2010). *Valores do dinheiro: Uma análise da influência da percepção do dinheiro na escolha da profissão* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
- Paschoal, T., & Tamayo, A.. (2008). Construção e validação da Escala de bem-estar no trabalho. *Avaliação Psicológica*, 7(1), 11-22. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712008000100004&lng=pt&tlng=pt.
- Paschoal, T., Silva, P. M., Demo, G., Fogaça, N., & Ferreira, M. C. (2022). Qualidade de vida no teletrabalho, redesenho do trabalho e bem-estar no trabalho de professores de ensino público no Distrito Federal. *Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 20(1), 1-12. <https://doi.org/10.19094/contextus.2022.70500>
- Pati, C. (2025, 6 de junho). Dívidas já tiram 6 horas de trabalho por mês dos funcionários, aponta estudo global. *Veja*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/dividas-ja-tiram-6-horas-de-trabalho-por-mes-dos-funcionarios-aponta-estudo-global/>
- Peiró, J. M., Ayala, Y., Tordera, N., Lorente, L., & Rodríguez, I. (2014). Bienestar sostenible en el trabajo: Revisión y reformulación. *Papeles Del Psicologo*, 35(1), 5–14. ISSN: 0214-7823
- Peiró, J. M., Kozusznik, M., Rodríguez-Molina, I., & Tordera, N. (2019). The happy-productive worker model and beyond: Patterns of wellbeing and performance at work. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(3). <https://doi.org/10.3390/ijerph16030479>
- Peiró, J. M., Montesa, D., Soriano, A., Kozusznik, M. W., Villajos, E., Magdaleno, J., Djourova, N. P., & Ayala, Y. (2021). Revisiting the happy-productive worker thesis from a eudaimonic perspective: A systematic review. *Sustainability (Switzerland)*, 13(6). <https://doi.org/10.3390/su13063174>
- Peiró, J. M., Tordera S., M., Lorente, L., Rodríguez, I., Ayala, Y., & Latorre, F. (2015). Bienestar sostenible en el trabajo. Conceptualización, antecedentes y retos. *PSIENCIA. Revista Latinoamericana de Ciencia Psicológica*, 7(1), 133–135. <https://doi.org/10.5872/psiencia/7.1.0116>
- Pereira, V. (2021, 04 de maio). Endividamento afeta produtividade e empresas podem ajudar. *SUNO*. Disponível em: [https://www.suno.com.br/noticias/endividamento-afeta-produtividade-empresas-podem-ajudar/#:~:text=O%20endividamento%20faz%20com%20que,Instituto%20de%20Administra%C3%A7%C3%A3o%20\(FIA\).](https://www.suno.com.br/noticias/endividamento-afeta-produtividade-empresas-podem-ajudar/#:~:text=O%20endividamento%20faz%20com%20que,Instituto%20de%20Administra%C3%A7%C3%A3o%20(FIA).)

- Pérez-Nebra, A., Ayala, Y., Tordera, N., Peiró, J., Queiroga, F. (2021). The Relationship Between Performance and Well-Being at Work: a Systematic Review of 20 Years and Future Perspectives in Brazil. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 21. 10.5935/rpot/2021.2.21469.
- Pérez-Nebra, A. R. (2016). Análise e mapeamento do grupo do usuário do PPTS. In T. de J. do D. F. e T. TJDFT (Ed.), *Programa de Prevenção e Tratamento aos Consumidores Superendividados do TJDFT: Uma prática consolidada* (pp. 75–82). TJDFT.
- Pérez-Nebra, A., Siqueira, A., Couto, C., Figueiredo, L. (2020). Programa Superendividados: "uma Luz no Fim do Túnel para quem está Perdido". *Psicologia Ciência e Profissão*, 40 (2). 1-16. 10.1590/1982-3703003194281.
- Pirog, S. F., & Roberts, J. A. (2007). Personality and credit card misuse among college The mediating role of impulsiveness. *The Journal of Marketing Theory and Practice*, 15(1), 65–77. <https://doi.org/10.2753/MTP1069-6679150105>
- Podsakoff, N. P., Whiting, S. W., Podsakoff, P. M., & Blume, B. D. (2009). Individual- and organizational-level consequences of organizational citizenship behaviors: A meta-analysis. *Journal of Applied Psychology*, 94(1), 122–141. <https://doi.org/10.1037/a0013079>
- Ponchio, M. C., & Aranha, F. (2008). Materialism as a predictor variable of low income consumer behavior when entering into installment plan agreements. *Journal of Consumer Behaviour*, 7(1), 21–34. <https://doi.org/10.1002/cb.234>
- Ponchio, M. C., Aranha, F., Todd, S. (2007). Estudo exploratório do conceito de materialismo no contexto de consumidores de baixa renda do Município de São Paulo. *Revista Gerenciais*, 6. 13-21. 10.5585/riae.v6i1.1219.
- Prawitz, A., Garman, E. T., Sorhaindo, B., O'Neill, B., Kim, J., & Drentea, P. (2006). Incharge Financial Distress/Financial Well-Being Scale: Development, administration, and score interpretation. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 17 (1). <https://ssrn.com/abstract=2239338>.
- Pulakos, E. D., Arad, S., Donovan, M. A., & Plamondon, K. E. (2000). Adaptability in the workplace: development of a taxonomy of adaptive performance. *Journal of applied psychology*, 85(4), 612. DOI: 10.1037/0021-9010.85.4.612
- Rahim, H. A., Sabri, M. F., Rahim, F. F. M., Othman, M. A., & Magli, A. S. (2020). Personal, Financial and Job-Related Factors Affecting Malaysian Employees' Presenteeism in The Service Sector. *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*, 10(16), 250–277. E-ISSN: 2222-6990
- Ramos-Villagrasa, P. J. , Barrada, J. R. , Fernández-del-Río, E. , & Koopmans, L. (2019). Assessing Job Performance Using Brief Self-report Scales: The Case of the Individual Work Performance Questionnaire. *Journal of Work and Organizational Psychology*, 35, 195 - 205. <https://doi.org/10.5093/jwop2019a21>
- Richins, M. L. (2004). The material values scale: Measurement properties and development of a short form. *Journal of Consumer Research*, 31(1), 209–219.

<https://doi.org/10.1086/383436>

- Richins, M. L. (2011). Materialism, transformation expectations, and spending: Implications for credit use. *Journal of Public Policy & Marketing*, 30(2), 141–156. <https://doi.org/10.1509/jppm.30.2.141>
- Richins, M. L., & Dawson, S. (1992). A consumer values orientation for materialism and its measurement: Scale development and validation. *Journal of Consumer Research*, 19(3), 303–316. <https://doi.org/10.1086/209304>
- Romano, M.C., Spizzichino, D. (2012). Hours of Work and Life Quality. In: Maggino, F., Nuvolati, G. (eds) *Quality of life in Italy. Social Indicators Research Series*, vol 48. Springer, Dordrecht. https://doi.org/10.1007/978-94-007-3898-0_9
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual Review of Psychology*, 52, 141–166. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.141>
- Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(6), 1069–1081. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.57.6.1069>
- Sant'anna, L. L., Paschoal, T., & Gosendo, E. E. M. (2012). Bem-estar no trabalho: relações com estilos de liderança e suporte para ascensão, promoção e salários. *Revista de Administração Contemporânea*, 16, 744-764. <https://doi.org/10.1590/S1415-6552012000500007>
- Shama, A. (1985). The voluntary simplicity consumer. *Journal of Consumer Marketing*, 2(4), 57-63. <https://doi.org/10.1108/eb008146>
- Shaw, D., & Newholm, T. (2002). Voluntary simplicity and the ethics of consumption. *Psychology & Marketing*, 19(2), 167-185. <https://doi.org/10.1002/mar.10008>
- Silva, F. J. B. (2020). A relação entre o endividamento e o bem-estar financeiro: um levantamento com discentes da UFC. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) - Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Silva, T. M. B., da Costa, A. M., & Carvalho, J. L. F. (2011). Resistência ao consumo em um circuito urbano de Parkour. *Comunicação Mídia e Consumo*, 8(22), 119-146. <https://doi.org/10.18568/cmc.v8i22.223>
- Soraggi, F., & Paschoal, T. (2011). Relação entre bem-estar no trabalho, valores pessoais e oportunidades de alcance de valores pessoais no trabalho. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 11(2), 614-632. ISSN 1808-4281
- Souza, P.H.G.F. (2018). A History of Inequality: Top Incomes in Brazil, 1926- 2015. *Research in Social Stratification and Mobility*. 57. p. 35-45. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/15095>
- Souza, E. A. de ., Mont'mor, B. N. ., D'Oliveira, K. S. ., Santos, L. S. ., & Trindade, M. J.

- S. A. . (2022). Desafios da Educação Financeira como ferramenta de combate ao endividamento no Brasil. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, 8(3), 158–166. <https://doi.org/10.51891/rease.v8i3.4563>
- Stammerjohan, C., & Webster, C. (2002). Trait and Situational Antecedents to Non-Consumption. *Advances in consumer research*, 29(1). ISSN: 0098-9258
- Steel, R. G. D. (1960). A rank sum test for comparing all pairs of treatments. *Technometrics*, 2(2), 197–207. <https://doi.org/10.1080/00401706.1960.10489894>
- Suplicy, E. M. (2000). A persistência da desigualdade, o endividamento crescente e o caminho da equidade. *Estudos Avançados*, 14, 23-41. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142000000300004>
- Sweet, E., Nandi, A., Adam, E. K., & McDade, T. W. (2013). The high price of debt: Household financial debt and its impact on mental and physical health. *Social science & medicine*, 91, 94-100. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2013.05.009>
- Tay, L., Batz, C., Parrigon, S. & Kuykendall, L. (2017) . Debt and Subjective Well-being: The Other Side of the Income-Happiness Coin. *J Happiness Stud* 18, 903–937. <https://doi.org/10.1007/s10902-016-9758-5>
- Thaler, R. H., & Sunstein, C. R. (2021). *Nudge: The Final Edition*. Yale University Press.
- Trindade, L. de L., Righi, M. B., & Vieira, K. M.. (2012). De onde vem o endividamento feminino?: construção e validação de um modelo PLS-PM. *Read. Revista Eletrônica De Administração (porto Alegre)*, 18(3), 718–746. <https://doi.org/10.1590/S1413-23112012000300006>
- Unanue, W., Rempel, K., Gómez, M. E., & Van den Broeck, A. (2017). When and Why Does Materialism Relate to Employees’ Attitudes and Well-being: The Mediation Role of Need Satisfaction and Need Frustration. *Frontiers in Psychology*, 8, 1755. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01755>
- Van Herpen, M., Van Praag, M., & Cools, K. (2005). *The effects of performance measurement and compensation on motivation: An empirical study*. *De Economist*, 153(3), 303–329. <https://doi.org/10.1007/s10645-005-1990-z>
- Vega, M. M. C., de la Fuente, Á. A. F., & Ortiz, J. P. H. (2021). Work absence, remuneration, and equity: a confused relationship. *Cuadernos de Administración (Universidad del Valle)*, 36(68), 126-137. <https://doi.org/10.25100/cdea.v36i68.9743>
- Vieira, K. M., Fraga, L. dos S., Valcanover, V. & Cattelan, V. D. et al. (2016). De onde vem o bem-estar financeiro? Análise dos fatores comportamentais, do gerenciamento financeiro e da renda. *Teoria e Prática em Administração*, 6(2), 136-171. <http://dx.doi.org/10.21714/2238-104X2016v6i2-28730>
- Vosloo, W., Fouché, J., & Barnard, J. (2014). The relationship between financial efficacy, satisfaction with remuneration and personal financial well-being. *The International Business & Economics Research Journal (Online)*, 13(6), 1455. DOI: 10.19030/iber.v13i6.8934

- Warr, P. (2007). *Work, happiness, and unhappiness*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Waterman, A. S. (1993). Two Conceptions of Happiness: Contrasts of Personal Expressiveness (Eudaimonia) and Hedonic Enjoyment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64, 678-691. [10.1037/0022-3514.64.4.678](https://doi.org/10.1037/0022-3514.64.4.678)
- Watson, D., Clark, L., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measurement of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 1063-1070. DOI: [10.1037//0022-3514.54.6.1063](https://doi.org/10.1037//0022-3514.54.6.1063)
- Watson, J. J. (2003). The relationship of materialism to spending tendencies, saving, and debt. *Journal of Economic Psychology*, 24(6), 723–739. <https://doi.org/10.1016/j.joep.2003.06.001>
- White, J. M. (1992). Marital status and well-being in Canada. *Journal of Family Issues*, 13, 390-409. <https://doi.org/10.1177/019251392013003008>
- Wolbring, T., Keuschnigg, M., & Negele, E. (2013). *Needs, comparisons, and adaptation: The importance of relative income for life satisfaction*. *European Sociological Review*, 29(1), 86–104. <https://doi.org/10.1093/esr/jcr042>
- Wright, T.A.; Cropanzano, R. & Bonett, D.G. (2007). The moderating role of employee positive well being on the relation between job satisfaction and job performance. *J. Occup. Health Psychol.* 12, 93–104.
- Zavestoski, S. (2002). The social–psychological bases of anticonsumption attitudes. *Psychology & Marketing*, 19(2), 149–165. <https://doi.org/10.1002/mar.10007>
- Zelenski, J. M., Murphy, S. A., & Jenkins, D. A. (2008). The happy-productive worker thesis revisited: Happiness and task performance in a sample of working adults. *Journal of Happiness Studies*, 9(4), 521–537. <https://doi.org/10.1007/s10902-008-9087-4>
- Zelizer, V. (1989). The social meaning of money: "Special monies". *American Journal of Sociology*, 95(2),342-377. <https://www.jstor.org/stable/2780903>

Apêndice A – Carta de autorização da EAPE



Governo do Distrito Federal
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
Gerência de Avaliação, Planejamento e Pesquisa
Núcleo de Pesquisa e Publicação

Memorando Nº 50/2025 - SEE/SUBEB/EAPE/DIFOP/GAPPE/NPP

Brasília-DF, 13 de fevereiro de 2025.

Ao Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA), Universidade de Brasília

Assunto: **Termo Institucional de Anuência de Pesquisa Científica de Alvim Santana Aguiar**

TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL PARA PESQUISA

A Gerência de Avaliação, Planejamento e Pesquisa (SUBEB/EAPE/DIFOP/GAPPE) e o Núcleo de Pesquisa e Publicação da DIFOP/EAPE, atesta a ciência da intenção de realização da pesquisa de **MESTRADO** intitulada “*A influência exercida pelo endividamento, pelo estilo de vida materialista e estivo de vida de anticonsumo sobre o bem-estar e o desempenho*”, que será desenvolvida pelo/a pesquisador/a **Alvim Santana Aguiar**, sob orientação do/a professor/a doutor/a **Amália Raquel Pérez-Nebra**, da **Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA), Universidade de Brasília**.

Declaramos conhecer e cumprir as resoluções éticas brasileiras, em especial as Resoluções CNS nº 466/2012 e 510/2016. Estamos ciente de que a possível autorização não interferirá no fluxo normal de trabalho e de atendimento das escolas e nem trará constrangimento aos participantes que não quiserem ingressar no estudo. Esta instituição, portanto, coloca-se ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Todos os dados/informações requeridos deverão ser acessados somente após o parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, conforme preconizado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), Conselho Nacional de Saúde (CNS), Ministério da Saúde, por meio das resoluções 466/12, 510/16 e 580/18.

Atenciosamente,

Atenciosamente,



Documento assinado eletronicamente por **FELIPE DA CRUZ DIAS - Matr.0212145-X, Gerente de Avaliação, Planejamento e Pesquisa**, em 14/02/2025, às 15:03, conforme art. 6º do Decreto nº 36.756, de 16 de setembro de 2015, publicado no Diário Oficial do Distrito Federal nº 180, quinta-feira, 17 de setembro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **LUCIENE PEREIRA - Matr.0228466-9**,
Coexecutor(a), em 18/02/2025, às 14:09, conforme art. 6º do Decreto nº 36.756, de 16 de
setembro de 2015, publicado no Diário Oficial do Distrito Federal nº 180, quinta-feira, 17 de
setembro de 2015.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site:
[http://sei.df.gov.br/sei/controlador_externo.php?](http://sei.df.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)
[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](http://sei.df.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)
verificador= **163185405** código CRC= **97DF79D2**.

"Brasília - Patrimônio Cultural da Humanidade"
Shopping ID, SCN, Quadra 06, Conjunto A, Edifício Venâncio 3.000, Bloco B - Bairro Asa Norte - CEP 70297400 - DF
Telefone(s):
Site - www.se.df.gov.br

00080-00043368/2025-31

Doc. SEI/GDF 163185405

Apêndice B – Carta do Comitê de Ética e Pesquisa

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A influência exercida pelo endividamento, pelo estilo de vida materialista e estilo de vida de anticonsumo sobre o bem-estar e o desempenho.

Pesquisador: ALVIM SANTANA AGUIAR

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 86545125.6.0000.5540

Instituição Proponente: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - FACE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.508.376

Apresentação do Projeto:

Introdução. "Com o desenvolvimento dos países, as pessoas têm maior acesso ao consumo de produtos e serviços para satisfazer seus desejos e suas necessidades. A busca por essa satisfação e pela sobrevivência do indivíduo na sociedade é um dos motivos de as pessoas trabalharem, pois, por meio da remuneração de seu serviço, podem comprar bens e/ou experiências, porém, a depender de como esse consumo se materializa e o seu significado para o indivíduo, ele pode impactar o bem-estar e o desempenho do colaborador, afetando esse ciclo. Desta forma, o estilo de vida da pessoa, seu endividamento e a presença ou não de estresse financeiro podem impactar no bem-estar e, partindo da visão de que para consumir e sobreviver é necessário obter uma remuneração por meio do trabalho, podem impactar no desempenho no trabalho e na combinação entre bem-estar e desempenho. [...] Isso leva as famílias a se preocuparem com sua situação financeira, gerando tensão mental e/ou física pelas preocupações com assuntos financeiros, ou seja, gera estresse financeiro nos indivíduos. Isso afeta o bem-estar pessoal e familiar e pode indicar dívidas que se acumulam, ao ponto de se tornarem impossíveis de pagar, ausência de recursos de emergência para cobrir gastos imprevistos, entre outros. O estresse financeiro afeta a saúde mental e física dos indivíduos, levando a dificuldades no relacionamento familiar e social assim como dificuldades no trabalho e absenteísmo, queda na produtividade, problemas no relacionamento interpessoal entre os

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 7.508.376

pesquisa garantirá o anonimato dos participantes, apresentando os resultados de forma agregada. O questionário será aplicado em plataforma segura, com medidas de proteção contra acessos não autorizados. A participação será voluntária, com consentimento informado e possibilidade de desistência a qualquer momento. As perguntas serão formuladas de maneira cuidadosa para evitar desconforto emocional, porém, caso o participante sinta algum tipo de desconforto e mobilização psíquica ao respondê-lo, ele pode se recusar a responder a qualquer tema que lhe traga constrangimento, podendo abandonar imediatamente a participação na pesquisa, em qualquer momento, sem nenhum prejuízo, e entrar em contato com o pesquisador para orientações sobre serviços de atendimento psicológico gratuito disponíveis".

Sobre os benefícios da pesquisa, ainda de acordo com os documentos apresentados, indica-se que "essa pesquisa ampliará o conhecimento acadêmico sobre a relação entre bem-estar e desempenho no trabalho, assim como o endividamento e os estilos de vida podem impactar essas variáveis, contribuindo para a compreensão dos fatores que influenciam a qualidade de vida no trabalho. Os resultados poderão subsidiar futuras ações e políticas voltadas para a educação financeira, o consumo consciente e estratégias de melhoria do bem-estar, assim como discussões acerca do plano de carreira dos servidores".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram fornecidos todos os termos de apresentação obrigatória.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram observados impedimentos éticos nos documentos do estudo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS n. 510, de 2016, na Resolução CNS n. 466, de 2012, e na Norma Operacional n. 001, de 2013, do CNS, manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

Página 03 de 04

Continuação do Parecer: 7.508.376

colaboradores".

Métodos de pesquisa. "Esta pesquisa é de natureza quantitativa e para seu desenvolvimento serão implementadas as seguintes estratégias de investigação: levantamento de material bibliográfico e análise deles e aplicação de questionário padronizado como método de coleta. Em relação à amostra, sugere-se como público-alvo servidores públicos do Distrito Federal [...]. Pretende-se alcançar no mínimo 300 participantes e, como o critério de inclusão, propõe-se que sejam incluídos os participantes que sejam servidores públicos efetivos ou temporários e estejam em pleno exercício. Para o critério de exclusão, propõe-se que sejam excluídos os participantes que não completarem o questionário e que não estejam endividados. [...] Para a coleta de dados, esse questionário será aplicado presencialmente, em visitas às instituições públicas, e virtualmente, sendo enviado via e-mail para a Subsecretaria de Gestão de Pessoas do Distrito Federal. Sugere-se realizar essa pesquisa de maneira longitudinal com dois tempos de coleta, para analisar o possível impacto temporal na relação entre as variáveis".

Cronograma. O início da pesquisa de campo está previsto para junho de 2025 e seu término está previsto para outubro de 2025.

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com os documentos apresentados, o objetivo primário que se tem com a pesquisa é "analisar a influência do endividamento, do estilo de vida materialista e do estilo de vida de anticonsumo sobre a relação entre bem-estar e desempenho no trabalho".

Ainda de acordo com os documentos apresentados, os objetivos secundários são: " 1. Investigar a relação entre materialismo, endividamento e bem-estar no trabalho; 2. Analisar o impacto do estilo de vida de anticonsumo (simplicidade voluntária) sobre o bem-estar e o desempenho; 3. Verificar se o endividamento atua como moderador da relação entre materialismo, bem-estar e desempenho; 4. Identificar padrões sustentáveis e insustentáveis na relação entre bem-estar e desempenho, com base no modelo Belasos; 5. Avaliar a influência do tempo (longitudinal) nas variáveis estudadas".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com os documentos apresentados, "a participação na pesquisa implica em risco mínimo por envolver apenas a resposta às questões online. Para minimizar os riscos, a

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB**



Continuação do Parecer: 7.508.376

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2490731.pdf	18/02/2025 21:56:32		Aceito
Outros	Curriculo_Amalia.pdf	18/02/2025 21:47:46	ALVIM SANTANA AGUIAR	Aceito
Outros	Curriculo_Alvim.pdf	18/02/2025 21:47:30	ALVIM SANTANA AGUIAR	Aceito
Cronograma	Cronograma_da_pesquisa.pdf	18/02/2025 21:43:09	ALVIM SANTANA AGUIAR	Aceito
Outros	Carta_de_Revisao_etica_CEP.pdf	18/02/2025 21:42:54	ALVIM SANTANA AGUIAR	Aceito
Outros	Memorando_163185405_Aut_EAPE.pdf	18/02/2025 21:40:53	ALVIM SANTANA AGUIAR	Aceito
Outros	Endividamento_bemestar_Questionario.pdf	18/02/2025 21:38:04	ALVIM SANTANA AGUIAR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_modelo_CEP_UnB.pdf	18/02/2025 21:36:02	ALVIM SANTANA AGUIAR	Aceito
Outros	Carta_de_encaminhamento.pdf	18/02/2025 21:35:46	ALVIM SANTANA AGUIAR	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_assinado_KMT.pdf	11/02/2025 17:37:54	ALVIM SANTANA AGUIAR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoPPGA.pdf	06/02/2025 07:55:37	ALVIM SANTANA AGUIAR	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 15 de Abril de 2025

**Assinado por:
André Ribeiro da Silva
(Coordenador(a))**

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

Apêndice C - Survey

Endividamento e bem-estar

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Bem-estar e desempenho no trabalho: a influência do endividamento e dos estilos de vida materialista e de anticonsumo”, de responsabilidade de Alvim Santana Aguiar, professor da SEEDF e mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Administração na Universidade de Brasília, orientado pela professora Doutora Amalia Raquel Pérez-Nebra (e-mail: amalia.perez@unb.br), docente do PPGA - UNB. O objetivo desta pesquisa é realizar um diagnóstico do grupo dos servidores da Secretaria de Educação do Distrito Federal em relação ao endividamento, o estilo de vida adotado e a sua relação com o bem-estar e desempenho, para subsidiar uma intervenção futura para trazer melhorias à saúde financeira dos servidores. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa. Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. A coleta de dados será realizada por meio deste questionário eletrônico na plataforma Google Forms. Os riscos da pesquisa são mínimos e envolvem possível desconforto emocional ao refletir sobre endividamento e estilos de vida. Para evitar dificuldades de compreensão, o respondente pode entrar em contato comigo para esclarecimento de dúvidas e sugestões. Para minimizar os riscos, a pesquisa garantirá o anonimato dos participantes, evitando a coleta de dados identificáveis e apresentando os resultados de forma agregada. A participação nesta é voluntária, com consentimento informado e possibilidade de desistência a qualquer momento. As perguntas serão formuladas de maneira cuidadosa para evitar desconforto emocional, e será disponibilizado um canal de contato para esclarecimento de dúvidas ou necessidade de apoio. Espera-se com esta pesquisa melhor compreensão do grupo de endividamento e estilo de vida dos servidores da SEEDF, possibilitando a implementação de ações voltadas para a melhoria da saúde financeira e do bem estar no ambiente de trabalho. Os resultados poderão embasar futuras intervenções institucionais que favoreçam a qualidade de vida e o desempenho dos servidores, promovendo um ambiente de trabalho mais saudável e produtivo. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 61 99145-7273 ou pelo e-mail 2576570@se.df.gov.br. A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio do e-mail eletrônico solicitado no questionário, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica. Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília (parecer 7.508.376). As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592. Além disso, esta pesquisa possui autorização da SEEDF (Memorando N° 50/2025 e 319/2025 da EAPE).

O questionário a seguir é composto por 99 itens e levará um tempo médio de resposta de 18 minutos. O anonimato total dos respondentes está garantido, sendo as informações coletadas restritas à análise da pesquisa em curso. Caso esteja de acordo, assinale a opção abaixo, para continuidade da pesquisa.

- Estou ciente e desejo continuar.
- Recuso participar dessa pesquisa.
- Perguntas Sociodemográficas
- Caro participante,**
- Esta é uma pesquisa que tem por objetivo identificar como o endividamento e o estilo de vida adotado influenciam no bem estar e desempenho dos profissionais de educação. É muito importante que você preencha o questionário expressando a sua real percepção, não há respostas certas e erradas. Todas as informações contidas são de caráter sigiloso e serão tratadas de forma coletiva pelos pesquisadores.
- Qual a sua idade? (Exemplo: 25)
- Sua resposta
- Qual seu gênero?
- Homem cis;
- Mulher cis;
- Homem trans;

- Mulher trans;
- Não-binário.
- Qual sua escolaridade?
- Ensino Médio Completo;
- Ensino Superior Completo;
- Especialização;
- Mestrado;
- Doutorado.
- Em qual Região Administrativa você reside?
- Escolher
- Qual seu estado civil?
- Solteiro/a
- Casado(a)/União estável
- Divorçado/a
- Viúvo/a
- Qual a sua renda familiar líquida mensal? (A renda familiar após apenas o desconto do imposto de renda e da previdência social)
- Escolher
- Quantas pessoas dependem dessa renda, morando ou não com você? (Exemplo, se ajudo meus pais mensalmente, eles vão entrar nessa conta).
- Escolher
- Quantas pessoas moram com você?
- Escolher
- Você está em sala de aula atualmente?
- Sim e sou professor temporário;
- Sim e sou professor efetivo;
- Sim, porém sou professor (a) da sala de recursos;
- Não, pois estou em cargo de direção/vice direção/supervisão/coordenação;
- Não, pois faço parte da equipe de apoio pedagógico (Pedagogo, Orientador);
- Não, pois estou em processo de readaptação ou sou professor readaptado;
- Não, sou monitor;
- Não, sou da carreira de assistência (secretário, psicólogo escolar, etc.)
- Há quanto tempo você trabalha na profissão? (Exemplo: para 15 anos, escreva apenas 15 ou, para 10 anos e 6 meses, escreva 10.5).

- Sua resposta
- Há quanto tempo você trabalha na SEEDF, tanto como efetivo quanto como temporário? (Exemplo: para 10 anos, escreva apenas 10)
- Sua resposta
- Como resultado dessa pesquisa, pretende-se futura e oportunamente oferecer um curso na área de gestão financeira, por esse motivo solicitamos sua matrícula (exemplo: 2576570).
- Sua resposta
- Como resultado dessa pesquisa, pretende-se futura e oportunamente oferecer um curso na área de gestão financeira, por esse motivo solicitamos seu e-mail para entrar em contato. (exemplo: 2576570@se.df.gov.br ou alvimsantanaaguiar@gmail.com).
- Sua resposta
- Orçamento e saúde financeira
- Agora faremos algumas perguntas sobre seu orçamento, usando a escala adaptada de Trindade, Righi e Vieira (2012).
-
- Lima Trindade, L., Brutti Righi, M., & Mendes Vieira, K. (2012). De onde vem o endividamento feminino? Construção e validação de um modelo PLS-PM. *Revista Eletrônica De Administração*, 18(3), 718–746. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/read/article/view/35451>
- Quão estou satisfeito com meu salário?
- Muito insatisfeito.
- 0
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- Muito satisfeito.
- Dinheiro atrai pessoas interessantes.
- Discordo totalmente
- 1
- 2

- 3
- 4
- 5

Concordo totalmente

Dinheiro possibilita ascensão social.

Discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Concordo totalmente

Dinheiro traz reconhecimento social.

Discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Concordo totalmente

É preciso ter dinheiro para ter prestígio.

Discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Concordo totalmente

Quem tem dinheiro está livre de humilhações.

Discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4

- 5
- A fama procura os ricos.
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- Concordo totalmente
- Dinheiro proporciona estabilidade emocional.
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- Concordo totalmente
- Quando compro coisas novas, esqueço meus problemas.
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- Concordo totalmente
- O dinheiro ajuda as pessoas a gostarem mais de si mesmas.
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- Concordo totalmente

- Eu vivo dentro dos limites do meu orçamento.
 - Discordo totalmente
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- Concordo totalmente
- Evito correr riscos de ter prejuízo financeiro.
 - Discordo totalmente
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- Concordo totalmente
- Dinheiro lembra dívidas.
 - Discordo totalmente
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- Concordo totalmente
- Dinheiro provoca angústia.
 - Discordo totalmente
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- Concordo totalmente
- Eu costumo ter prejuízos com dinheiro.

- Discordo totalmente
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- Concordo totalmente
- Tudo que se relaciona com dinheiro envolve riscos.
- Discordo totalmente
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- Concordo totalmente
- Dinheiro provoca ilusões.
- Discordo totalmente
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- Concordo totalmente
- Dinheiro significa poder viajar.
- Discordo totalmente
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- Concordo totalmente
- Dinheiro existe para as pessoas se divertirem.
- Discordo totalmente
- 1

- 2
- 3
- 4
- 5

Concordo totalmente

- O dinheiro permite sair da rotina.

Discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Concordo totalmente

- Acho normal as pessoas ficarem endividadas para pagar suas coisas.

Discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Concordo totalmente

- Prefiro comprar parcelado a esperar ter dinheiro para comprar à vista.

Discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Concordo totalmente

- Prefiro pagar parcelado mesmo que no total seja mais caro.

Discordo totalmente

- 1
- 2
- 3

- 4
- 5
- Concordo totalmente
- Você planilha seu orçamento mensal?
- Sim
- Não
- Você se considera uma pessoa endividada:
- Sem problemas financeiros;
- Com alguma dívida;
- Com alguns problemas financeiros;
- Endividada;
- Superendividada.
- Quantos por cento da sua renda está comprometida? (Exemplo de gastos: aluguel, plano de saúde, cartão de crédito, escola...)
- 0-10%
- 10%-20%
- 20%-30%
- 40%-50%
- 50%-60%
- 60%-70%
- 70%-80%
- 80%-90%
- 90%-100%
- Eu gasto mais do que eu ganho (logo, mais de 100%).
- Você dispõe de reserva financeira?
- Sim, mais de 1 mês de remuneração.
- Sim, menos de 1 mês de remuneração.
- Não possuo reserva financeira.

Agradeço por chegar até aqui no preenchimento do formulário. Agora, avançaremos para a próxima etapa, que consiste na aplicação das escalas de Bem-estar no Trabalho (Paschoal & Tamayo, 2008) e de Autorregulação (Brown, Miller & Lawendowski, L. A., 1999, adaptada por Pichardo, Cano, Gárzon-Umerenkova, de la Fuente, Peralta -Sánchez & Amate-Romera, 2018)

Paschoal, T., & Tamayo, A. (2008). Construção e validação da Escala de bem-estar no trabalho. *Avaliação psicológica*, 7(1), 11-22.

Pichardo M.C., Cano F., Garzón-Umerenkova A., de la Fuente J., Peralta-Sánchez F.J. and Amate-Romera J. (2018) *Self-Regulation Questionnaire (SRQ)* in Spanish Adolescents: Factor Structure and Rasch Analysis. *Front.*

Escala de Bem-estar no Trabalho

Sobre as afirmativas a seguir escolha um número para demonstrar o seu grau de bem estar com relação ao seu trabalho.

Desenvolvo habilidades que considero importantes.

Discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Concordo totalmente

Consigo recompensas importantes para mim.

Discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Concordo totalmente

Realizo o meu potencial.

Discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Concordo totalmente

Realizo atividades que expressam minhas capacidades.

Discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Concordo totalmente

Supero desafios.

Discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Concordo totalmente

Como você avalia a sua satisfação no trabalho no geral?

Muito baixa

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10

Muito alta

Como você avalia a saúde no geral?

Muito baixa

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10

Muito alta

Para responder esta parte do questionário, marque o ponto da escala que melhor expressa sua resposta para cada item. Nos últimos 6 meses, meu trabalho tem me deixado...

1 (nada), 2 (um pouco), 3 (moderadamente), 4 (bastante), 5 (extremamente)

- 1 (nada)
 - 2
 - 3
 - 4
 - 5 (extremamente)
- Irritado (a)
Animado (a)
Chateado (a)
Impaciente
Entusiasmado (a)
Feliz
Nervoso (a)
Empolgado (a)
Tenso (a)
Irritado (a)
Animado (a)
Chateado (a)
Impaciente
Entusiasmado (a)
Feliz
Nervoso (a)
Empolgado (a)
Tenso (a)
- Escala de Autorregulação

Responda os item seguintes em uma escala tipo Likert de 5 pontos, em que 1 é discordo totalmente e 5 é concordo parcialmente.

Tenho dificuldade em fazer planos que me ajudem a atingir minhas metas.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Eu estabeleço metas para mim mesmo/a e acompanho meu progresso.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Quando tenho uma meta, consigo planejar como alcançá-la.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Se eu decido mudar algo, presto muita atenção em como estou me saindo.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Eu me distraio facilmente dos meus planos.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Tenho muita força de vontade para alcançar meus objetivos.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Mesmo havendo distrações, eu não desvio do meu caminho.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Tenho dificuldade para me decidir sobre as coisas.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Tenho tantos planos que é difícil me concentrar em qualquer um deles.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Quando se trata de decidir sobre uma mudança, sinto-me sobrecarregado/a em fazer uma escolha.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Parece que não aprendo com meus erros.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Normalmente, só preciso cometer um erro uma vez para aprender com ele.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Escala de Desempenho no trabalho

Agradeço por chegar até aqui no preenchimento do formulário. Agora, avançaremos para a próxima etapa, que consiste na aplicação das escalas de Desempenho no trabalho (Koopmans, Bernaards, Hildebrandt, De Vet, Van Der Beek, 2014) e de Presenteísmo (Koopmans et al., 2002, traduzida por Ferreira et al., 2010).

Por favor, responda às seguintes perguntas sobre como foi seu trabalho nos últimos 3 meses. Para fazer isso, use a

seguinte escala de resposta:

Conseguir planejar meu trabalho de maneira que o trabalho fosse concluído no prazo.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Foiquei nos resultados que tinha que alcançar no meu trabalho.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Sou capaz de separar os problemas principais dos secundários no trabalho.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Conseguir realizar meu trabalho adequadamente, com um mínimo de tempo e esforço.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Eu planejei meu trabalho de maneira eficiente.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Eu comecei novas tarefas por minha própria iniciativa, quando concluí minhas antigas tarefas.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Eu assumi tarefas de trabalho desafiadoras, quando disponíveis.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Eu me esforço em manter atualizado meu conhecimento sobre o trabalho.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Eu me esforço em manter atualizadas minhas habilidades sobre o trabalho.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Eu proponho soluções criativas para novos problemas.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Eu assumi responsabilidades extras.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Eu continuamente busco novos desafios em meu trabalho.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Eu ativamente participei de reuniões e discussões.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Eu reclamei de assuntos sem importância no trabalho.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Fiz com que pequenos problemas no trabalho se tornassem maiores do que eram.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Concentrei-me em aspectos negativos de uma situação de trabalho, ao invés de focar nos aspectos positivos.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Concentrei-me em aspectos negativos de uma situação de trabalho, ao invés de focar nos aspectos positivos.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Falei com pessoas de fora da organização sobre os aspectos negativos do meu trabalho.

Nunca

0

1

2

3

4

Sempre

Lembre-se dos últimos 3 meses. Em uma escala de 0 a 10 onde 0 é o pior desempenho que alguém pode ter no trabalho e 10 é o melhor desempenho que o melhor trabalhador pode ter no trabalho, o quanto você avaliaria o desempenho usual de trabalhadores similares a você?

Pior desempenho

0

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Melhor desempenho

Usando a mesma escala, no período de 3 meses, o quanto você avalia o seu desempenho geral?

Desempenho péssimo

0

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Desempenho ótimo

Avaliação geral de saúde (Escala de Presenteísmo)

Para cada uma das afirmações, marque um número para demonstrar o seu grau de concordância em relação ao item que descreve as suas experiências de trabalho no último ano que envolveram algum problema de saúde (como dores de cabeça, dores nas costas, depressão, alergias e outros).

Marque de 1 a 5, em que 1 é discordo totalmente e 5 é concordo totalmente. Caso não tenha ficado doente, marque NA (não se aplica).

Devido ao meu problema de saúde, as dificuldades que normalmente fazem parte do meu trabalho foram mais complicadas de gerir.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Não se aplica.

Apesar do meu problema de saúde consegui terminar as tarefas difíceis do trabalho.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Não se aplica.

O meu problema de saúde inibiu-me de sentir prazer no trabalho.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Não se aplica.

Senti-me desesperado (a) na concretização de determinadas tarefas de trabalho devido ao meu problema de saúde.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Não se aplica.

No trabalho, consegui concentrar-me na concretização dos meus objetivos, apesar do meu problema de saúde.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Não se aplica

Senti-me com energia suficiente para completar todo o meu trabalho, apesar do meu problema de saúde.

1 - discordo totalmente

2

3

4

5 - concordo totalmente

Não se aplica.

Escalas de estilos de vida

Escala de Materialismo

Responda os itens seguintes em uma escala tipo Likert de 5 pontos, em que 1 é discordo totalmente e 5 é concordo parcialmente.

Geralmente, eu só compro aquilo que preciso.

discordo totalmente

1

2

3

4

5

concordo totalmente

Se eu pudesse comprar algumas coisas que não tenho, minha vida seria bem melhor do que é hoje.

discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

concordo totalmente

As coisas boas que eu tenho mostram quem eu sou.

discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

concordo totalmente

Eu seria mais feliz ainda se pudesses comprar algumas coisas que hoje não posso.

discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

concordo totalmente

Eu consigo dizer quem é bem sucedido só de olhar o que a pessoa tem.

discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

concordo totalmente

Quando estou triste, faço compras para me sentir melhor.

discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

concordo totalmente

Sou uma pessoa muito simples e não gosto de comprar quase nada.

discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

concordo totalmente

O que eu tenho mostra se estou bem de vida.

discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

concordo totalmente

Eu tenho tudo o que preciso para aproveitar a vida.

discordo totalmente

- 1

2
3
4
5

concordo totalmente

Para ser mais feliz, eu preciso conseguir comprar algumas coisas que hoje ainda não posso.

discordo totalmente

1
2
3
4
5

concordo totalmente

Aquilo que uma pessoa tem mostra algumas das conquistas mais importantes na vida.

discordo totalmente

1
2
3
4
5

concordo totalmente

Eu sinto prazer em fazer compras.

discordo totalmente

1
2
3
4
5

concordo totalmente

Quando o assunto é consumo e bens materiais, eu tento levar uma vida simples.

discordo totalmente

1
2
3
4
5

concordo totalmente

Às vezes eu compro coisas sem muita utilidade e eu até gosto disso.

discordo totalmente

1
2
3
4
5

concordo totalmente

Eu gosto de coisas chiques e luxuosas.

discordo totalmente

1
2
3
4
5

concordo totalmente

Às vezes eu fico um pouco chateado (a) por não poder comprar tudo o que gostaria.

discordo totalmente

1
2
3
4
5

concordo totalmente

Se eu pudesse ter muitas coisas boas e melhores do que as que tenho hoje, eu não seria nem um pouco mais feliz.

discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

concordo totalmente

Escala de Simplicidade Voluntária

Responda os item seguintes em uma escala tipo Likert de 5 pontos, em que 1 é discordo totalmente e 5 é concordo parcialmente.

Sigo plenamente um estilo de vida simples e só compro o necessário.

discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

concordo totalmente

Nunca compro por impulso.

discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

concordo totalmente

Só faço compras depois de ponderar seriamente se um item é absolutamente necessário.

discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

concordo totalmente

Preocupo-me mais com o crescimento e a realização pessoal do que com os bens materiais

discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

concordo totalmente

Mesmo quando tenho dinheiro, nunca compro coisas inesperadamente.

discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

concordo totalmente

No futuro, quero cultivar os meus próprios alimentos.

discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

concordo totalmente

No futuro, quero produzir os meus próprios bens (como roupas e ferramentas)
discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

concordo totalmente

Eu adotaria um estilo de vida simples mesmo que pudesse viver extravagante
discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

concordo totalmente

Um estilo de vida simples me torna financeiramente independente de outras pessoas.
discordo totalmente

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

concordo totalmente

Apêndice D - Análise Fatorial Confirmatória das escalas

Nesta subseção, serão apresentados a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) das escalas de Bem-estar no Trabalho (Paschoal & Tamayo, 2008), Desempenho no Trabalho (Koopmans et al., 2014), Materialismo (Garcia, 2009) e Simplicidade Voluntária (Iwata, 2006), assim como os índices de confiabilidade Alpha de Cronbach e Ômega de McDonald do fator de cada escala.

Bem-estar no trabalho

A Tabela 12 apresenta as cargas fatoriais da escala de Bem-estar no trabalho (Paschoal & Tamayo, 2008) para cada fator

Tabela 12

Cargas fatoriais de bem-estar no trabalho

Fator	Indicador	Estimativas	Erro-padrão	Z	p
Afetos positivos	[Animado (a)]	0.961	0.0525	18.32	<.001
	[Entusiasmado (a)]	1.000	0.0567	17.65	<.001
	[Feliz]	0.999	0.0578	17.28	<.001
	[Empolgado (a)]	1.038	0.0591	17.56	<.001
Afetos negativos	[Irritado (a)]	1.006	0.0593	16.96	<.001
	[Chateado (a)]	1.011	0.0630	16.06	<.001
	[Impaciente]	1.007	0.0651	15.47	<.001
	[Nervoso (a)]	0.983	0.0674	14.59	<.001
	[Tenso (a)]	0.970	0.0691	14.03	<.001
Realização pessoal	Desenvolvo habilidades que considero importantes.	0.667	0.0577	11.56	<.001
	Consigo recompensas importantes para mim.	0.653	0.0757	8.64	<.001
	Realizo o meu potencial.	0.959	0.0572	16.76	<.001
	Realizo atividades que expressam minhas capacidades.	0.957	0.0574	16.69	<.001
	Supero desafios.	0.529	0.0571	9.27	<.001

Fonte: elaborado pelo autor, com o uso do *Jamovi*.

Observa-se que todos os itens do fator afetos positivos e do fator afetos negativos

apresentaram cargas estatisticamente significativas próximas a 1, indicando uma relação forte entre os itens e o construto a que se referem. Nos itens de realização pessoal, pode-se verificar que todos os itens são significativos, variando de cargas moderadas até cargas fortes. Em relação a validação interna, o fator afeto positivo apresentou um índice de confiabilidade alfa de Cronbach de 0,94 e ômega de McDonald de 0,91. O fator afeto negativo apresentou um índice de confiabilidade alfa de Cronbach de 0,91 e ômega de McDonald de 0,91. Por fim, o fator realização com o trabalho apresentou um índice de confiabilidade alfa de Cronbach igual a 0,82 e ômega de McDonald de 0,84. Em relação ao ajuste do modelo, a razão do χ^2 ficou em 2,17 ($\chi^2 = 161$; $g.l. = 74$; $p < 0,001$), com *CFI*, *TLI* e *SRMR* satisfatórios (0,96; 0,95 e 0,06 respectivamente) e *RMSEA* razoável (0,07; *I.C.* = 0,05 - 0,08). Desta forma, observa-se que a escala de Bem-estar no Trabalho apresentou bom ajuste ao modelo.

Materialismo

A Tabela 13 apresenta as cargas fatoriais da escala de Materialismo (Richins, 2004) adaptada por Garcia (2009) para cada fator.

Tabela 13

Cargas fatoriais de materialismo

Fator	Indicador	Estimativas	Erro-padrão	Z	p
Centralidade	Geralmente, eu só compro aquilo que preciso.	0.700	0.0834	8.39	<.001
	Sou uma pessoa muito simples e não gosto de comprar quase nada.	0.854	0.0823	10.38	<.001
	Eu sinto prazer em fazer compras.	-0.759	0.0880	-8.62	<.001
	Quando o assunto é consumo e bens materiais, eu tento levar uma vida simples.	0.659	0.0769	8.58	<.001
	Às vezes eu compro coisas sem muita utilidade e eu até gosto disso.	-0.464	0.0841	-5.51	<.001
	Eu gosto de coisas chiques e luxuosas.	-0.655	0.0874	-7.49	<.001
Sucesso	Aquilo que uma pessoa tem mostra algumas das conquistas mais importantes na vida.	0.866	0.0790	10.96	<.001

Tabela 13*Cargas fatoriais de materialismo*

Fator	Indicador	Estimativas	Erro-padrão	Z	p
	O que eu tenho mostra se estou bem de vida.	0.762	0.0744	10.23	<.001
	Eu consigo dizer quem é bem sucedido só de olhar o que a pessoa tem.	0.797	0.0720	11.07	<.001
	As coisas boas que eu tenho mostram quem eu sou.	0.703	0.0853	8.25	<.001
Felicidade	Se eu pudesse ter muitas coisas boas e melhores do que as que tenho hoje, eu não seria nem um pouco mais feliz.	0.423	0.0794	5.34	<.001
	Às vezes eu fico um pouco chateado (a) por não poder comprar tudo o que gostaria.	-0.991	0.0809	- 12.24	<.001
	Se eu pudesse comprar algumas coisas que não tenho hoje, minha vida seria bem melhor do que é hoje.	-1.093	0.0779	- 14.02	<.001
	Eu seria mais feliz ainda se pudesse comprar algumas coisas que hoje não posso.	-1.263	0.0757	- 16.68	<.001
	Quando estou triste, faço compras para me sentir melhor.	-0.432	0.0787	-5.50	<.001
	Eu tenho tudo o que preciso para aproveitar a vida.	0.507	0.0813	6.24	<.001
	Para ser mais feliz, eu preciso conseguir comprar algumas coisas que hoje ainda não posso.	-1.104	0.0784	- 14.08	<.001

Fonte: elaborado pelo autor.

Observa-se que todos os itens de Sucesso apresentaram cargas fortes e estatisticamente significativas. Nos itens de centralidade, os itens se mostraram significativos estatisticamente, com cargas variando de moderada a forte, porém o item “Às vezes eu compro coisas sem muita utilidade e eu até gosto disso.” apresentou carga fraca, indicando que ele pode não representar

bem o fator. Nos itens de felicidade, pode-se verificar que todos os itens são significativos e a maioria possui carga forte/moderada, porém os itens “Se eu pudesse ter muitas coisas boas e melhores do que as que tenho hoje, eu não seria nem um pouco mais feliz.” e “Quando estou triste, faço compras para me sentir melhor.” apresentaram cargas fracas, indicando que os itens podem não representar bem o fator desempenho contextual. Para verificar se esses itens continuariam ou não na análise, verificou-se o alfa de Cronbach e o ômega de McDonald dos fatores e as estatísticas de confiabilidade por item, caso este fosse eliminado. A Tabela 14 apresenta o índice de confiabilidade de Centralidade por item.

Tabela 14

Cargas fatoriais de centralidade

	Se o item for eliminado	
	α de Cronbach	ω de McDonald
Geralmente, eu só compro aquilo que preciso.*	0.688	0.695
Sou uma pessoa muito simples e não gosto de comprar quase nada.*	0.674	0.679
Eu sinto prazer em fazer compras.	0.692	0.701
Às vezes eu compro coisas sem muita utilidade e eu até gosto disso.	0.724	0.734
Eu gosto de coisas chiques e luxuosas.	0.720	0.722
Quando o assunto é consumo e bens materiais, eu tento levar uma vida simples*	0.702	0.705

^a item invertido

Fonte: elaborado pelo autor.

O fator centralidade apresentou um índice de confiabilidade alfa de Cronbach de 0,737 e ômega de McDonald de 0,741. Ao comparar o índice do fator com os índices por item, observa-se que não há melhora estatisticamente significativa ao tirar um dos itens. Dessa forma, optou-se por manter todos os itens. A Tabela 15 apresenta o índice de confiabilidade de Felicidade por item.

Tabela 15*Cargas fatoriais de felicidade*

	Se o item for eliminado	
	α de Cronbach	ω de McDonald
Se eu pudesse ter muitas coisas boas e melhores do que as que tenho hoje, eu não seria nem um pouco mais feliz.*	0.818	0.826
Às vezes eu fico um pouco chateado (a) por não poder comprar tudo o que gostaria.	0.761	0.774
Para ser mais feliz, eu preciso conseguir comprar algumas coisas que hoje ainda não posso.	0.755	0.765
Eu tenho tudo o que preciso para aproveitar a vida.*	0.804	0.814
Quando estou triste, faço compras para me sentir melhor.	0.821	0.828
Eu seria mais feliz ainda se pudesse comprar algumas coisas que hoje não posso.	0.741	0.749
Se eu pudesse comprar algumas coisas que não tenho hoje, minha vida seria bem melhor do que é hoje.	0.760	0.769

* item invertido

Fonte: elaborado pelo autor.

O fator felicidade apresentou um índice de confiabilidade alfa de Cronbach de 0,808 e ômega de McDonald de 0,815. Ao comparar o índice do fator com os índices por item, observa-se que não há melhora estatisticamente significativa ao tirar um dos itens. Dessa forma, optou-se por manter todos os itens. Em relação a validação interna de sucesso, o fator apresentou um índice de confiabilidade alfa de Cronbach de 0,744 e ômega de McDonald de 0,750. Em relação ao ajuste do modelo, a razão do χ^2 ficou em 3,98 ($\chi^2 = 462$; *g.l.* = 116; $p < 0,001$), com *CFI* e *TLI* moderados (0,763 e 0,722, respectivamente) e *RSMR* e *RMSEA* fracos (0,09 e 0,109; *I.C.* = 0,099 - 0,120, respectivamente). Desta forma, observa-se que a escala de Materialismo apresentou um ajuste razoável ao modelo.

Simplicidade Voluntária

A Tabela 16 apresenta as cargas fatoriais da escala de Simplicidade Voluntária (Iwata, 2006) para cada fator.

Tabela 16*Cargas fatoriais de materialismo*

Fator	Indicador	Estimativas	Erro-padrão	Z	p
Ponderação no ato de comprar	Sigo plenamente um estilo de vida simples e só compro o necessário.	0.886	0.0693	12.79	<.001
	Nunca compro por impulso.	1.037	0.0683	15.18	<.001
	Só faço compras depois de ponderar seriamente se um item é absolutamente necessário.	1.089	0.0687	15.85	<.001
	Mesmo quando tenho dinheiro, nunca compro coisas inesperadamente.	1.047	0.0737	14.21	<.001
Desejo por uma vida simples	Preocupo-me mais com o crescimento e a realização pessoal do que com os bens materiais	0.548	0.0771	7.10	<.001
	Eu adotaria um estilo de vida simples mesmo que pudesse viver extravagante.	1.069	0.0864	12.38	<.001
	Um estilo de vida simples me torna financeiramente independente de outras pessoas.	0.730	0.0871	8.39	<.001
Autossuficiência	No futuro, quero cultivar os meus próprios alimentos.	1.011	0.0856	11.81	<.001
	No futuro, quero produzir os meus próprios bens (como roupas e ferramentas).	0.960	0.0750	12.80	<.001

Fonte: elaborado pelo autor.

Observa-se que todos os itens de Ponderação no ato de comprar e autossuficiência apresentaram cargas fortes e estatisticamente significativas. Nos itens de desejo por uma vida simples, os itens se mostraram significativos estatisticamente, com cargas variando de moderada a forte. Em relação ao ajuste do modelo, a razão do χ^2 ficou em 2,36 ($\chi^2 = 56,6$; *g.l.* = 24; $p < 0,001$), com *CFI*, *TLI* e *RSMR* satisfatórios (0,96, 0,95 e 0,05, respectivamente)

e *RMSEA* razoável (0,074; *I.C.*= 0,049 - 0,099). Em relação a validação interna, o fator Autossuficiência apresentou um índice de confiabilidade alfa de Cronbach de 0,810 e ômega de McDonald de 0,815. O fator Desejo por uma vida simples apresentou um índice de confiabilidade alfa de Cronbach de 0,632 e ômega de McDonald de 0,662. Por fim, o fator Ponderação no ato de comprar apresentou um índice de confiabilidade alfa de Cronbach igual a 0,873 e ômega de McDonald de 0,874. Desta forma, observa-se que, apesar de os índices de Desejo por uma vida simples sejam razoáveis, a escala de Simplicidade Voluntária apresentou um bom ajuste ao modelo ao se considerar.

Dessa forma, observa-se que todas as escalas se mostraram confiáveis e consistentes. As escalas de Bem-estar no trabalho (Paschoal & Tamayo, 2008) e de Simplicidade Voluntária (Iwata, 2006) se mostraram bem ajustadas ao modelo e com boa consistência interna. As escalas de Desempenho no trabalho (Koopmans et al., 2014) e de Materialismo (Garcia, 2009) se mostraram razoavelmente ajustadas e com consistências razoavelmente adequadas. Assim, na próxima seção, será analisado os resultados para o teste da Hipótese 1.

apresenta uma correlação positiva e significativa com ambas as medidas de endividamento. Esses resultados corroboram os achados de Brown e Kasse (2005) e Prawitz et al. (2004), que apontam que o endividamento interfere no bem-estar, reduzindo-o, porém este trabalho avança na literatura ao trazer a dimensão de bem-estar no âmbito organizacional. Em relação ao construto de desempenho, o fator Desempenho com foco na tarefa apresentou uma correlação negativa e significativa com as duas mensurações de endividamento, tal como se havia proposto, avançando na literatura de Gestão de Pessoas.

Além disso, observa-se que o endividamento possui uma correlação positiva e significativa com o materialismo, tanto o percebido quanto a mensuração objetiva, principalmente com o fator felicidade. o materialismo mantém uma correlação positiva e significativa com o endividamento, como apontado por Ponchio e Aranha (2008) e Dittmar et al. (2014). Assim, fornece evidências da ideia de que indivíduos que atribuem alta importância à posse de bens materiais como caminho para felicidade e sucesso (Belk, 1985) tendem a adotar padrões de consumo que excedem sua capacidade financeira (Pirog & Roberts, 2007), recorrendo ao crédito e acumulando dívidas. No contexto brasileiro, essa relação é particularmente evidente, onde o materialismo se manifesta como busca por inclusão social simbólica através do consumo (Ponchio & Aranha, 2008), frequentemente financiado por crédito fácil em uma sociedade de consumo que normaliza o endividamento (Bauman, 2007). O inverso dessa relação reforça ainda mais a conexão positiva entre valores materialistas e comprometimento financeiro, em que a simplicidade voluntária se associa a menor endividamento (Nepomuceno & Laroche, 2015), como pode ser observado pela correlação negativa e significativa do fator ponderação no ato de comprar com as mensurações de endividamento e pela correlação negativa e significativa do fator desejo por uma vida simples com o endividamento percebido.

Ainda, é interessante notar que a idade apresentou uma correlação negativa e significativa com os fatores Centralidade e Felicidade, porém uma correlação positiva com Sucesso, indicando uma causa geracional (ou seja, uma mudança de valores de uma geração para outra) ou uma mudança de perspectiva ao envelhecer, assim, quanto maior a idade do servidor, maior a tendência de não enxergar os bens materiais como fonte de prazer e/ou como algo central na vida, porém maior a tendência a julgar as pessoas a partir dos bens materiais que possuem. De maneira similar, a Simplicidade Voluntária e seus fatores apresentaram uma correlação positiva e significativa com a idade, contribuindo com a idade apresentada anteriormente.

Também, a tabela 17 mostra que, como discutido por Pérez-Nebra et al. (2021), a depender da dimensão analisada de bem-estar e de desempenho, a força da correlação entre essas variáveis muda, podendo ser fraca (e.g., desempenho contextual e afetos positivos), moderada (e.g., bem-estar e desempenho geral) ou próxima a 0 (e.g., desempenho contextual e afetos negativos), trazendo evidências empíricas de que essa relação não é linear, como aponta o HPW, corroborando com os achados de Ayala et al. (2017), Peiró et al. (2014; 2015; 2019) e Pérez-Nebra et al. (2021). Em relação ao construto de bem-estar, é importante observar que tanto bem-estar no trabalho quanto realização no trabalho e afetos positivos apresentam uma correlação negativa e significativa com o materialismo e que afetos negativos tem correlação positiva e significativa com o materialismo, principalmente em relação ao fator felicidade. Esses resultados corroboram os achados de Dittmar et al. (2014) e Kasser e Ryan (1993), que apontam que o materialismo interfere no bem-estar, reduzindo-o, porém este trabalho avança na literatura ao trazer a dimensão de bem-estar no âmbito organizacional. Além disso, observa-se que a Simplicidade voluntária apresenta correlação positiva e significativa com o bem-estar no trabalho e o fator Desejo por uma vida simples apresenta correlação positiva e significativa com o construto de bem-estar e os fatores afetos positivos e realização no trabalho, o que indica que a adoção de um estilo de vida com o foco no anticonsumo pode incrementar nos bem-estar do indivíduo, inclusive na esfera do trabalho. Em relação ao desempenho no trabalho, o construto Materialismo apresentou correlação negativa e significativa estatisticamente com o Desempenho geral e as dimensões de Desempenho com foco na tarefa e uma correlação positiva e significativa estatisticamente com o Desempenho contraproducente, indicando que maior o nível de materialismo do servidor menor seu desempenho. Dentre os fatores de Materialismo, destacam-se a Centralidade e a Felicidade que se correlacionaram negativamente, de maneira significativa, com o desempenho geral e o fator desempenho com foco na tarefa, e positivamente com o desempenho contraproducente. Isso indica que quanto mais o indivíduo tem como valores a centralidade dos bens materiais na vida do indivíduo e a felicidade que se atribui a compra/posse de bens materiais, menor será seu desempenho. O inverso ocorre ao se analisar o desempenho com o estilo de vida Simplicidade voluntária, que possui uma correlação positiva com desempenho e seus fatores Desempenho com foco na tarefa e desempenho contextual e uma correlação negativa com desempenho contraproducente, que pode ser visualizado também pelos fatores Ponderação no ato de comprar (que teve uma correlação similar ao seu construto) e Desejo por uma vida simples (que se correlaciona positivamente com Desempenho e desempenho com foco na tarefa). Isso indica que adoção de um estilo de vida de anticonsumo pode incrementar no nível de desempenho de um indivíduo, o que avança na literatura, fornecendo evidências

empíricas de que valores e práticas de consumo consciente podem transcender o âmbito pessoal, repercutindo positivamente na esfera laboral.